



SATHYA SAI VAHINI



por Bhagavan Sri Sathya Sai Baba



SATHYA SAI VAHINI

Bhagavan Sri Sathya Sai Baba

Copyright 2008 © by Fundação Bhagavan Sri Sathya Sai Baba do Brasil

Todos os direitos reservados:

Os direitos autorais e de tradução em qualquer língua são de direito dos publicadores. Nenhuma parte, passagem, texto, fotografia ou trabalho de arte pode ser reproduzido, transmitido ou utilizado, seja no original ou em traduções sob qualquer forma ou por qualquer meios, eletrônicos, mecânicos, fotocópia, gravação ou por qualquer meio de armazenamento, exceto com devida permissão por escrito de Sri Sathya Sai Books & Publications Trust, Prasanthi Nilayam (Andhra Pradesh) Índia.

Publicado por:

Fundação Bhagavan Sri Sathya Sai Baba do Brasil

Rua Pereira Nunes, 310 – Vila Isabel CEP: 20511-120 – Rio de Janeiro – RJ Televidas: (21) 2288-9508

E-mail: fundacao@fundacaosai.org.br Loja virtual: www.fundacaosai.org.br Site Oficial no Brasil: www.sathyasai.org.br

Tradução:

Coordenação de Publicação /Conselho Central Organização Sri Sathya Sai do Brasil

Organização Sri Sathya Sai do Brasil www.sathyasai.org.br

SUMÁRIO

Querido buscador!	4
1. A Suprema Realidade	9
3. Somente O Uno	23
4. O Milagre dos Milagres.....	30
5. Crença Básica	36
6. Religião é Experiência	43
7. Seja Você Mesmo.....	49
8. Escravidão	55
9. Um com o Uno	60
10. Os Yogis.....	64
11. Valor Dos Vedas	78
12. Valores nos Textos Posteriores.....	84
13. O Avatar como Guru.....	94
14. Isto e Aquilo	107
15. Níveis e Estágios	112
16. O HOMEM E DEUS.....	116
17. Cor e Casta?	122
18. Atividade e Ação.....	129
19. Prece	136
20. Propósito Primordial	143
21. O Questionamento Íntimo	157
22. Verdades Eternas	170
23. Modos de Veneração	192
24. O corpo Divino	207

QUERIDO BUSCADOR!

Bhagavan anunciou a Si mesmo como o Divino Professor da Verdade, da Beleza e da Bondade. Pelo ensinamento e pelo exemplo, através de Seus escritos e discursos, cartas e conversações, Ele está inculcando a suprema sabedoria e instruindo toda a humanidade para a vida correta, a paz interior e o amor universal. Quando o Ramakatha Rasa Vahini, o autêntico e singularmente doce fluir da história de Rama, foi relatado na íntegra, em capítulos, na Sanathana Sarathi¹, Bhagavan abençoou os leitores com uma nova série que Ele chamou de Bharatiya Paramartha Vahini — O Fluir dos Valores Espirituais Indianos. Enquanto esses preciosos ensaios a respeito das verdades básicas, que promovem e alimentam a cultura indiana, desde tempos anteriores à própria história, estavam sendo publicados, Bhagavan decidiu continuar com o fluir da iluminação e instrução sob um nome mais abrangente e significativo, Sathya Sai Vahini — o Rio Ganges dos Pés de Lótus do Senhor — “O Fluir da Divina Graça de Sathya Sai”. Este livro, portanto, contém os dois Vahinis que se fundiram em uma única corrente principal.

Inaugurando esta série, Bhagavan escreveu, para publicação na Sanathana Sarathi: *“Movido pelo anseio de esfriar o ardor do conflito e mitigar a sede agonizante por ‘conhecimento a respeito de si mesmo’ que os aflige, vejam, chega agora O Fluir da Divina Graça de Sathya Sai — Sathya Sai Vahini, onda após onda, tendo a Sanathana Sarathi como o meio entre vocês e Eu.”* Com infinita compaixão, esta

1. O Eterno Condutor, revista mensal publicada em Prasanthi, desde 1957. No Brasil, a partir de fevereiro de 2007, ela está sendo publicada no site da Organização Sai do Brasil. (Organização Sri Sathya Sai do Brasil www.sathyasai.org.br)

encarnação Sathya Sai da Vontade Suprema está dando, a milhões de pessoas em todos os lugares, a libertação da doença, do abandono e do desespero, dos narcóticos, do narcisismo e do niilismo. Está encorajando aos que sofrem de depressão por voluntária cegueira a acender a Lâmpada do Amor para verem o mundo e a Lâmpada da Sabedoria para verem a si mesmos. *“Este é um mundo tantalizante verdadeiro-falso; sua aparente diversidade é uma ilusão; ele é UNO, mas é visto pela visão múltipla e deformada dos humanos como Muitos”*, diz Bhagavan. O livro é a Lâmpada gêmea que Ele criou para nós.

O Senhor Krishna retirou Arjuna da depressão para onde ele levou sua mente, no exato momento em que o dever o chamou a ser ele mesmo — o famoso guerreiro, preparado e ansioso por lutar a favor do correto e contra o mal. Krishna efetuou a cura lembrando-o do Atma (a Alma) que era sua realidade e do fato de Ele e Arjuna serem o mesmo Atma. Bhagavan diz que também temos a tendência de sermos muito facilmente capturados *“nas espirais da inteligência e nas malhas da lógica dialética. A chave do sucesso no empreendimento espiritual (e o que vale a vida se ela não é dedicada a esse elevado empreendimento?) é a investigação filosófica e o progresso moral, ambos culminando na consciência do Atma, a fonte e a soma de toda a energia e atividade que existem.”* Todos nós somos motivados pelo medo, dúvida e apego como Arjuna o foi. Todos hesitam na encruzilhada entre isto e Aquilo, a onda e o oceano.

Mas, criados à Sua Imagem, somos *“o milagre dos milagres”*. Bhagavan diz, *“O que não estiver no homem não estará em nenhum lugar fora dele. O que estiver visível fora dele nada mais é do que um reflexo grosseiro do que realmente está dentro dele”*. *“O Atma é livre; ele é Pureza; ele é Plenitude; ele é ilimitado; seu centro é o corpo, mas*

sua circunferência está além do além”. “Ao homem foi concedido um super-intelecto que pode reconhecer a existência do Atma, que pode lutar para trazê-lo à consciência e ter sucesso nisto”.

“Todavia, pouquíssimos são suficientemente humanos para procurar saber quem são, por que estão aqui, de onde vieram e para onde irão a partir daqui. Eles se movem com nomes temporários, envoltos em corpos transitórios, em permanente mutação. Assim, Bhagavan nos conclama: *“Ouçam! Filhos da Imortalidade! Ouçam! Ouçam a mensagem dos rishis (sábios) que possuíam a Visão da Mais Majestática Pessoa, o Purushottama, o Principal e o Primeiro que está além dos reinos da Ilusão e da Desilusão. Oh, seres humanos! Vocês são, por natureza, eternamente plenos. Vocês são, em verdade, Deus se movendo na Terra. Há maior pecado do que serem chamados ‘pecadores’? Quando aceitam esta designação, estão se difamando. Ergam-se! Abandonem o sentimento humilhante de que são ovelhas. Não se conformem com tal idéia. Vocês são o Atma. Vocês são gotas Divinas e Imortais de Néctar da Verdade Imortal (amrita), da Beleza, da Bondade. Vocês não têm nem princípio nem fim. Todas as coisas materiais são suas escravas; vocês não são escravos delas, como imaginam agora.”*

Bhagavan diz, *“Através da prática incessante da Verdade, da Ação Correta e da Firmeza, a Divindade adormecida no indivíduo deve ser induzida a se manifestar na vida diária, transformando-a na alegria do verdadeiro amor”. “Conheçam a Realidade Suprema; respirem-Na, banhem-se Nela, vivam Nela, assim Ela se tornará inteiramente vocês e vocês se tornarão plenamente Ela”.* Um objeto material não se exprime por si próprio ou svatah prakasha. Ele depende completamente da capacidade de conhecimento ou chit-shakti do Atma individualizado

para sua manifestação ou prakasha. O mundo relativo dos objetos é dependente da consciência relativa do Jivi ou Atma individualizado. Quando o objeto é escrutinado e a verdadeira base da pluralidade é compreendida, Brahman, o Ser Supremo, como o Primeiro Princípio, é aceito como uma necessidade lógica. Posteriormente, quando o controle dos sentidos, a limpeza da mente, a concentração e o silêncio interno são obtidos, o que surgiu como uma necessidade lógica aparece na consciência purificada como a Vontade Impessoal Positiva Permanente (Prajñanam Brahma), cuja expressão é tudo isto.

O Fluir da Divina Graça de Sathya Sai — Sathya Sai Vahini nos revela, em termos inconfundíveis, que o ser no homem *“não é outro senão o Ser Supremo ou Deus”*. Afirma para nós que isto é verdadeiro, não somente para a humanidade como também para todos os seres, em todo e qualquer lugar! De fato, *“A Vontade causa esta multiplicidade irreal do Cosmos no Uno que Ele é. Ele pode, pela mesma Vontade, acabar com o fenômeno.”* *“O Ser (Deus) está por trás do vir-a-ser e o vir-a-ser se funde no Ser. Esse é o Jogo eterno”*, diz Bhagavan.

Como Bhagavan escreve, *“o objetivo supremo da educação, o mais elevado propósito da instrução, é nos ajudar a nos tornarmos conscientes do imanente Impessoal Universal.”* Sathya Sai, em Seu papel como o Professor dos Professores, está nos instruindo aqui para esta suprema aventura da alma. Buscadores trilhando este caminho têm Nele um guia e guardião compassivo, pois Ele é a personificação da própria Vontade que planejou o Jogo.

Enquanto somos levados, através do vale deste raio de luz – vahini, pelas mãos de Bhagavan, Ele nos exorta a admirar, apreciar e adorar os videntes e sábios de muitas terras que foram pioneiros neste campo e estabeleceram limites e fronteiras, disciplinas e práticas pre-

paratórias para suavizar a senda e acelerar a descoberta da Verdade. Ele escreve sobre os Vedas e textos espirituais posteriores, sobre as Formas de Veneração que sobreviveram ao teste de séculos de leal aceitação e sobre os Códigos Disciplinares estabelecidos para os quatro estágios da vida humana e para os seres humanos com pronunciadas características congênicas – aqueles de ascensão vertical pura (sátvico), aqueles de expansão horizontal ativa (rajásico) e os de inércia e decadência (tamásico). Esclarece o papel do karma (ação) e sua conseqüência. *“Como uma frágil embarcação em um mar bravio, o homem galga uma onda gigantesca e alcança sua crista espumante. No próximo instante, ele é arremessado ao fundo, só para subir novamente. Subida e descida são ambas as conseqüências de seus próprios atos. Eles criam o palácio e a prisão para o homem. Alegria ou tristeza são o eco, reflexo ou reação de suas próprias ações. O Jivi pode escapar de ambas cultivando a atitude de testemunha, não envolvido nas atividades que deve fazer.”* Bhagavan escreve sobre Yoga como o processo da *“união do Jivatma e Paramatma, o Ser e o Ser Supremo”* e aperfeiçoa a senda do amor (bhakti), da atividade inegoísta (karma), do domínio sobre a mente (raja), da sublimação da consciência (jñana). Bhagavan analisa os direitos e responsabilidades do indivíduo e da sociedade e nos revela que seu único e fundamental propósito é a realização espiritual.

Resumindo, O Fluir da Divina Graça de Sathya Sai é a Gita dada a nós pela Pessoa que, como Sanathana Sarathi (o Eterno Condutor), está ansiosa e pronta a segurar as rédeas de nossos sentidos, mente, consciência, ego e intelecto, e nos guiar com segurança a Prasanthi Nilayam, a Morada da Paz Suprema, a meta de toda a humanidade.

Possamos todos ser abençoados por Seu Amor e Graça.

N. Kasturi

1. A SUPREMA REALIDADE

O processo da vida tem como seu propósito e significado a realização do Supremo. Por Supremo queremos dizer o Atma². Todos aqueles que cresceram na cultura indiana — os bharatiyas — sabem que o Atma está em todo lugar. Mas, quando lhes perguntam como eles conheceram isto, alguns asseguram que os Vedas³ lhes ensinaram, alguns citam textos dos Shastras⁴ e outros confiam no testemunho vivido pelos grandes sábios. Cada um baseia suas conclusões e comprova sua correção de acordo com a agudeza de seu intelecto. Muitos grandes homens orientaram sua inteligência para a descoberta do Atma onipresente e conseguiram visualizar aquele Divino Princípio. Neste país, Bharat, eles possuem evidências da bem-sucedida realização dos objetivos, apresentados a eles por pregadores, sábios, aspirantes e ascéticos que tentaram diligentemente obtê-los. Todavia, dentre milhões de homens, só alguns poucos conseguiram visualizar o Atma Universal.

A nenhum outro ser vivo foram concedidas a inteligência e a facilidade discriminativa elevadas a um grau que permitam visualizar o Atma. Esta é a razão pela que o homem é aclamado como a coroa da criação e por que os Shastras proclamam que a oportunidade do nascimento humano é uma sorte muito rara. O homem possui as qualificações necessárias para procurar a causa da Criação; ele

2. A Centelha Divina, ou Eu Verdadeiro. A realidade última de todos os seres segundo o hinduísmo.

3. Escrituras sagradas dos hindus, as mais antigas e sagradas obras sânscritas, que devem ter sido ensinadas há, pelo menos, 25.000 anos atrás.

4. Leis das escrituras regendo a conduta, a arte, a ciência, o governo etc.

possui em seu interior o anseio e a capacidade. Está utilizando o Universo Criado para promover sua paz, prosperidade e segurança; utiliza as forças e coisas da Natureza para promover sua felicidade e prazer. Isto é aprovado pelos próprios Vedas.

Os Vedas são a autoridade para a crença de milhões. Eles são a própria palavra de Deus. Os hindus acreditam que os Vedas não têm início e nem fim. Deus fala ao homem. Eles não são livros escritos por autores. São revelações concedidas por Deus a muitos investigadores a respeito da senda para alcançar a Meta Suprema. Existiam antes de serem revelados como sendas válidas e continuarão válidos mesmo se o homem esquecer a senda. Eles não se originaram em um período de tempo e nem poderão ser apagados em qualquer outro momento. O dharma⁵ que os Vedas nos permitem vislumbrar é também sem início ou fim, pois se refere à Meta Suprema.

Naturalmente, alguns poucos argumentarão que, embora se reconheça que o dharma relativo à meta suprema não tenha fim, certamente deve ter tido um início. Os Vedas declaram que o ciclo criação-dissolução não tem um ponto onde começa nem tem um ponto onde termina. É uma roda contínua. E não há mudança na quantidade de Energia Cósmica; seja de aumento ou de redução, é sempre a mesma, para sempre estabelecida em Si mesma. O Criado e o Criador são duas linhas paralelas, com seu início desconhecido e seu fim incompreensível. Eles se movem eternamente, a distâncias iguais entre si. Embora Deus seja sempre ativo, Sua Vontade e Poder subjacentes não são claros ao intelecto humano.

.....

5. A Lei Justa, segundo a natureza essencial de cada ser; justiça; ação-correta; virtude; destino; a contribuição geral e o lugar de cada um no esquema da vida, segundo seu desenvolvimento espiritual.

O Supremo, de acordo com os bharatiyas (herdeiros da cultura indiana), é a própria vastidão. Ele se eleva aos grandes céus e vaga livremente em tal expansão. Isto foi declarado, em termos claros, muito antes do período histórico. O estudo desse conceito do Supremo e sua propagação sofreram sérios contratemplos no curso da história. Mas ele confrontou cada um com sucesso e hoje se mostra vivo e alerta. Esta é a prova da força inata desta revelação. As concepções da Meta Suprema como estabelecido no judaísmo, cristianismo e zoroastrismo tentaram colocar em suas categorias o conceito indiano e transfundi-lo como parte de si próprios; mesmo assim, ele não aceita a condição de estrangeiro em seu próprio "local" de nascimento. Por outro lado, esclareceu àquelas religiões suas próprias concepções do Supremo e enfatizou a Unidade de todos os pontos de vista, estabelecendo uma cordialidade baseada na ausência de diferenças. Enquanto o fluxo do conhecimento relativo à Meta Suprema descoberto pelos santos indianos fluía, as concepções das outras crenças permaneciam como lagos ao seu redor.

Na própria Índia (Bharat), muitas seitas nasceram da crença principal como cogumelos. Elas tentaram arrancar pelas raízes ou causar estrago mortal à concepção básica do hinduísmo relacionada à Realidade, o Supremo. Mas, como em um terrível terremoto em que as águas do mar recuam só para retornar com uma fúria mil vezes maior, rugindo de volta à margem que elas pareceram abandonar, este fluxo de sabedoria bharatiya foi restaurado à primitiva glória, quando pairou acima das confusões e conflitos da história. Quando as agitações se acalmaram, ela atraiu as variadas seitas que distraíam as mentes do homem e fundiu-as na sua forma expansiva. O princípio do Atma dos indianos é todo-abrangente, todo-revelador, que tudo explica e todo-poderoso.

Desenvolver fé no Princípio do Atma e amá-lo sinceramente — esta é a autêntica veneração. O Atma é o único, o bem-amado para o homem. Sintam que ele é mais passível de ser amado do que qualquer outro objeto, aqui ou além — esta é a verdadeira adoração que o homem pode oferecer a Deus. Isto é o que os Vedas ensinam. Os Vedas não ensinam a aceitação de um monte de regras e prescrições, assustadoramente duras; eles não criam uma prisão onde o homem fica encerrado nas grades da causa e efeito. Eles nos ensinam que existe o Uno que é o soberano subjacente a todas estas regras e restrições, o Uno que é o cerne de cada objeto, cada unidade de energia, cada partícula ou átomo e o Uno sob cujas ordens exclusivas operam os cinco elementos — éter, ar, fogo, água e terra, que O amam, adoram e veneram, dizem os Vedas. Esta é a magnificente filosofia do Amor elaborada nos Vedas.

O supremo segredo é que o homem deve viver no mundo onde nasceu como a flor de lótus que, embora nascida na água, flutua nela sem ser afetada ou molhada por ela. É claro que é bom amar e adorar Deus com o intuito de obter algum fruto, seja aqui ou no além; mas, como não há fruto ou objeto mais precioso do que Deus ou que valha mais a pena que Deus, os Vedas nos recomendam amar a Deus, sem nenhuma ponta de desejo em nossas mentes. Amem, pois devem amar pelas razões do próprio amor; amem a Deus, pois o que quer que Ele possa dar será sempre menos do que Ele Próprio; amem unicamente a Ele, sem qualquer outro anseio ou pedido.

Este é o Supremo Ensino dos bharatiyas (filhos de Bharat). Dharmaraja, o mais velho dos irmãos Pandava, como apresentado no Mahabharata⁶, é o ideal deste tipo de amante a Deus. Quando

6. "A Grande Índia" — um poema épico hindu, provavelmente o mais extenso poema do mundo, com 220.000 versos.

ele perdeu seu vasto império para seus inimigos, que incluía toda a Índia, e teve que viver em cavernas na cordilheira dos Himalaias com sua consorte Draupadi, ela lhe perguntou um dia, abatida em tristeza: *“Senhor! Você é, indubitavelmente, o maior dentre os que seguem, sem titubear, a senda do dharma; assim, como pôde acontecer a você esta terrível calamidade?”*

Dharmaraja respondeu, *“Draupadi! Não se lamente. Olhe esta cordilheira dos Himalaias. Quão magnífica! Quão gloriosa! Quão bela! Quão sublime! É um fenômeno tão esplêndido que amo, sem limites. Ela não me concederá nada, mas é da minha natureza amar o belo, o sublime. Assim, também estou aqui residindo com Amor. A personificação desta sublime beleza é Deus. Este é o significado e a significação do amor por Deus”.*

“Deus é a única entidade que merece ser amada. Esta é a lição que a busca imemorial de nosso povo revelou. Esta é a razão porque eu O amo. Não vou desejar qualquer favor d’Ele. Não vou orar por qualquer dádiva. Deixe-o manter-me onde Ele ama me manter. A mais elevada recompensa do meu amor é o Seu amor, Draupadi! Meu amor não é um artigo comercial.” Dharmaraja compreendeu que o Amor é uma qualidade divina e assim deve ser tratado. Ele ensinou a Draupadi que o Amor é a espontânea natureza dos que estão na consciência do Atma, permanentemente.

O amor que tem o Atma como sua base é puro e sublime; mas como o homem é escravo de várias pseudo-formas de amor, ele se considera um só Jiva, isolado e individualizado, e restringe-se da plenitude e vastidão do amor divino. Portanto, o homem deve conquistar a graça de Deus; quando ele obtém essa graça, o Jivi, ou o indivíduo, será libertado da identificação com o corpo e poderá

se identificar com o Atma. Esta consumação é chamada nos Vedas de “Libertação dos Apegos” (bandhavicchedana), ou “Liberação” (moksha). Para lutar contra a identificação com o corpo e obter a Graça de Deus como o único meio de vitória, foram estabelecidos exercícios espirituais como a investigação filosófica, além do controle dos sentidos (dama) e outras práticas componentes do sadhana (disciplina espiritual) sêxtuplo. Sua prática garantirá a purificação da consciência, que se tornará então um espelho límpido a refletir o objeto; assim, o Atma será claramente revelado. Para o jñanasiddhi (a realização da sabedoria mais elevada), chittashuddhi (a limpeza da consciência) é a Senda Real, pois para o puro de coração isto é fácil de ocorrer. Esta é a verdade central da busca indiana pela Realidade última. É a própria força vital do ensinamento.

O ponto de vista dos indianos é não desperdiçar tempo em discussões e em afirmar sua fé em dogmas. Eles não se regozijam vendo cascas vazias de ostras jogadas na praia. Procuram obter as pérolas das profundezas do mar; mergulham com prazer naquelas profundezas, buscando corajosamente essas pérolas. Os Vedas lhes mostram os ideais a seguir e a senda que leva à realização. O ideal é a consciência da suprema verdade, que está além do conhecimento obtido pelos sentidos do homem. Os Vedas recordam ao homem que o Atma, que não é físico, está em seu “eu” físico, que a personificação da Verdade é o Supremo Atma, o Paramatma. Somente isto é real e permanente; o resto é transitório e evanescente.

Os Vedas tomaram forma só para demonstrar e enfatizar a existência de Deus. Todos os siddhapurushas hindus — aqueles que atingiram o maior objetivo da disciplina espiritual — viajaram pela senda védica e continuaram suas investigações, de acordo com os

ensinamentos védicos. Os Shastras contêm versões autênticas de suas experiências e da bem-aventurança que eles obtiveram. Eles garantem nos Shastras e nas Upanishads, “Nós tivemos a consciência do Atma”. Os hindus não procuram confrontar um dogma ou uma teoria e obter a vitória sobre eles, mas sim testar aquele dogma ou teoria na prática corrente. Seu objetivo não é a mera crença vazia; é o sthiti (o estágio alcançado), o siddhi (a sabedoria conseguida). O objetivo de vida dos bharatiyas (indianos) é atingir a plenitude por meio da disciplina espiritual (sadhana) constante, a plenitude que provém da consciência de sua própria divindade. A fusão com o Divino é a realização da plenitude. Esta é a Vitória Suprema para o hindu ou bharatiya.



2. Da Verdade para A Verdade

Perguntas podem ser feitas, e dúvidas são expressas por muitos, a respeito do estado de uma pessoa após ter atingido a realização, a plenitude da consciência. Sua vida será saturada com insuperável Bem-aventurança, e ela viverá a unidade de pensamento, emoção e conhecimento com todos. Estará em êxtase, imersa no Uno, o Eterno Princípio Divino, que é o único que proporciona alegria no processo de viver. Genuína alegria é isto, e nada mais. Deus é a encarnação da plena e eterna alegria. Aqueles leais à cultura indiana, qualquer que seja a seita ou fé assumida, aceitam este axioma, que *“Deus é a mais alta fonte de alegria”*. Esta mata (conclusão) é aceita como abhimata (a melhor e mais prazerosa).

Plenitude significa integração. Integração significa Uno, e não dois ou três. Não pode então haver lugar para o indivíduo. Quando um Atma individualizado ou Jivi, o ser particularizado e diferenciado, torna-se pleno e íntegro, não há possibilidade de retorno à consciência do mundo objetivo. Algumas dúvidas podem surgir nas mentes de muitos.

Mas esta linha de pensamento não é correta. Quando o Jivi individualizado se fixa na totalidade ou samasti, ele abandona todas as idéias de diferenciação e fica para sempre na consciência da totalidade, o Uno que incorpora os muitos. Ele então se tornará consciente de que a realidade de cada um é a realidade de todos e que a Realidade é o Atma Uno e Indivisível. Ele não mais exibirá qualquer consciência da distinção entre indivíduos.

O Divino que ele conhece como o núcleo de cada *“coisa e ser”* é agora reconhecido como o Divino que ele próprio é; e, portanto, ficará mais profundamente que nunca na plenitude da bem-aven-

turança (ananda). Como então ele poderá experimentar a separação? Não, ele não consegue. Os raios daquela ananda iluminam todas as regiões. Os sábios e os grandes rishis⁷ se conscientizaram da bem-aventurança. Eles comunicaram tal experiência ao mundo, em linguagem facilmente compreensível. A lua inalcançável é comunicada apontando-se um dedo na direção onde ela pode ser vista! Da mesma maneira, eles trouxeram à compreensão da humanidade, de acordo com o estado de consciência atingido por cada um, a verdade que se encontra além do alcance da mente e da fala. Seus ensinamentos não foram só simples, mas variados, para educar e elevar todos os tipos de compreensão.

Um pequeno exemplo:

Alguém se sente feliz quando tem conhecimento de que este pequeno corpo é seu, não é? Então, quando sabe que dois corpos são dele, não deveria ficar duplamente feliz? Da mesma forma, com o conhecimento de que possui um número cada vez maior de corpos, a experiência da felicidade aumenta. Quando se sabe que o mundo todo é um só corpo, e a consciência mundial se torna parte da consciência, então a bem-aventurança — ananda — será plena. Para se obter esta multi-consciência, os muros limitadores da prisão egocêntrica devem ser destruídos. Quando o ser-ego se identificar com o Jivi ou Atma, a morte cessará. Quando o ser-ego se identificar e se fundir com a bem-aventurança do Uno, o sofrimento cessará. Quando se fundir com a Sabedoria Suprema (jñana), os erros cessarão. *“A individualidade material nasce da ilusão; este corpo que cria esta impressão é só um átomo, sempre em evolução, de um oceano*

7. Literalmente: “vidente”; (derivado de DRIS, que significa “ver”); sábio; adepto; iluminado.

sem limites. A segunda entidade em mim é a outra Forma, ou seja, o Ser encarnado. Quando o ego em mim se funde com o Ser em mim, então a ilusão desaparece, através do ressurgimento de seu conhecimento oposto.” Quando o pensamento do homem amadurecer ao longo do tempo, indubitavelmente todas as escolas do pensamento chegarão a esta conclusão.

O valor de uma árvore é estimado quanto a seus frutos. Tomem a veneração pelos ídolos, por exemplo. Moralistas, metafísicos, filósofos, seguidores da senda da devoção e os mais importantes entre os virtuosos em todas as partes do mundo são unânimes em concordar que a veneração aos ídolos é altamente benéfica. Enquanto persistir o apego ao corpo e aos bens materiais, a veneração a um símbolo material será necessária. É somente um meio. Mas muitos o tacham de superstição. Isto não é correto. Não é uma abordagem correta. Tal atitude é só uma tolice.

Não é fato que a crença de que alguém é o corpo, é uma superstição? Pode o corpo durar para sempre? Não é ele uma boneca de pele com 9 orifícios, por onde a vida existe tão perigosamente que um espirro pode causar um colapso? Ademais, será que não deveríamos caracterizar a vida que as pessoas levam, acreditando na realidade deste mundo, como outra superstição? Será que a auto-importância assumida por pessoas que detêm posições de poder e uma grande quantidade de riquezas não é outra atitude tola? Porém, os atos realizados com base na fé no Atma, a Realidade interna, não podem ser tachados como supersticiosos ou tolos. Para cada opinião que alguém exprimir, se apresentadas razões corretas, todos se regozijarão. Mas, declarar como sendo superstição tudo aquilo que não se gosta é um sinal de inquietação, tolice ou egoísmo.

Descobriremos que é impossível amar a Deus ou adorá-Lo, a não ser que meditemos em alguma Forma; isto é tão essencial como a respiração para viver. É um estágio necessário no processo de viver. Temos que aceitá-lo como tal. A infância é a paternidade da velhice. Pode a velhice condenar a infância ou a juventude como ruim? Para viver o Princípio Divino, a veneração aos ídolos é e tem sido de enorme ajuda a muitos. Como pode então o aspirante e o praticante de disciplinas espirituais condenar a veneração aos ídolos após passar por esse estágio e obter seus benefícios? Isto seria muito errado e impróprio.

A marcha dos bharatiyas em direção à Suprema Realidade não é da Inverdade para a Verdade. É da verdade para a Verdade, da verdade incompleta para a completa Verdade, da verdade parcial para a plena Verdade. Então, o que são disciplinas espirituais (sadhana)? Cada esforço feito pelos seres humanos é uma disciplina espiritual, dos distantes moradores das florestas e ingênuos aborígenes, que veneram formas grosseiras da Divindade, aos altamente evoluídos buscadores, que veneram o Pleno e o Absoluto. Cada esforço deles levará o homem um passo adiante no progresso.

Cada Alma Individual é comparável a um pássaro; ela pode, através de vôos cada vez mais longos e altos, subir mais alto aos céus. E poderá finalmente atingir um estágio onde voará diretamente à órbita plena de esplendor do Sol.

A verdade básica da Natureza é o Uno nos muitos; esta é a chave para sua compreensão. Os bharatiyas compreenderam esta verdade; eles se mantiveram agarrados a esta chave. Pessoas de outros países se satisfazem em estabelecer certos axiomas e colocar a sua crença neles. Insistem na sua aceitação e na observância das regras e regulamentos que deles advêm. Seguram um único casaco para os indi-

víduos da sociedade onde vivem e exigem que cada um use essa mesma roupa; se ela não se adaptar ao tamanho de alguém, não há uma vestimenta alternativa. Eles terão que viver sem um casaco para protegê-los do vento gélido.

A visão indiana foi muito diferente. Para cada aspecto ou variação de sentimento e pensamento, vontade e ação, há disponível um Nome e Forma distinta e modos de devoção e maneiras de adoração conforme as necessidades emocionais e o calibre intelectual dos aspirantes e devotos. É claro que alguns poucos não têm necessidade alguma de tal consideração e tratamento especiais, mas muitos tiraram proveito desta concessão, e avançaram em sua marcha rumo à sabedoria e à libertação.

Deve ser dito que jamais se exigiu, como parte do empreendimento espiritual indiano, que a veneração aos ídolos fosse obrigatória ou que seria um estágio que deveria ser atravessado. Porém, existe realmente um fato que cada um deve preservar em sua memória: os indianos podem ter apego a seus corpos, podem ser apegados à manutenção e ao desenvolvimento de seus padrões de vida, mas jamais ansiarão por cortar a garganta dos outros. O bharatiya ou indiano que é fanático por sua religião prefere se imolar nas chamas criadas e alimentadas por ele do que, pelo ódio, queimar os vivos que não aceitem e reverenciem sua religião. A espiritualidade indiana nega a destruição do Atma, a Única Verdade inextinguível.

Pois a religião bharatiya fomentou a fé de que o Ser no homem não é outro senão o Ser Supremo ou Deus. Ela indica uma longa jornada para homens e mulheres, através de variados caminhos, confrontada e controlada por variadas circunstâncias, mas, encorajada e iluminada por diversos tipos de crenças, cujo objetivo é o esplendor

da Consciência de Deus ou da Consciência do Divino. Embora as práticas e ritos possam parecer grosseiros superficialmente, eles não são contrários à Verdade final. As contradições aparentes devem ser interpretadas como incidentais às necessidades de inspirar pessoas com variadas origens intelectuais, morais, econômicas e sociais. Por exemplo, a luz que atravessa um minúsculo pedaço de vidro colorido é da mesma origem que uma luz mais brilhante e maior. A extensão, claridade, brilho etc. da luz dependem unicamente do meio. A fonte de toda a luz é a Verdade Única, a Fonte de Tudo, a Base de Tudo, o Objetivo de Tudo, a Realidade em Tudo e o Centro de Tudo. Como o fio que mantém juntas as pérolas de um rosário, Deus ou o Ser Supremo interpenetra todos os seres. Todos os seres — esta é a mensagem de Bharat, em todos os lugares, em qualquer lugar!

Examinem cuidadosamente todos os textos e escrituras que tratam da cultura e tradições indianas. Investiguem se em qualquer uma delas há menção de que moksha, ou liberação, ou a Suprema Realização, só está disponível àqueles que são exclusivamente indianos e não aos outros. Há uma única declaração a este respeito? Pode ser enfaticamente assegurado que vocês não encontrarão nenhuma declaração deste teor. A espiritualidade indiana tem uma vastidão ilimitada, e ideais muitíssimo elevados; é uma correnteza de pleno ideais, fluindo sem nenhum declínio ou diminuição, direta e suavemente rumo ao Oceano da Graça Divina. A jornada é direta, seguindo uma via majestosa até a Meta Suprema.

Outro ponto: a fonte de todos os princípios reconhecidos e reverenciados pelos indianos é Deus; Ele é o único pilar de apoio. Portanto, nenhum outro suporte é necessário para a fé. A espiritualidade indiana é a verdadeira fundação de todas as outras crenças, é o topo.

Obteve vitória sobre muitas crenças opositoras, confrontando-as com muitas teorias e argumentos válidos. Os indianos não têm nenhuma necessidade de seguir qualquer religião ou disciplina espiritual além da sua. Pois, em nenhum outro lugar vocês obterão uma disciplina ou verdade que já não esteja nela. Outras fés adotaram uma ou outra dessas crenças e princípios e os colocaram diante das pessoas como ideais para serem adotados.

O que deve ser mantido na mente é o seguinte: os textos indianos sobre espiritualidade são os mais antigos em todo o mundo; são os primeiros estudos, revelações e descobertas a respeito do Atma, a respeito do Deus Pessoal e Impessoal, e a respeito de Códigos de Conduta, individual e social. Em nenhum outro país, em nenhum outro povo tais ensinamentos antigos vieram à luz. Podem ter ocorrido, talvez, algumas idéias nebulosas ou breves vislumbres; mas eles não merecem o nome de texto ou literatura espiritual. A literatura védica retrata não somente as investigações espirituais feitas pelos sábios e aspirantes espirituais (sadhakas) e seus resultados, mas também suas linhas de pensamento, seus desejos e aspirações, seus esforços seculares e problemas temporais.



3. SOMENTE O UNO

A principal experiência na história do pensamento indiano é o êxtase do deslumbramento. Isto é expresso nos riks ou hinos encontrados no Rig Veda⁸, as mais antigas revelações da mente bharatiya. Os hinos são por toda parte a Deus ou Seres Celestiais (Deva). Há muitos destes Devas: Indra, Varuna, Mitra, Parjanya são os nomes de alguns. Eles aparecem nestes riks, um após o outro. Destes, Indra, tendo o raio (vajra) como sua arma, é o chefe. Ele é o Ser poderoso que concede a chuva sobre a terra. É assim chamado por ser o mestre dos indriyas (os sentidos) do homem, ou seja, ele é a mente que administra os sentidos. É também conhecido por Puruhuta — puru significando “freqüentemente” e huta, “convidado” — o nome completo significando “o Deus mais solicitado”. A mente — que é identificada com os sentidos, já que ela os administra — é também venerada nos Vedas como Rudra. Ela entra em contato com o mundo objetivo e o vivencia através do instrumento dos cinco sentidos; este aspecto da mente é o aspecto Indra. Possui também outra habilidade. Pode dominar os sentidos e se tornar consciente da Verdade Universal Interna da multiplicidade chamada mundo Objetivo. Este aspecto da mente é designado como “Rudra”. Esta é a razão pela qual os Vedas descrevem Indra e Rudra como o Uno com dois nomes.

A respeito dos outros deuses também é possível mencionar muitas destas descrições. Mas ao final todas as descrições levam à mesma conclusão. Em primeiro lugar, os riks veneram as Divindades como presidindo alguma função ou outra; posteriormente, transformam-se nos diferentes Nomes e Formas do Deus Único que tem todos os

8. É o mais antigo dos livros védico, cujos versos datam de 1500 a.C.

mundos em Si mesmo, que é a Testemunha residente em todos os corações e que é o Soberano de toda a Criação. Gradualmente, todos os outros significados e reações são suprimidos, por não serem relevantes. Por exemplo, um elemento de medo é associado à divindade Varuna. O medo surge e se dissemina em alguns riks, mas logo a sabedoria dos aryas (nobres buscadores) subjuga o medo. Muitos riks são preces a Varuna de pessoas com medo que ele as castigue pelos seus pecados. Porém, a idéia de um Deus aterrorizador não pode florescer no solo indiano. Também não podem muitos Deuses de muitas naturezas. A cultura e visão espiritual indiana sustentam o Deus Único ou Ishvara.

A seguir, Ekeshvara (um deus)! Este axioma, de que só pode haver o Uno e não muitos, é tradicional na Índia desde tempos imemoriais. Mesmo na antiga literatura védica e samhita, esta fé já é evidente como uma crença muito antiga.

Entretanto, a noção de um Deus pessoal impressionou os pensadores e praticantes desta terra como um tipo de estágio imaturo no progresso espiritual. Não satisfaz suas mais elevadas aspirações. Esta atitude encontrada nas revelações dos rishis (sábios) não foi compreendida ou apreciada por eruditos e escritores de outros países que estudaram e comentaram os Vedas e textos correlatos. Eles ainda permanecem na crença anterior de “muitos deuses” ou na crença posterior de “um Deus pessoal”. Este tipo de ignorância traz um sorriso aos lábios dos hindus.

Falando francamente, mesmo os que aprendem no colo da mãe a fé em um Deus com atributos, com um nome e uma Forma reconhecível, deverão mais tarde se elevar a um estágio superior e se tornar conscientes do Uno, conhecido como o que “possui muitos

nomes e formas”. As disciplinas espirituais são direcionadas para a realização desta Verdade.

O Uno — Nele somente está todo este fluxo, todo este cambiante Cosmos estabelecido. Ele é o guia e guardião de todas as consciências. Todas estas noções tocam apenas as fímbrias do Uno. Os ocidentais disseram que a inteligência do homem pode ter sucesso neste empreendimento. Mas os buscadores desta terra demonstraram um heroísmo que não pode ser mensurado ou limitado. Este é um fato inegável. Filósofos ocidentais, renomados por seus vãos domínios do espírito, demonstraram apenas uma ínfima fagulha deste heroísmo. Portanto, ficam estupefatos diante das alturas especulativas vivenciadas pelos sábios da Índia. Este sentimento de estupor foi encantadoramente expresso pelo professor Max Mueller. *“Os investigadores indianos corajosamente avançaram em todas as áreas desconhecidas da experiência para onde suas investigações causativas e positivas se dirigiram. Eles nunca hesitaram em abandonar, para ter sucesso nesta aventura, qualquer coisa que eles sentissem que fosse um empecilho. Eles não foram afetados pelo temor do julgamento dos outros.”* Max Mueller exortou as pessoas a se envolverem no bharatiya paramartha vahini (O doce fluir da busca pelo Supremo, que emana na Índia), pois sentia que os aspirantes espirituais indianos seguiam o caminho da Ação Correta e o caminho da Verdade.

Ekam sat viprah bahudha vadanti (A verdade é uma, mas os eruditos se referem a ela por diferentes nomes). Isto realmente encerra o significado mais sublime. Esta é a verdade básica subjacente aos esforços espirituais da Índia há Eras e Eras. E, mesmo o princípio teísta e a prática que se espalharam por todo o mundo, com benefícios sem precedentes, nos anos vindouros, têm por base este grande axioma estabelecido pelos sábios da Índia, há muito e muito tempo.

Os riks surgiram com várias divindades e forças divinas, porque os rishis sabiam que “o Uno que somente é” pode ser reconhecido por cada um somente a partir de seu próprio ponto-de-vista, e é diferente para diferentes pessoas, dependendo do estágio alcançado no esclarecimento e purificação da visão. Eles anunciaram, através de tal declaração, sua descoberta de que o Uno é o tema que todos os sábios e santos, videntes e poetas, salmistas e compositores veneram e louvam em diversas línguas, sob diferentes contextos, através de vários estilos de expressão. Portanto, da declaração citada acima: Ekam Sat Viprah Bahudha Vadanti, emergiram as mais elevadas seqüências para o mundo. Por exemplo, muitos se surpreendem por a Índia ser o único país onde o fanatismo religioso esteja ausente e onde ninguém atrapalha ou prejudica as práticas religiosas dos outros. Existem neste país teístas, ateístas, dualistas, não-dualistas, monoteístas e outros; todos vivendo juntos, em paz e harmonia, sem causar ou sofrer males.

Materialistas se postaram nos degraus dos templos — considerados sagrados por brâmanes e por eles adorados — e difamaram e negaram Deus. Eles chamaram a todos para os seguirem. Declararam que a idéia de Deus não era mais do que uma insana ilusão. Condenaram Deus, as escrituras, os códigos de moralidade, a ação correta e os princípios de conduta e disseram que tudo eram superstições criadas e desenvolvidas para a valorização egoísta dos brâmanes. Percorreram o país e propagaram tais conclusões. Ninguém os prejudicou. Ao budismo, que sistematicamente desvalorizou os ritos e crenças religiosas hindus, foi permitido coexistir em uma atmosfera de respeito. Os jainistas também não aceitam os Vedas e os deuses védicos. Perguntam com ironia como tais deuses podem

existir e se acreditar neles. Inúmeros são os exemplos do espírito de tolerância enraizados na declaração reveladora apresentada acima. Até a chegada dos devastadores muçulmanos a este país, ninguém nesta terra de Bharat (Índia) sabia o que significava a violência. Foi só quando as hordas estrangeiras se jogaram violentas sobre ela é que as pessoas souberam quão intolerante o homem pode ser.

Os hindus ajudaram os cristãos a construir igrejas na Índia. Estavam prontos a cooperar com eles; isto é evidente por todo o país. Nunca houve derramamento de sangue no trato com os cristãos. O fluxo do pensamento dirigido para a Suprema Verdade não se permite ser poluído pela violência. Confirmar este fato bem como compreender a validade desta atitude exige pensamento claro e força intelectual.

Os budistas, que foram os primeiros propagadores religiosos, espalharam sua fé viajando pelo mundo. Esta religião penetrou em todos os países ditos civilizados daquela época. Os monges que se aventuraram naquelas terras foram torturados; centenas foram mortos por decreto imperial. Mas logo a boa sorte sorriu para o budismo, que ensinava que a violência tinha que ser abandonada. Buddha foi aceito como um Deus, como um outro nome para o Uno, que possui muitos nomes, conforme o ditado védico, “Ekam Sat Viprah Bahudha Vadanti”. Ele era Indra, Ele era Rudra. Este foi o efeito unificador da revelação básica dos sábios. Possa esta declaração ficar para sempre na memória do homem!

Os bharatiyas criados na cultura da Índia possuem uma profunda fé na igualdade de todas as fés. Quer seja o hinduísmo, budismo, islamismo, zoroastrismo ou cristianismo, eles acreditam que ninguém deve falar superficialmente da veneração a Deus. Acreditam que quando alguém fala superficialmente a respeito de qualquer um dos

Nomes ou Formas de Deus que outros veneram, está insultando o Deus Uno. Esta foi a mensagem trazida pela maneira indiana de vida espiritual. Aqueles que aprenderam esta verdade e aderem a ela são os verdadeiros filhos e filhas de Bharat (Índia).

Esta Verdade está além da percepção de todos; nem todos podem realizar este conhecimento; quem é o senhor do Universo? Quem é aquele que fica de fora e o guia? Qual é a causa da existência deste Cosmos? De onde ele se originou? Como isto ocorreu? O que causou esta existência? Os Vedas possuem muitos riks que tratam desses mistérios. Os indianos penetraram neles.

A Criação envolve a união de substâncias. O que é colocado junto deve se separar, ao longo do tempo, e se liberar. O indivíduo é criado e, portanto, deve se desintegrar e morrer. Alguns nascem felizes; outros gozam vidas saudáveis e felizes. Alguns nascem miseráveis; outros nascem sem mãos ou pernas.

Alguns nascem retardados ou defeituosos. Quem os machucou ou feriu? Deus é proclamado como justo e bondoso. Pode-se perguntar: como pode tal Deus ser tão parcial e vingativo? Como pode tal tratamento diferenciado ter lugar no Reino de Deus? Tais dúvidas são naturais. Mas a visão dos sábios da Índia que moldou o pensamento desta terra revelou a eles que Deus não é a causa destas diferenças; elas são as conseqüências dos atos realizados pelo indivíduo em vidas anteriores à vida presente. Eles resultam em alegria e miséria, saúde e defeitos.

O bom e o ruim são auto-fabricados, são os efeitos do que foi realizado em vidas anteriores. Será que os corpos dos homens e suas condições, os altos e baixos que enfrentam na vida são os efeitos acumulados de impactos e tendências hereditárias? Há duas coisas

que ficam como linhas paralelas à nossa frente quando consideramos este assunto, mental e materialmente. Se pudessem ser encontradas soluções satisfatórias para os problemas relacionados à natureza humana e suas especiais qualidades no materialismo, então não haveria nenhuma base para a crença de que há um fator chamado Atma ou Alma! Mas é impossível demonstrar que a capacidade de pensar, por exemplo, evoluiu da matéria física.

Quando uma tarefa qualquer é repetida várias vezes, torna-se um hábito, uma habilidade, não é assim? Portanto, a habilidade ou hábito que um recém-nascido exhibe deve ser devido à repetição constante realizada há muito tempo. É claro que tal prática deve ter ocorrido em uma vida anterior, ou em muitas vidas. Portanto, é necessário postular a validade da crença em vidas passadas e futuras, para todos os seres vivos. Esta é uma crença básica no pensamento espiritual bharatiya (indiano).



4. O MILAGRE DOS MILAGRES

Os filhos de Bharat acreditam que são, cada um deles, o Atma. Estão conscientes de que o Atma não pode ser cortado em dois pela espada, que o fogo não O pode queimar, que a água não O pode molhar, e que o vento não O pode secar. O Atma não possui limites. Seu centro é dentro do corpo, mas sua circunferência é em lugar nenhum. A morte significa que o se Atma deslocou de um corpo para outro. Esta é a firme crença que todo indiano tem em sua mente.

O Atma não se sujeita a limitações ou leis materiais ou mundanas. Por Sua própria natureza Ele é livre, ilimitado, é Pureza, é Santidade, é Plenitude. Contudo, já que está associado a corpos materiais, inertes, imagina que também seja um produto de composição material. Esta é a maravilha, o mistério, o milagre que Ele manifesta! Desvendar e explicar este mistério estão além da capacidade de qualquer um.

Como pode o Pleno Atma (purnatma) se emaranhar na ilusão de que é “não pleno” (apurna), “uma fração”, “incompleta”? Algumas pessoas consideram os bharatiyas (indianos), que declaram que a consciência da condição de “incompleto” não pode ocorrer, como pessoas que tentam escapar de uma situação impossível. Elas dizem que isto nada mais é que um estratagema para encobrir sua ignorância da Verdade. Como pode o Puro, o Indivisível, perder Sua própria natureza no mínimo grau que seja? Os bharatiyas são simples e sinceros e sua natureza é raramente artificial. Eles nunca tentariam escapar de uma situação recorrendo a argumentos duvidosos. Têm a coragem de enfrentar com hombridade qualquer problema que se lhes apresente. Portanto, a resposta à pergunta colocada é: a ilusão não pode ocorrer! Não há nenhuma base no erro de se considerar o

“incompleto” como “completo”. A entidade “plena” chamada Atma não pode nunca se imaginar como “deficiente” ou “menos que plena”, ou sentir que é limitada ou controlada pelo envoltório material de que é o cerne.

Toda pessoa sente que é o corpo. Alguém pode explicar como este sentimento apareceu e persistiu? Ninguém pode se oferecer para responder a esta pergunta, pois dizer, como alguns o fazem, de que é a vontade de Deus, não é resposta alguma. A declaração crua, “eu não sei” tem o mesmo significado da declaração, “é a vontade de Deus”. Ninguém fica mais sábio ouvindo a segunda declaração ou a primeira. O que permanece é o seguinte: “O Atma no Indivíduo ou o Jiva Atma, é Eterno, Imortal, Pleno: não há morte; o que assim parece é o deslocamento de Seu centro”.

Nossas condições e circunstâncias atuais são decididas pelos atos feitos em vidas passadas. De maneira similar, as condições nas quais passaremos o futuro são determinadas pelo que estamos fazendo agora. Entre uma vida e outra, uma morte e a próxima, o indivíduo progride ou regride, expande ou se contrai. Como uma frágil embarcação em um mar tempestuoso, o homem escala o topo da crista espumante de uma onda gigantesca e no próximo momento é jogado com toda velocidade no vale mais profundo. A subida e a descida são conseqüências inevitáveis de seus bons e maus atos. Oh, vós, Filhos da Imortalidade! Escutai! Escutai a resposta dada na mensagem dos rishis que tiveram a Visão da mais majestosa pessoa, o Purushottama — o melhor entre os homens e os deuses — que reside além dos reinos da Ilusão e da Escuridão: *“Oh, vós, Seres Humanos! Irmãos! A única maneira para vos liberardes da sucessão de nascimentos e mortes é ‘conhecendo-O’.* Não vos

Imagineis pecadores, pois sois herdeiros da eterna bem-aventurança (ananda). Vós sois ‘imagens’ de Deus, partes da inextinguível bem-aventurança. Vós sois por natureza sagrados, sempre plenos; sois de fato Deus caminhando na terra. Haverá porventura maior pecado que vos chamar de pecadores? Estais vos desonrando, vos difamando quando aceitais a designação de ‘pecadores’. Erguei-vos! Abandonai o sentimento de que sois ovelhas. Não vos iludais com esta idéia. Vós sois Atma. Vós sois gotas de amrita, de Imortalidade, que não conhece começo nem fim. Todas as coisas materiais são vossas escravas; vós não sois seus escravos.”

Estas são as palavras dos rishis. Como podem aqueles que não se aprofundaram nessa Verdade apreciar esta interpretação bharatiya? Os indianos são os afortunados que alcançaram enorme força espiritual, considerando Deus como pai, mãe, Guru, amigo, e o bem-amado. Eles adoram a Deus como mais caro a eles que qualquer outra coisa ou pessoas, aqui ou depois. Como podem aqueles que têm consciência somente do mero prazer sensual conhecer esta suprema Verdade? A obsessão por prazer sensual encobre a verdade da visão interna. Esta obsessão se manifesta de múltiplas maneiras, criando mais e mais desejos e exigindo mais e mais impulsos para a ação. Isso esconde a verdade como uma grossa cortina.

O reconhecimento dessa cortina é um grande passo no progresso espiritual. Este é o Princípio Maya do Vedanta. Desde tempos imemoriais, embora a Verdade fosse auto-evidente, esta cortina a escondeu do homem. Isso foi descoberto pelos indianos, há muito tempo, como sendo o maior obstáculo. Como remover a cortina e conhecer a Verdade? Os indianos sabiam que a solução não está no mundo objetivo, externo, e que, portanto, seria fútil procurá-la ali. A busca

no mundo externo, mesmo por eras, não trará o sucesso. Somente a experiência garante a convicção.

Para ganhar experiência, os indianos investigaram com austeridades e disciplina, até que “identificaram” a Verdade e a anunciaram ao mundo. Descartaram os impulsos dos sentidos e as muitas atrações do ativo envolvimento com o mundo objetivo. Ensinaram ao mundo esta lição. A mente do homem foi o instrumento dos buscadores indianos para descobrir este segredo, que é o princípio básico da Sabedoria, como valorizado por eles. Tornou-se imperativo para eles utilizar a mente e estudar sua natureza e características. Eles compreenderam, bem cedo, que o estudo do mundo externo não os levaria a nada. Dirigiram a atenção para as “regiões” internas de sua consciência. Assim, estabeleceram as fundações da estrutura do Vedanta⁹: foi o começo da investigação do Vedanta.

Não há necessidade alguma de procurar a Verdade em nenhum outro lugar. Procurem-na no próprio homem: ele é o milagre dos milagres. O que não está dentro do homem, não pode estar em nenhum lugar fora dele. O que é visível fora dele não passa de um tosco reflexo do que realmente está dentro dele! A crença ancestral era de que Ishvara (Deus) reinava sobre o Mundo, ficando Ele próprio fora dele. Os investigadores indianos colocaram isso sob o teste da disciplina espiritual (sadhana) e revelaram que Deus estava e está no mundo e faz parte dele. Esta é a primeira contribuição dos indianos para o mundo espiritual — que Deus não é externo ao homem,

.....

9. Vedanta literalmente “o fim dos Vedas”. É a última parte dos Vedas, baseada primordialmente nas Upanishads (textos que tratam da interpretação e dos ensinamentos dos Vedas, tendo como resultado a Libertação, através do Conhecimento da Verdade Suprema).

mas sim o seu verdadeiro núcleo interno. Eles declararam que é impossível removê-lo do coração onde Ele próprio Se instalou. Ele é o próprio Atma de nosso Atma, a alma de nossa alma. É a Realidade interna de todos.

Aqueles que desejam compreender a suprema visão da filosofia Vedanta devem entender algumas idéias fundamentais. Filosofia não é nem um livro nem o trabalho produzido por uma pessoa. O supremo e grandioso Manu chamou esta Bharat (Índia) de a Região de Brahman (Brahmavarta), a área espiritual onde se originou e teve sucesso a busca pelo Uno imanente e o Princípio transcendente. A cavalgada festiva de santos envolvidos na busca começou sua marcha para os continentes a partir desta própria Bharat. Como poderosos rios oriundos de imensas cadeias de montanhas, o caudal da disciplina espiritual para a descoberta da Verdade mais elevada brotou desta mesma terra. Esta terra anunciou ao mundo sua Mensagem Espiritual com a confiança e a coragem de trovões emanando do útero das nuvens. Quando forças hostis irromperam em Bharat, esta sagrada terra suportou o choque. Ela apresentou seu heróico peito perante o ataque e absorveu o impacto inicial. Muitas vezes esta terra teve que suportar essas pressões invasoras e sofrer graves feridas. Entretanto, ela ainda não perdeu totalmente sua fama, glória e firme força nesta senda.

Desta terra, a Personificação da Equanimidade e Compaixão, Nanak o Grande, pregou sua maravilhosa e elevada mensagem de Amor. Seu coração todo-compassivo desabrochou nesta terra. Os bharatiyas, filhos desta Terra, herdeiros desta cultura, abriram seus braços para receber em amoroso abraço, não somente o mundo hindu, mas também o mundo islâmico. Dentre os que brilharam

como heróicos defensores da cultura hindu até o fim, o mais proeminente foi o Guru Govind Singh. Sem se deixar abater pelas torturas que o forçaram a derramar seu próprio sangue e o sangue de seus amados, abandonado por aqueles pelos quais suportara tais torturas, não disse uma só palavra de crítica a seus compatriotas, mas foi ao Decão e deu sua vida, como faz o rei dos animais quando seu coração está ferido. Possa a fama desta grande pessoa persistir para sempre na terra! Tais líderes eminentes tornam toda a humanidade devedora deles, pois serviram aos melhores interesses de todos os homens, de todos os lugares.

Assim como cada indivíduo é uma entidade única, também cada nação possui uma individualidade única. Cada pessoa é diferente das outras em certos assuntos e é agraciada com algumas características especiais que são só suas. Assim também cada nação possui algumas características especiais, não encontradas em outras. Cada indivíduo deve representar um papel como parte do sistema. Seu próprio karma ou atividade anterior determinou uma linha ou caminho especial. A história das nações também é semelhante. Cada uma deve representar um papel já traçado por seu destino. Cada nação deve apresentar uma mensagem especial para a comunidade mundial. Portanto, é importante que os indianos reconheçam, antes de tudo, o papel que esta nação deve representar, a melodia que deve cantar na Orquestra Mundial de paz e bem-aventurança. Vocês devem ter ouvido, nas histórias de crianças, que existem algumas pedras preciosas na cabeça de algumas serpentes e que, enquanto tais pedras ornamentam estas cabeças, não é possível matá-las. Guardem esta história em sua memória; assim, serão capazes de compreender o mais milagroso evento na história humana: a sobrevivência da cultura espiritual indiana.

5. CRENÇA BÁSICA

O Sanathana Dharma¹⁰ teve que enfrentar uma ferrenha oposição do Islã, por séculos. A sujeição política às dinastias muçulmanas aumentou os problemas. O grito de “Allaho Akbar”¹¹ ascendeu aos céus e desafiou a própria existência da cultura bharatiya, cultivada há séculos pelos profetas. Nenhuma outra nação sofreu tanto medo e tão profundamente. Mas o dharma vital e eternamente novo desta Terra sobreviveu ao teste e até hoje o Sanathana Dharma é tão potente e válido como sempre. Está pronto a aceitar qualquer desafio de qualquer nova oposição. Através dos sinais dos tempos é evidente que esta cultura é hoje dominante e poderosa. Pois está preparada até para marchar adiante e expandir seu campo de influência construtiva. Expansão é o sinal da “vida”, não é?

Atualmente, os princípios e práticas fundamentados na cultura indiana ou bharatiya e as atitudes e sentimentos venerados não estão enfraquecidos nos limites deste subcontinente. Gostemos ou não, eles alcançaram outras terras e lá se estabelecem. As idéias mais importantes, as perspectivas essenciais penetraram na literatura desses povos e permearam seus processos mentais. Em algumas terras, entre alguns povos, elas têm conquistado até um papel dominante, sem qualquer oposição. Pois Bharat está oferecendo, como sua contribuição à paz e prosperidade do Mundo, um inestimável corpo de Sabedoria Espiritual. Esta contribuição é mais edificante que a

10. Religião Eterna — nome dado pelos próprios praticantes às diversas correntes filosóficas e religiosas que têm sua base nos Vedas – o que no ocidente se conhece como “hinduísmo”.

11. Alá é Grande.

de qualquer outro país. É mais necessária, mais básica e mais preciosa que o que qualquer outra nação possa oferecer. Este fato está ficando mais claro para toda a humanidade.

Os anciãos desta terra também não eram avessos aos interrogatórios de outros problemas. Eles tentaram, como outros povos, desvendar os mistérios da Natureza externa. E esta nação incrível conseguiu resultados até nesse campo através do exercício de seu afiado intelecto, resultados que estão além dos mais acalentados sonhos dos homens de outros países.

A finalidade suprema da educação, a razão mais elevada da instrução, é tornar o homem consciente do “Imanente Universal Impessoal”. Esta é a Verdade proclamada em alta voz nos Vedas. Os videntes e sábios de Bharat se lançaram corajosamente nesta aventura. Os aspectos sempre mutáveis da Natureza, as aparências e desaparecimentos de seu trabalho podem ser um bom motivo para estudo. Mas os anciãos de Bharat proclamaram que a Ciência do Princípio Transcendente que permeia o Universo, o Eterno Imutável, a personificação da Eterna e Sempre Presente Bem-Aventurança, a Morada da Paz Impassível e Constante, o Refúgio Supremo em qualquer tempo da Alma Individual, é a ciência do mais alto conhecimento que o homem pode obter.

O conhecimento dos princípios que governam a Natureza objetiva pode, no seu melhor, abastecer o homem de alimento e abrigo. Ensinam ao homem os caminhos e os meios de obtê-los. Levam à exploração do fraco pelo forte. Se o povo da Índia tivesse direcionado sua energia para a descoberta dos segredos do Mundo, teria facilmente adquirido a supremacia.

Porém, logo reconheceram que tal procura era secundária e que a posição primordial deveria ser atribuída ao espiritual. Decidiram

que buscar os segredos da Natureza Externa não era o real destino do bharatiya. Essa resolução trouxe glória a esta nação. As demais sequer atingiram as bordas desse problema. Como o Prahlada das lendas, os indianos têm sobrevivido a provas de fogo e escapado ileso à tortura dos tempos. Aqueles que não têm uma perspectiva ou aspiração espiritual não são reconhecidos como bharatiyas. Muitos estrangeiros acreditaram que os indianos fossem orientados politicamente, uma inferência enganadora. Eles sentiram que somente uma pequena fração dos indianos fosse espiritualmente orientada. Mas a Índia sempre insistiu que o caminho de vida espiritualmente dirigido fosse o primeiro e o mais distinto dever de todo indiano. Sempre que a chance se oferecia, após cumprir seu dever, os indianos sentiam que deviam se recolher e confirmar a potência espiritual que tinham. Isso foi exatamente o que aconteceu no passado.

Integração nacional significava, naquele tempo, a concentração e associação de todas as forças e premências espirituais que estivessem dispersas entre os que buscavam de toda a terra. A palavra “nação” significou, na Índia, o agrupamento dos corações que batiam no compasso da mesma canção e que respondiam, por uma vibração semelhante, ao mesmo chamado espiritual. As verdades básicas que esta fé expôs foram tão imensas quanto o céu, tão eternas quanto a criação. Tais verdades foram narradas em muitos modos sutis e comentadas profunda e intimamente. Mas como resultado dessa mesma amplitude de visão que as vivificou e estabeleceu, foi inevitável que muitas fés emanassem das bases das crenças que encorajaram.

Diversidades nas atitudes e práticas são naturais e devem ser bem-vindas; não há necessidade de uma fé em uma armadura de ferro. Não há necessidade de uma fé totalizadora. Rivalidade entre os que

percorrem sendas diferentes não traz paz e prosperidade a nenhum país. Sem liberdade de escolha da fé, o mundo não pode progredir. A Índia ensinou que nunca um pequeno grupo pode comandar os recursos inesgotáveis do mundo, e que, para o funcionamento efetivo da comunidade, é necessário dividir o trabalho entre os setores da população e atribuir a tarefa contriuir com sua parcela do bem comum para cada setor da comunidade. Isso dá vazão a diversidades e reciprocidades. As diversidades são aprovadas para o bem da aplicação prática dos poderes espirituais e potencialidades. Assim, não há necessidade de facções nem lutas. As diversidades são, também, apenas superficiais; não são realmente verdadeiras. Há um fascinante mistério que permite explorar tais diversidades e descobrir a chave para visualizar a Unidade que é a base de todas. Isso é o que os textos antigos proclamam como a mais preciosa revelação. “Ekam sat viprah bahudha vadanti”. (A verdade é uma, mas os eruditos se referem a ela por diferentes nomes.)

Portanto, pode-se afirmar que a Fé dos bharatiyas é a única que aceita e reverencia todas as Fés. Quando acobertamos o sectarismo e o fanatismo em nossos corações, em relação à nossa própria fé ou à fé de outros, nós, como descendentes daqueles pais, trazemos desonra a nós mesmos. Quer estejamos aderindo à fé Vedanta clássica ou a tendências recentes desse pensamento de Vedanta, temos de guardar em mente certas verdades básicas, universalmente aceitas. Todos os que carregam a denominação de hindu têm que acreditar nelas e modelar suas vidas de acordo com elas. Que eles possam ter a força de vontade para fazê-lo.

1. A primeira delas é: *“Os indianos não insistem que todos estejam presos a uma atitude; ou que cada um deva observar somente uma*

interpretação ou comentário, com a exclusão de outros possíveis esclarecimentos ou pontos de vista, e que o caminho de vida com todas as suas implicações tenha que ser aquele aprovado por algum indivíduo ou grupo". A cultura bharatiya estabelece que é um pecado hediondo forçar, quem quer que seja, em assuntos espirituais.

2. Depois: *O Eterno e Universal dharma ou a Religião ensinado pelos Vedas.* O conjunto sagrado de ensinamentos, referido como védico, é contemporâneo à Criação, sem começo ou fim identificáveis. Com isto, todas as indagações do espírito e ramificações de fé não de encontrar cumprimento e encerramento. Ninguém pode escapar a esta conclusão se estuda ou pratica os Vedas. Para todos os problemas que envolvem diferenças em atitudes e aspirações espirituais podemos encontrar soluções convincentes nestes mesmos textos védicos. Os pontos de vista diferem quanto à parte dos Vedas que é importante para cada um; pessoas filiadas a uma seita podem considerar algumas partes como mais sagradas e mais sacrossantas do que outras. Apesar disto, todos são irmãos e compartilham dos ensinamentos e lições comunicados pelos Vedas. Tudo que é edificante e benéfico para nós hoje, tudo que é santo e sagrado para nós, tudo que é puro e enobrecedor está disponível para nós, de e através destes maravilhosos textos antigos. Se nos firmarmos nesta crença e alto a proclamarmos, como pequenas diferenças de opinião em assuntos de menor importância poderiam causar desavenças? Por disto devemos anunciar estas lições e princípios para que se espalhem além de todos os horizontes.

3. *Os Vedas se referem e explicam a Suprema Existência — Ishvara, que criou este Universo, na qual ele se funde, de acordo com o processo do tempo e da qual novamente este incrível Universo se mani-*

festa, como Sua Forma. Podemos ter diversas convicções acerca da natureza e características de Ishvara. Uma pessoa pode visualizá-La com natureza e características humanas. Outra pode acreditar que Ele é a incorporação de atributos não humanos, Ishvara sem forma. Cada um pode encontrar nos Vedas declarações que confirmam seus pontos de vista. É fato que, apesar de possuírem opiniões diversas, todos têm fé em Ishvara, o Deus manifestado. Quer dizer, acreditam que há, indubitavelmente, um Poder eterno e transcendente, que tudo se origina d’Ele e que tudo se fundirá novamente n’Ele. Esta convicção é a marca de um indiano. Aquele que não adquiriu esta convicção não faz jus ao nome bharatiya. Não merece ser chamado de hindu.

De qual natureza, com quais características é o Ishvara que você ensina? Esta questão é irrelevante para nós. Não é tão importante. Não disputamos acerca dos vários pontos de vista que dividem as pessoas. É suficiente para nós que Ishvara seja aceito e enfatizado. Porque, apesar de uma descrição e delineamento ser melhor e mais clara que outro, nenhum poderá ser “mau”. Uma declaração seria “boa”; uma segunda seria “melhor” e uma terceira “a melhor”. Mas na corrente da aventura espiritual dos bharatiyas (indianos), nenhuma descrição ou descrição pode ser declarada “má ou inaceitável”. Por esta razão Ishvara concede Sua Graça a todos que ensinam qualquer Nome e Forma que atraiam e inspirem o homem, como sagrados e válidos. Que esta fé possa crescer mais e mais. Pois, ela traz mais progresso espiritual quanto mais é praticada. Apenas a aspiração deve ser relacionada a Deus ou Ishvara.

4. *Na descoberta e investigação espiritual, não pode haver riqueza como qualificação ou pobreza como desqualificação.* Esta verdade tem de ser passada às crianças pelos pais indianos. Elas devem crescer com esta abrangente percepção.

5. *Os bharatiyas (indianos) não aceitam a crença, pertencente a pessoas de outros países, de que o Universo se manifestou há uns poucos milhares de anos atrás e será destruído, finalmente e para sempre, em alguma data futura. Os indianos não aceitarão a teoria de que o Universo surgiu do Nada. Eles acreditam que o Universo ou esta Criação Objetiva é sem começo e sem fim e que, de acordo com as leis da evolução no tempo, retrocederá do estágio denso ao estágio sutil e, após ficar nesse estágio, por algum tempo, retrocederá novamente para o estágio causal, do qual emergiu. A partir do Um onde ele se funde, gradualmente ele se manifestará como Muitos, através dos estágios de expressão sutil e denso.*



6. RELIGIÃO É EXPERIÊNCIA

Este movimento ondulatório de avanço e retrocesso, fusão e emersão, acontecem desde o princípio dos Tempos. Acontecerá até que o Tempo cesse; é eterno em seu aspecto — esta é a crença dos indianos. O homem não é apenas este corpo denso; nele, há este componente sutil chamado mente; dentro dela, como inspirador e manancial, há um princípio ainda mais sutil chamado Jivatma ou alma individualizada; este Jivatma não tem nem começo nem fim, não conhece a morte, não tem nascimento — esta é a base da fé indiana.

Um outro item de fé: este é um aspecto singular da bagagem intelectual e mental dos bharatiyas (indiana). Até que a alma individualizada seja liberada da individualização e funda-se ao Universal, obtendo moksha ou liberação, ela terá que se encapsular em um corpo após outro, e passar pelo processo chamado vida. Esta idéia não é mantida por nenhum outro povo. Esta é a noção de samsara, que os textos antigos ou Shastras da Índia revelam e propagam. Samsara significa “o movimento de entrar numa forma após outra”. Todas as diferentes escolas e seitas indianas aceitam o fato de que os Atmas (aparentemente individualizados) são eternos e incapazes de serem afetados por mudanças. Eles podem discordar quanto à descrição ou representação do relacionamento entre Atma e Ishvara ou Deus. Uma escola de pensadores pode postular que os dois são sempre separados; outra pode declarar que o Jivatma é uma centelha na chama do Fogo Universal que é Ishvara; uma terceira pode afirmar que os dois são indistintos. Mas permanece a Verdade de que o Atma é sem começo e sem fim; como não é nascido, não tem morte. Sua imagem individualizada tem de evoluir

através de uma série de corpos, até que obtenha sua realização no humano. Todas as escolas são unânimes em manter esta fé, apesar da variedade de suas outras interpretações.

Chegaremos agora à mais notável dentre as gloriosas verdades, à mais estonteante das verdades básicas que o intelecto humano atingiu no campo espiritual: o Atma é, por sua própria natureza, pureza, plenitude e bem-aventurança (parishuddha, paripurna e ananda). Esta é a convicção que estimula todas as escolas de pensamento, quer sejam adoradoras de Shakti, Shiva ou Vishnu¹², ou sejam budistas ou jainistas. Todo hindu a reconhece. Os Dvaitas (dualistas) acreditam que a natureza genuína e fundamental do Atma é bem-aventurança – ananda; isto é diminuído e drenado pelas conseqüências das ações humanas, em vida após vida e, portanto, deve ser restaurado e revitalizado pela Graça de Deus. Os Advaitas (monistas) acreditam que não há diminuição ou drenagem. Afirmam que o Atma é esplendor absoluto; ele se apresenta como se diminuído somente pela influência ilusória da ignorância ou maya, que sobrepõe uma falsa impressão ao que é realmente verdadeiro. Sejam quais forem as diferenças de interpretação, quando nos posicionamos no núcleo central da Verdade, com a qual todos concordam, oriente e ocidente, avistar-se-á uma vasta e profunda passagem onde ambos viajam para a meta. Os povos dos países orientais buscam nas regiões interiores de sua individualidade a realização desta consumação gloriosa e benéfica. Enquanto adoramos, cerramos os olhos e nos empenhamos em visualizar Deus dentro de nós mesmos. Os povos do ocidente erguem suas faces e visualizam Deus no espaço externo, no além. Acreditam

12. Shakti ou Durga: Consorte de Shiva; Shiva: Aspecto transformador; Vishnu: Aspecto Protetor ou Preservador de Deus, na Trindade Hindu (Brahma-Vishnu-Shiva).

que suas escrituras têm sido registradas por pessoas direcionadas por Deus. Os indianos acreditam que os Vedas — suas escrituras sagradas — são o próprio sopro de Deus, transmitindo significados aos sábios que O instalaram em seus corações.

Há um outro ponto que temos que entender: temos de nos firmar sempre nele. A menos que uma crença seja inabalável durante o passar do tempo, não poderá ser utilizada para se alcançar a vitória. Nenhum sucesso será possível. Quando uma pessoa afirma que é vil e desprezível, que é ignorante, se torna vil e desprezível e seu conhecimento se retrai. Nos tornamos no que acreditamos ser. Somos filhos de Deus Todo Poderoso, dotados de Supremo Poder, Glória e Sabedoria. Somos os Filhos da Imortalidade. Quando temos este pensamento, como poderemos ser vis ou ignorantes? A cultura espiritual indiana conclama a todos a acreditar que a natureza real do homem é suprema e que ele deveria estar sempre consciente desta verdade.

Os indianos dos tempos antigos tinham fé em sua grandiosa Realidade. Alcançaram vitória em seus esforços, como resultado desta fé, e ascenderam às sublimes alturas. Alcançaram o cume do progresso. Nós escorregamos para o declínio atual, principalmente por que perdemos a fé no Atma em nós. Este foi o princípio da nossa queda. Pois a perda da confiança no Atma ou Ser envolve a perda da fé no Próprio Deus, a Onipresença, o Motivador Interno de tudo, o ponto e a trama do tecido de nosso corpo e mente, emoções e intelecto. Reforçar a fé n'Ele é o único modo para realizar o mais elevado objetivo do homem. Esta é a lição que a história espiritual indiana anseia por ensinar.

Filhos de Bharat! Ensinem às suas crianças, desde os primeiros anos de vida, essa verdade gloriosa, que preserva a vida e expande os corações. A visão sagrada que os indianos asseguraram é: O Atma

é pleno e livre. É uma descoberta maravilhosa, um pensamento empolgante! O Atma é por sua própria natureza pleno; a plenitude não necessita ser alcançada, cumprida ou adicionada. Se plenitude for adicionada, poderá também ser subtraída, pela passagem do tempo; o que é construído deve desintegrar-se. Se o homem for impuro por natureza, mesmo se tiver sucesso na obtenção da pureza por cinco minutos, terá de chafurdar mais tarde na impureza, porque a pureza eventual será facilmente varrida pelas circunstâncias. Portanto, todos os pensadores espirituais indianos declararam que a Pureza é nossa verdadeira natureza e que a Plenitude é nossa realidade genuína. Eles disseram que nunca “necessitamos”, de fato. Esta é a lição que os indianos ensinaram ao mundo. Este é o rio de força espiritual que fluiu da Índia e fertilizou o mundo.

Ao fim da vida, devemos trazer à consciência os grandes pensamentos que alcançamos na vida, os sentimentos elevados que agasalhamos. Esta foi a ordem dos sábios da Índia. Não exigiram que trouxéssemos à memória as faltas e os erros que cometemos em vida, que são inevitáveis e universais. Mas os sábios declararam que devemos estar sempre conscientes de nossa Realidade e sempre empenhados na contemplação de sua grandeza e glória. Isso, disseram, é o maior degrau para o progresso.

Há outro fato que devemos prestar mais atenção do que tudo. Para os indianos, religião significa “experiência” e nada mais. É uma pena que esqueçamos tão freqüentemente este fato importante. Este segredo deve ser gravado no coração de todos. Somente então podemos estar salvos e seguros. Não apenas isto. Não é próprio do pensamento indiano dizer que todas as coisas podem ser obtidas pelo esforço próprio. Eles sabem que a Vontade Divina é a base

de tudo. Os princípios religiosos têm de ser praticados e seus valores vivenciados. Ouvir sua exposição de nada vale; aprender alguns argumentos e conclusões e repeti-los como papagaio não são suficientes. Se eles seduzem seu intelecto que os aprovam como corretos, isso nada ajudará. Eles devem nos transformar. A razão por que os indianos apresentam e declaram Deus como Ser e Tornar-se é sua experiência, que é a prova mais elevada. A declaração não surge da cabeça, do raciocínio, da esperteza (yukti). Os antepassados afirmaram que há a entidade, Atma, em cada um e que ele é apenas uma centelha do Atma Universal, por que se conscientizaram dele, profunda e indubitavelmente. No passado, milhares buscaram a experiência e a obtiveram. Até mesmo hoje existem tais pessoas. No futuro também haverá. É uma sede que afeta o homem. A menos que ele contemple Deus e O confronte em êxtase, que tenha a consciência do Atma, que é sua realidade, o homem será atormentado pela sede e agonia de que “lhe falta a plenitude”.

Primeiro, o homem deve alcançar a Verdade. Todas as facções e brigas religiosas desaparecerão assim que ele compreenda a Realidade. Portanto, o nome “seguidor do código moral teísta” pode ser dado somente àquele que teve a experiência de Deus e realizou Sua Glória. Somente aqueles que O realizaram em seus corações, poderão quebrar os vínculos que aprisionam seus corações à roda do nascimento-morte. Meros discursos em púlpitos não indicam percepção da Verdade que deve ser obtida na religião.

A fé teísta baseia-se na experiência genuína. Ao aceitarmos isso, inicia-se o exame introspectivo e a pessoa é capaz de medir o quanto ela caminhou em direção à meta ou se afastou dela. Perceberá então, que está tateando no escuro e arrastando outros

para a escuridão para tatearem juntos. Somente então os homens abandonarão seus ódios partidários em nome de guerras religiosas contra os que professam fés diferentes. Aqueles que se regozijam em guerras religiosas devem ser perguntados: *“Você viu Deus? Você se tornou consciente do divino Atma? Ou então, que autoridade tem você para depreciar ou negar esse nome de Deus? Você, que luta na escuridão, está tentando me atrair também para esta escuridão? Pode um homem cego conduzir outro cego pela estrada? Essa é uma façanha impossível. Portanto, compreenda sua Verdade antes de difamar ou negar a minha”*.



7. SEJA VOCÊ MESMO

Aqueles que visualizaram o princípio do Atma, que entusiasma a todos, jamais condenará a religião do outro. Nunca entrará em disputa ou conflito religioso. Nunca falará levemente ou rebaixará a fé de outro. Nunca perturbará ou desdenhará da fé mantida por outro. Somente o ignorante, sem nenhuma experiência espiritual, os que não conhecem as profundidades da Verdade, embarcarão na condenação da fé de outros. É muito inconveniente no homem entregar-se ou encorajar conflitos religiosos, ridicularizar os ritos e cerimônias pelos quais outros adoram a Deus e classificar as práticas religiosas de outros povos como “superstições”. Pois, cada um aceitou sua prática e se mantém nela desde que ela lhe conceda bem-aventurança!

O UNO é citado como MUITOS por aqueles que O conhecem. A mesma coisa é vista e experimentada de maneiras diferentes, por povos diferentes, conforme o ângulo de visão e nível de inteligência e percepção. Pessoas diferentes descrevem a mesma coisa ou experimentam diferentemente. Como alguém pode declarar que não devem fazê-lo? Ou que aquilo que descrevem é errado? Ninguém tem o direito de menosprezar ou negar.

Somente os que se esforçaram para transcender o aqui e agora e se tornaram conscientes do Princípio Transcendente da Divindade merecem o nome de hindu. Aqueles que se deliciam em ferir outros, não justificam esse nome.

O núcleo interior da cultura indiana é esta percepção da Unidade do princípio do Atma, que preenche cada coração com o Amor Universal. Aqueles conscientes desta Unidade e estabelecidos nela, são amigos e parentes dos indianos, qualquer que seja o país que

habitem ou seu idioma. Muitas comunidades humanas têm, como base de suas crenças, a teoria de que o homem é um monte de matéria e que esta matéria está sujeita às leis da física e química. Nos idiomas do ocidente, a morte é explicada como “abandonar a vida, ou o Jiva”, enquanto que na língua de Bharat, é “abandonar o corpo, ou deha”. Isto se deve à crença do ocidental de que ele é o corpo e à fé do indiano de que ele não é o corpo. Esses afirmam e sabem que têm o Atma como sua realidade, encapsulado em um corpo. As duas visões são amplamente desiguais. A civilização construída nas areias movediças dos prazeres mundanos pode durar apenas por um instante. Ela desaparecerá da superfície da terra. Por outro lado, a civilização de Bharat e dos países que valorizam e seguem a civilização indiana têm sobrevivido a séculos e são vitais até hoje. Mostram novos e refrescantes sinais de vida mais criativa. Este fato deve ficar na mente desses indianos que têm dedicado suas vidas à imitação de outras civilizações e culturas.

Imitação não constrói uma cultura estável. Jamais se tornará uma “civilização”. É um sinal de covardia, não uma qualidade de progresso. É a estrada real para a queda. Como pode o homem atrair inspiração para se elevar se está ocupado em se odiar e depreciar suas realizações? O indiano não deve sentir nenhuma vergonha quando lembra seus antepassados e os anciãos e mestres do passado que construíram a cultura que o nutriu.

Ao contrário, deve sentir-se orgulhoso de seus antepassados, dos anciãos e mestres que mais brilharam. Deve ficar orgulhoso por tais ancestrais, por sua nação ter tal santidade e seu país ser dotado de tais características sagradas. Os filhos de Bharat devem saciar-se com a orgulhosa consciência de que em sua terra natal nasceram

peessoas sábias que alcançaram as alturas da auto-realização, assim como tantas outras que se elevaram ao ápice da perfeição.

Manifestem o poder que jaz no esforço próprio! Não se refugiem no fraco estratagema de imitar outros. Ao invés disto, absorvam as boas qualidades que outros possam possuir. Plantamos uma semente no solo. Então a nutrimos com os ingredientes que ela precisa: água, ar e adubo. A semente brota; vira um arbusto; finalmente torna-se uma imensa árvore. Vocês notarão que ela não se torna nem terra, nem adubo, nem ar, nem água. Destes ela faz uso, mas fixa-se em sua própria natureza e cresce como uma árvore.

Possam vocês viver como essa árvore. Claro que temos muito a aprender com os outros. Não há necessidade de duvidar deste fato. Aqueles que se recusam a aprender assim, fazem o papel de tolos. Aprendam com os outros tudo que possa promover seu avanço espiritual. Assimilem totalmente, de acordo com as regras estabelecidas para seu progresso, na sua própria senda moral ou dharma. Vivam como vocês mesmos e não como outro alguém. Não permitam que ninguém os afaste de sua natureza inata. Permaneçam imersos em seu Deus, nas suas imaginações e sentimentos, no êxtase bem-aventurado que brota de seus próprios corações e no deleite advindo de sua disciplina espiritual. Quando outros tentarem impedi-los de fazê-lo, não importa os planos que tramarem ou os artifícios que empregarem, resista a eles ao custo de suas próprias vidas. Não se neguem esta consciência e êxtase divino. Este é o chamado que ecoa através do Sathya Sai Vahini dos indianos. Destruam as barreiras que se estendem no caminho e barram o livre fluxo da cultura desta terra, que concede tamanha doçura e força. Clareiem e limpem os canais pelos quais ela flui. Ela então, desimpedida, poderá seguir seu caminho.

Sai desejou que este país, Bharat, assumisse esta disciplina espiritual. Por um longo tempo, o dharma teísta desta terra não se move. Sua característica tem sido, há muito, estática. Agora ele tem que ser dinamizado. Deve vitalizar a vida diária de todo ser humano. Deve penetrar e frutificar no palácio real Rajbhavan mais suntuoso e nas humildes moradias dos mais pobres desta terra.

Ele é o tesouro de cada um; todos têm o direito de herdá-lo e se beneficiar dele. Nascidos humanos, temos o direito de compartilhá-lo. Por esta razão, os indianos têm de levá-lo a cada porta e dar as boas vindas a todos, em cada lar, para partilhá-lo. Como na Criação de Deus, o ar que respiramos está disponível a todos, o dharma da consciência de Deus e de Seu Poder e Misericórdia tem que estar disponível a todos. Os indianos devem ater-se a esta ampla perspectiva e à Universalidade e Unidade desta mensagem, e os conflitos entre fé e crenças divergentes desaparecerão por si mesmos, e a paz e o amor serão restaurados na terra.

Imaginem uma casa habitada pela escuridão, por séculos. Vocês podem entrar e orar à escuridão para que abandone os recintos; ou podem brigar com ela por dias; ou amedrontá-la ameaçadoramente. A escuridão permanecerá; ela não pode ser diminuída. Não cederá às suas táticas. Não pode ser amedrontada. Mas, acendam uma lâmpada e ela foge no mesmo instante. A lâmpada da Sabedoria pode salvar o homem de sua longa estadia na escuridão. Esta verdade tem de ser bem reconhecida pelo homem, e uma vez reconhecida, ele deverá moldar sua vida de acordo.

O homem tem uma imensidão dentro de si; este é o âmago do pensamento bharatiya ou indiano. É realmente um mistério saber como o homem veio a se considerar um condenado à queda! Uma

peessoa pode nos impressionar como demoníaca ou como divina; nos dois casos o Atma é a Realidade, no mesmo grau. Vocês não poderão dizer que o Atma é menor em uma e maior na outra. Quando são encontrados defeitos em qualquer uma, concluirão que há deficiências no comportamento, e isto é tudo. Não conclua que não há Atma Divino nela. Como resultado de suas companhias ou de deficiências da sociedade na qual ela cresceu, os defeitos cresceram nela. Não são oriundos de sua natureza, que é Átmica. Terão que providenciar-lhe boa companhia e ambientes benéficos e persuadi-la a ingressar neles. Não deverão, sob qualquer aspecto, condená-la como incorrigível de nascença e mantê-la à parte.

O corpo é composto de células, que são feitas de átomos. Os átomos são também um fenômeno físico. Eles são fundamentalmente jada, ou compostos, ou destituídos de sensibilidade. Os mestres de Vedanta falam de um corpo sutil, separado deste corpo denso. Este também é físico. É o centro das habilidades e poderes sutis. É neste corpo que acontecem todos os sentimentos e agitações mentais sutis. Toda a força atua somente através de um meio ou outro que seja físico. O mesmo poder que opera o corpo denso, trabalha através dos processos sutis do pensamento. Eles não são duas entidades diferentes. Um é a forma sutil do outro, isto é tudo.

Qual é a fonte desses poderes? Se examinarmos profundamente, descobriremos que há duas coisas na Natureza, akasha e prana. Akasha é a fonte de toda matéria densa e sutil que encontramos. Quando prana ou força vital entra em contato com ele, por causa do impacto, o princípio akasha transforma-se tanto em substância densa quanto sutil, em proporções variáveis. Prana também é onipresente, como akasha; Pode penetrar também em todo lugar e em

tudo. Como blocos de gelo que se originam da água e que flutuam e se movem nela, o prana atua em akasha e os corpos aparecem. Prana é a força que molda akasha em várias formas. O corpo denso é o veículo do prana, que foi moldado de akasha. O corpo sutil tem a forma do pensamento, sentimento, etc.

Quando o corpo sutil é transcendido, a consciência da Realidade se manifesta. Assim como as unhas dos dedos persistem, não importando quão freqüentemente as aparemos o corpo sutil também é uma parte integral da composição do homem, fazendo parte de nosso corpo denso.



8. ESCRAVIDÃO

Uma pessoa pode despojar-se de tantos corpos densos, nos quais reside temporariamente, quanto o número de vezes que apara suas unhas. Mas o corpo sutil não pode ser mudado; ele continua e persiste. Esta é a mais secreta doutrina do pensamento espiritual indiano. Caminhando mais fundo nesta linha de descoberta, pode-se revelar o que significa o homem: um complexo dos corpos denso, sutil e o Jivi (o indivíduo). A filosofia védica declara que o Jivi compartilha da qualidade do Eterno, Imutável, Infindável (nitya). Prakriti, ou o mundo objetivo, é também eterno, mas, com uma diferença, ele submete-se à mudança perpétua; nunca é o mesmo, embora persista para sempre. A base do mundo objetivo, isto é, prana (a força vital) e akasha (o espaço cósmico) são eternos, mas atuam e interagem sem descanso e se manifestam de formas variadas e múltiplas.

O Atma individual (Jivatma) não teve sua origem nem do akasha nem do prana; ele não é de natureza material. Em razão disto, é eterno, imutável. Não aconteceu através do impacto de prana em akasha, ou de akasha em prana. Coisas que são unidas se desintegram. Mas coisas que são “elas mesmas”, desde o início, não podem se separar, porque desintegração significa “reassumir a natureza original”, “tornar-se o que era originalmente”, “reduzir-se à sua substância nativa”. O corpo denso é o resultado da combinação de prana e akasha e, em razão disto, se dissolve em seus componentes. O corpo sutil também se dissolve, mas somente após um longo, longo tempo. O Jivi não é constituído, por isso não pode separar-se. Ele não tem nascimento. Não pode ser gerado. Um ser sem partes unidas não pode ter um momento de origem.

O mundo objetivo ou prakriti, consistindo de bilhões e bilhões de coisas variadas, forças e eventos, é governado pela vontade de Deus. Deus é Onisciente, Onipotente, Onipresente. Ele atua e age através de prakriti, todo o tempo. Prakriti está sempre sob Seus cuidados. Sua soberania é sem começo e sem fim. Esta é a doutrina dos dualistas, os Dvaitas.

Isto nos dá oportunidade para uma pergunta. Se o Mundo é governado por Deus, como Ele permite que ele seja tão perverso e vil? A resposta é que Deus não é responsável pelo pesar e pela dor. Os erros que cometemos são os progenitores do pesar que sofremos. Alegria e tristeza são as conseqüências do bem e do mal que o homem pratica. Deus é a Testemunha. Ele não pune, nem causa pesar. O Jivi não tem começo, quer dizer, não tem nascimento, mas se envolve em incessante atividade e então tem de passar pelas inevitáveis conseqüências desta atividade. Esta é a experiência de todos, a característica de todas as mentes. É a lei inquebrável do mundo objetivo ou prakriti. Pesar ou alegria é a imagem da atividade com a qual se ocupa. É o eco, o reflexo, a reação. O Jivi pode ser a testemunha, sem se preocupar com o bem ou o mal da atividade. Quando há o envolvimento, o bem será vivido quando for feito, e o mal será vivido quando ele for feito.

Vedanta afirma que o Jivi é, em sua natureza íntegra, puro e sem mácula. Esta é a doutrina aceita, no pensamento bharatiya (indiano). Mas esta verdade tem sido obscurecida pela ignorância e negligência. Por conseguinte, maya ou ilusão polui a experiência e a sombra da ignorância gera o mal. Mas, quando satkarma, ou a atividade benéfica, é praticada, as nuvens de maya são dispersas e a Realidade do Ser é realizada. Todos os seres, todos os Jivis são, em sua verdadeira

natureza, puros. As boas ações podem remover as contaminações dos maus atos e preservar sua pureza essencial. Então o Jivi é conduzido pelo caminho que leva a Deus, o devayana¹³. O impulso na direção de Deus transformará suas palavras, pensamentos e ações.

Não podemos pensar sem palavras. As palavras são o material essencial para o pensamento. Quando o indivíduo abandona o corpo, as palavras entram na mente; a mente entra no prana ou força vital e o prana funde-se no Atma. O Atma (individualizado no corpo) quando se libera, lança-se ao Suryaloka, a Região do Princípio Solar, Surya. De lá, alcança a região de Brahman, Brahmaloaka. Chegando a esta região, o Atma individualizado ou Jivatma não sente mais ligação com prakriti. Existirá lá até o fim do Tempo. Viverá em ilimitável deleite. Possuirá todos os poderes, exceto os da Criação.

A autoridade para governar todo o Cosmos é exclusiva de Deus (Brahman). Deus é livre de todas as variedades de desejos. A obrigação do homem é ofertar-Lhe amor e adorá-Lo através do amor. Isto eleva o homem a mais alta posição entre os seres. Aqueles inconscientes desta posição ou incapazes de cumprir suas responsabilidades pertencem a outras categorias. Eles também ofertam, adoram e engajam-se em atividades benéficas. Mas almejam pelos frutos que esperam ganhar; executam as ações motivadas por um desejo de se beneficiar dos seus resultados. *“Ajudamos os desamparados; então nosso caminho será suave e seguro. Levantamos os oprimidos; por isso podemos evitar os dissabores do caminho. Ocupamo-nos em cantar em coro a Glória do Senhor (bhajan); então estamos certos*

13. A senda dos deuses; os piedosos que vão por este caminho ao paraíso, isto é, ao mundo transitório dos brâhmanes, mas que, antes de chegar, devem passar através de varias regiões de luz.

do Paraíso” — esses são os cálculos das pessoas desta natureza, que se engajam em “boas ações”. Quando elas abandonam seus corpos, quero dizer, quando morrem, suas palavras se fundirão em suas mentes, suas mentes se fundirão no seu prana, e o prana dali em diante se fundirá no Jivi, e o Jivatma viajará para a Região do Princípio Lunar (Chandraloka), ou seja, a região da Divindade que preside a mente, sugerindo que elas terão que entrar novamente no reino da mente, com todas as suas agitações e confusões, necessidades e desejos. No Chandraloka, tais Jivis desfrutarão alguma satisfação e deleite, enquanto a consequência de suas boas ações durarem. Porque é dito nas escrituras: *Kshine punye martyalokam vishanti*. (Quando o mérito adquirido é desperdiçado, entram novamente no mundo dos homens mortais.) O Jivatma se encerra em um corpo equipado com órgãos sensoriais, etc., apropriado às consequências merecidas de seus atos em corpo anterior e inicia outra carreira de vida. A morada da alma em Chandraloka é a que os hindus se referem como o tempo passado como um Deva no Paraíso ou como um Anjo, conforme as religiões cristã e islâmica. O nome Devendra, concedido ao senhor desses Devas, é uma indicação de uma posição de autoridade. Milhares de almas têm ascendido a esta posição.

De acordo com os Vedas, quando o bem mais elevado é cumprido, esta pessoa é elevada à posição de Devendra. A alma, elevada previamente a esta posição, descerá ao mundo e retomará sua carreira em forma humana. Assim como no mundo os monarcas mudam, nos céus também os governantes não podem escapar da ascensão e queda. Os residentes dos céus também estão sujeitos à lei dos altos e baixos. Somente o Brahmaloaka está livre de nascimento e morte, ascensão e queda, altos e baixos. Esta é a doutrina básica do pensamento bharatiya; seu néctar eterno, fornecido à humanidade.

Quando o Jivatma é como um Deva em Chandraloka, não pode

manifestar qualquer karma. Somente o homem pode se expressar através do karma que o prende por suas conseqüências. Karma significa atividade empreendida com desejo, com um olho no resultado. Quando a alma se encontra em Chandraloka, em estado de Deva, está contente e satisfeita e então, não ansiará por alguma atividade para obter prazer ou atingir algum sucesso. A estadia neste loka ou mundo é o prêmio assegurado pelos seus bons atos feitos no passado, ou pode ser a recompensa por tal bondade. Quando o deleite emanado desses bons atos é vivido e consumido, o equilíbrio da conseqüência acumulada tem que ser sofrido e, portanto, a alma tem de vir como homem à terra. Então, atingindo o mais alto bem e empreendendo atos da mais elevada potência de mérito, ela pode limpar seu coração e alcançar Brahmaloça, de onde não há volta.

A palavra naraka (inferno) não pode ser encontrada em nenhum lugar nos Vedas. A concepção de Inferno é alheia ao pensamento espiritual dos indianos. Essa idéia de inferno e suas várias descrições são todas suplementos feitos mais tarde nos Shastras e Puranas¹⁴. Os autores destes textos acreditavam que a religião ficaria incompleta se o Inferno não fosse postulado. Estabeleceram diversas torturas como parte do Inferno, mas colocaram um limite para a dor por ele infligida. Declararam que não pode haver morte no Inferno. O propósito para o qual o Inferno foi criado foi o de incitar medo no povo para fazê-lo desistir do pecado.

Mas, o Advaita não postula Céu ou Inferno. Ele se preocupa apenas com escravidão e liberação, ignorância e iluminação. É conhecido como Vedanta. Não há fé mais elevada do que a representada pelo Vedanta.

14. Escrituras sagradas hindus que lidam com as doutrinas da criação, etc.

9. UM COM O UNO

O Jagat ou Cosmos foi criado por Deus através de Si mesmo e, por esta razão, Ele é a causa tanto quanto a matéria do Cosmos. Como resultado, Ele é completo (paripurna). A Criação é também completa, assim como o Atma individual. Deste modo, muitas entidades completas são postuladas. Deus manifestou o Cosmos de Si Mesmo; quando esta declaração é feita, a dúvida pode, naturalmente surgir: *“Como Deus Se tornou estas paredes, estas mesas?”* Deus é supremamente puro; como pôde Ele se tornar tais coisas impuras? Esta é a dúvida mais premente para alguns.

Busquemos as respostas. O homem é fundamentalmente Atma; mas possui o revestimento do corpo, não é? Sob um ponto de vista, o homem não é distinto de seu corpo, é? Apesar disto, o homem sente que não é seu corpo, que sua realidade é distinta, que não é o bebê que foi, ou o idoso que é, que não é nem masculino nem feminino, e que persiste através da infância, adolescência, meia-idade e velhice, masculinidade e feminilidade e de todos os demais estágios e mudanças. Assim também, o Cosmos e toda a Criação nada mais são do que os bilhões de corpos de Deus. Ele é tudo isto e está em tudo, mas é imutável e eterno. A natureza é sujeita a mudanças. O Atma também pode se contrair ou expandir, florir ou murchar, brilhar ou se obscurecer. Más ações diminuirão seu esplendor, anuviando seu brilho. Sua verdade e sabedoria, inatas e genuínas, podem ser encobertas por maus pensamentos e ações. Aqueles atos e práticas que podem descerrar o esplendor e glórias inerentes ao Atma são chamados de “bons”.

O Atma é inicialmente “ilimitado”, mas posteriormente é visto como limitado e restrito. Através de bons atos e atividades ele reas-

sume sua vastidão e liberdade ilimitada. Todos, sem qualquer distinção, têm a oportunidade de alcançar esta transformação. Quando o tempo está maduro, todos podem ter sucesso e se libertar dos jugos e limites. Porém, o Cosmos (Jagat) não terminará. Ele é eterno, incapaz de ser destruído. Esta é a explicação da segunda escola de filosofia da Índia. A primeira é a dualista ou a Dvaita. A segunda é a Vishishtadvaita ou dualismo com diferença. Esta está num estágio mais elevado na investigação e experiências espirituais. Ela postula três entidades: Deus, o Atma e a Natureza, e fala de uma integração das três. Os dualistas postulam que o Cosmos é uma vasta máquina projetada e operada por Deus. Os Vishishtadvaitas declaram que é um fenômeno que é interpenetrado e imbuído com o Divino. Mas os Advaitas, ou Não-dualistas, asseguram que Deus não está fora do Cosmos, que Ele se tornou o Cosmos (Jagat), e que é tudo que há. Não há nada a não ser Deus, nenhum Outro, nenhum Segundo. Esta verdade deve ser aceita por todos. Esta é a Verdade maior. Dizer que Deus é o Atma e que o Cosmos é como o Corpo que Ele opera e em que vive não é correto. Dizer que o Atma (Deus) é eterno e imutável, mas que o Cosmos, que é o Seu Corpo, pode ser sujeito à mudança e transformação também não é satisfatório.

O que significa quando se diz que *“Deus é o upadanakarana, a Primeira Causa do Cosmos?”* Causa Primeira significa a causa que produziu o efeito. O “efeito” é a “causa” em outra forma. Ele não pode ser separado da causa. Cada efeito que notamos não é senão a causa que assumiu uma nova forma. O Cosmos é o efeito, Deus é a Causa — tais declarações só realçam o fato que o Cosmos não é senão Deus em outra forma. Quando se argumenta que o corpo é limitado e sutil, e que ele leva a pessoa à Causa, isto é, Deus, ou que foi de Deus que

ele evoluiu e tomou forma, os não-dualistas responderiam que foi o próprio Deus que se manifestou na forma do Cosmos.

Pode-se duvidar de que todas estas multiplicidades de coisas e seres são realmente Deus. Sim. É a Verdade. Tudo isto que os sentidos captam que chega à consciência é Deus. Não há nada mais a não ser Ele. Nossos corpos, mentes, intelectos, consciências – tudo é Deus.

Aqui pode surgir outra dúvida. Por que seria Deus tantos seres individualizados? Por que Ele deveria ser tantos Jivatmas? Deus, que possui uma Forma, Se manifestaria como tantas? Como isto ocorreu? Se Deus Se transformou no Cosmos, Ele deveria Se sujeitar à mudança; tudo na Natureza, por sua própria composição se sujeita a mudanças, sofrem tanto o nascimento como a morte. E, se Deus entrou no recinto da mudança, significa que Ele também deverá morrer um dia? Ele deverá sofrer mudança e finalmente acabar? Lembre-se deste ponto também. Então, há outro ponto a ser considerado. Quanto de Deus, que porção de Deus se tornou o Cosmos?

Os Advaitas dizem, “Qualquer que seja a porção que você aloca ou imagina, lembre-se: o Cosmos não existe. É uma ilusão. Ele nunca é, foi ou será. A Criação do Cosmos, a dissolução do Cosmos, estes bilhões de indivíduos surgindo e se fundindo, tudo isto não passa de um sonho. Não há, absolutamente, nenhum Jivatma individualizado, nenhum Atma isolado. Como pode haver bilhões de Jivatmas? Há somente o UNO Absoluto, Indivisível, Completo. Como um único Sol refletido como um bilhão de sóis num bilhão de lagos, lagoas e gotas de água, os Jivatmas não são senão os reflexos do Uno nas mentes sobre as quais ele brilha.” Isto é o que o pensamento indiano enfatiza mais claramente através dos pensadores Advaitas. Aqueles que não conseguem compreender esta verdade estão sob a influência de maya ou Ilusão, pode-se dizer.

Sonhos também têm que ser baseados na realidade. Sem uma realidade básica, o “fato ou idéia dependente” não pode existir. Sem algo básico, coisas subsequentes não podem surgir. Sem um ser básico, seres subsequentes não podem surgir. Essa base é Deus ou Ishvara. Ele é Pleno, Ele é a Mente, o Corpo, o Atma. Você é tão real quanto um sonho. Para o olho que vê a realidade, o Cosmos é, não esta multiplicidade de nomes e formas, mas simplesmente Sat-Chit-Ananda (Ser, Consciência e Bem-aventurança). Pense por um instante sobre seu sonho. Ele não surge de nenhum local fora de você e nem as variadas imagens e atividades desaparecem em algum lugar, fora de você. Eles surgem de dentro de você e desaparecem dentro de você. Enquanto sonha, você considera os eventos e pessoas como reais, e vivencia, tão verdadeiramente como no estado de vigília, os sentimentos de tristeza, deleite, medo, ansiedade, e alegria. Você não os rejeita, no momento, como ilusórios. O Cosmos é o sonho de Deus; ele surge Nele e se funde Nele. É o produto de Sua Mente. Estas vidas, e os repetidos retornos são, todos, tramas fantasiosas de maya, fantasias irreais, agitações ilusórias, aparências irreais. Você é o Pleno, você é Deus. Deus é Você. Aqueles que vivem esta sabedoria máxima podem realizar a unidade com o UNO, aqui e agora.



10. Os YOGIS

Há três passos na progressão da investigação filosófica (ou pensamento Vedanta) na Índia. Eles são o Advaita, o Vishishtadvaita e o Dvaita. Não é possível avançar além destes três passos, sob qualquer esforço humano. O pensamento Advaita está além do alcance do homem comum; ele não é facilmente compreensível. Concebê-lo com o intelecto é difícil. Para vivê-lo é necessária uma poderosa capacidade de penetração. Portanto, é melhor começar com o estágio dualista, ou Dvaita, e vivenciá-lo como a realidade subjacente às coisas; então, o segundo passo, o dos Vishishtadvaita, torna-se mais fácil alcançar.

O indivíduo deve progredir tão veloz ou tão firmemente quanto a comunidade. Nós atravessamos a infância, a juventude, a adolescência, a fase adulta, a meia idade e a velhice; é uma progressão imperceptível, mas inevitável. Vivemos cada uma delas somente quando as atravessamos. Assim acontece, também, com estes três estágios da descoberta filosófica. Cada uma destas visões está latente nas restantes e cada uma procede da experiência do estágio anterior. Não é possível estar consciente de todas as três ao mesmo tempo. Baseado no nosso sadhana e das experiências obtidas dele, cada um desses pontos-de-vista aparece na consciência e gera o impulso da ação e pensamento.

Aqueles que asseguram que o Universo é real, mas declaram, ao mesmo tempo, que a existência de Deus não é mais que um sonho, estão apenas se provando tolos. Pois, se o efeito, isto é, o Cosmos é real, ele deve ter tido uma Causa, pois como pode haver um efeito sem nenhuma causa? Deus só pode ser negado se o Universo for negado. Deus só pode desaparecer quando o Universo desaparecer.

O que agora aparece como Cosmos é, realmente, Deus. Esta é a visão que o verdadeiro aspirante espiritual ou sadhaka terá quando for bem sucedido no seu esforço. De fato, o Universo que vivenciamos é o sonho. Quando despertarmos, a Verdade dele ser Deus brilhará na consciência. Desde o início dos tempos, o Deus que consideramos fora de nós tem sido a realidade dentro de nós também. Esta Verdade também se firmará na crença do homem.

É claro, não há filosofia satisfatória a todos os tipos e níveis de equipamento mental. Cada uma possui um valor distinto. Os estágios do desenvolvimento intelectual, ou os poderes da razão, são diferentes entre si. Portanto, as três escolas de interpretação filosófica mencionadas acima — Dvaita, Vishishtadvaita e Advaita — obtêm aceitação entre pessoas de diferentes temperamentos e diferentes grupos. Portanto, nenhuma escola tem o direito de reivindicar superioridade ou imputar inferioridade. Somente os ignorantes recorrerão a tais táticas.

Quando as pessoas se aproximam de nós com pontos-de-vista fanático, devemos saudá-las com um sorriso, vivo e franco, pleno de devoção a Deus. Pode-se ficar intoxicado, é claro; mas só como consequência de bebermos do vinho do amor, prema. Quando alguém fanático por trabalho se aproxima de nós, devemos compartilhar com ele nossa habilidade e força e nos unir a ele no trabalho. Desta maneira, é possível obter harmonia entre seguidores de diferentes crenças e pensamentos filosóficos. Isto promoverá a união entre escolas de pensamento e crenças. Se apenas este princípio de harmonia e cooperação harmoniosa tivesse se tornado um ativo permanente de todo homem, quão excelente seria! Como o mundo teria sido feliz se cada um tivesse este conhecimento de que o seu ponto-de-vista pode, na melhor das hipóteses, ser parcial

e que é necessária a miscigenação harmoniosa de muitas outras facetas para postular a Verdade!

Yoga significa “união”, união com o Ser Supremo. Na Índia, onde o Yoga flui nas veias de cada um há muito tempo, é possível a coexistência de muitas fés e crenças, que é o tipo ideal de Religião Universal. Aqueles que podem heroicamente praticar sua fé na vida diária, alcançam esta “união” na comunidade humana. União pode ser estabelecida entre o comportamento externo e a natureza interna. O aspirante espiritual, concentrado na senda do amor — prema, pode almejar a União entre ele e a encarnação de prema, isto é, Deus. O Vedanta pode obter a União de tudo que É, no conceito único de Deus. A senda do Yoga é chamada por diferentes nomes em sânscrito sob diferentes contextos; mas, aqueles capazes de conceber e executar a União são reverenciados como yogis.

Aqueles que buscam, através de atividades e realizações, estabelecer a União são os karma yogis; aqueles que seguem o caminho de prema (amor) são os bhakti yogis; aqueles que procuram manifestar seus poderes latentes e canalizá-los são os raja yogis; aqueles que se atêm à análise lógica e interpretação racional e atingem a percepção intuitiva são os jñana yogis. Na história espiritual indiana, estes quatro tipos ocorrem repetidamente.

Primeiramente, o karma yogi. Ele adota a senda do estabelecimento da união com o Absoluto (Brahman) através de atos que elevam e sublimam. Encontramos no mundo muitos que parecem que nasceram só para realizar uma missão ou projeto específico. Seu intelecto não se satisfaz com a mera imaginação ou planejamento. Suas mentes estão repletas de empreendimentos concretos que eles almejam realizar. Para tais pessoas, um livro-guia ou Shastra é necessário, para

dirigi-los por caminhos benéficos. Cada um, no mundo, é visto engajado em uma atividade ou outra o tempo todo. Todavia, muito poucos conhecem o significado e o valor de karma; ou como obter os melhores resultados desta característica inescapável. Por causa disto, a vida está se tornando estéril e banal. O Karma Yoga ensina ao homem a consciência deste significado e o orienta para que atinja o máximo benefício da atividade. Onde, quando e como o karma deve ser feito, como as tendências espirituais podem reforçar o poder da mente no desempenho do karma, e como o karma deve ser encarado de forma que possa haver o desenvolvimento espiritual — isto nos é ensinado pelo Karma Yoga.

Há uma grande objeção da parte de algumas pessoas a este respeito, e devemos prestar alguma atenção a isto. A objeção é que o Karma Yoga impõe muito esforço físico. Mas, basicamente, é a companhia que se cultiva que define o esforço e o desgaste que a mente e o corpo do homem terão que se sujeitar. “Gosto muito de me dedicar somente a esta tarefa”. “Tentei somente fazer o bem para ele; mas ele ignorou meu desejo e tentou me agredir”, estas são as causas habituais do esforço e do desgaste mencionados acima. Tais desapontamentos fazem a pessoa perder o interesse pela atividade. Ela quer fazer o bem e tenta fazer o bem a alguém, esperando obter, de alguma forma, alegria e distribuir alegria com isto. Quando tal alegria não se manifesta, estabelece-se o desespero.

Mas, sem se apegar, sem saber a quem o karma ajuda ou como, a lição que Karma Yoga ensina é: faça o karma, como karma, para o bem do karma. Por que o karma yogi enche suas mãos com trabalho? Esta é sua real natureza; ele sente que é feliz, enquanto trabalha. Isto é tudo. Ele não barganha resultados; não faz nenhum cálculo. Dá,

mas nunca recebe. Não conhece a tristeza nem o desapontamento, pois não espera por nenhum benefício.

O segundo caminho: Bhakti Yoga. Esse é próprio para os que são emocionais. É o caminho para aqueles capazes de encher seus corações com amor. O anseio é ter Deus como o bem amado. Suas atividades serão diferentes, pois se relacionam à queima de incenso, colher flores para veneração, à construção de templos e capelas onde ele instalará e adorará símbolos da Beleza, Sabedoria e Poder.

Vocês estão pensando em argumentar que esta não é a maneira certa de alcançar a união com a Divindade? Lembrem-se de que santos e sábios, grandes líderes e guias espirituais, por todo o mundo, emergiram exatamente desse estágio de devoção e dedicação do esforço espiritual. Algumas crenças tentaram imaginar Deus como sem forma, e consideraram a veneração a Deus através daqueles atos como blasfêmia; tentaram suprimir os cultos devocionais, e, no processo, descaracterizaram a Realidade e Seu Poder e Majestade. A crença de que Deus não pode ser simbolizado em uma Forma é evidência de cegueira; a acusação de que tal devoção é estéril é vazia. A história do mundo é testemunha da eficácia da devoção. Não é correto ridicularizar estas atividades, cerimônias e rituais e as vidas dos aspirantes espirituais que se ativeram a elas para alcançar a União com a Divindade. Deixem aqueles que buscam pela alegria de venerarem a Forma, fazê-lo. Certamente, será um pecado destruir sua fé e tratá-la como infrutífera.

A glória dos grandes heróis do espírito, daqueles que escalaram os mais altos picos da Realização e dos que alcançaram a realização espiritual, exerce imensa influência nas mentes da humanidade. Como resultado de uma longa linhagem de tais videntes, a mensagem es-

piritual da Índia atraiu a atenção de todas as nações. Se a Índia foi capaz de obter a reverência do mundo, a razão está no tesouro precioso que eles conquistaram e preservaram. Aqui, amor a Deus e medo do pecado têm sido os pilares principais da vida e os eternos guias para se viver. Bharat (Índia) ganhou reputação por ser uma terra santa, uma terra inundada de renúncia e disciplinas espirituais voltadas para a união com o Absoluto, renomada por tyaga e yoga¹⁵. Os ideais que esta cultura encorajou foram todos dirigidos para a conquista das inquietudes da mente.

Podem as explicações oferecidas por esta cultura, sobre a natureza e características da Realidade, serem palatáveis aos aflitos por sentimentos agitados e paixões? Para os grandes construtores desta cultura, Deus era a tangível Verdade, o Único Fato Real, a Meta de todo seu Amor. Portanto, os herdeiros e seguidores desta cultura tratam os argumentos niilistas baseados na inevitavelmente limitada “razão”, como o tolo é tratado na estória. O tolo viu um ídolo e, ansioso por descobrir Deus, o quebrou em pedaços com um martelo!

Bhakti Yoga ensinará a tais pessoas o caminho do amor. Dirá para não amarem com o objetivo de tirar proveito. Amem a todos; amem-nos como amam a si mesmos. Nenhum mal poderá lhes ocorrer então. Espalharão somente alegria e felicidade a todos. Deus está presente em todos os seres como amor. Portanto o amor é oferecido e aceito não pelo indivíduo, mas por Deus, que é o seu residente. O buscador de Deus, que confia na senda da devoção e dedicação, logo se conscientiza deste fato.

Alguns amam a Deus como a Mãe, outros como o Pai, e alguns amam a Deus como o “mais querido e único amigo”. Há outros que

15. Sacrifício e união com o Divino

consideram Deus como o bem amado, a meta única e desejada. Todos se empenham em fundir o seu amor no oceano de amor que é Deus. Onde quer que o amor seja evidente, considere que é o próprio amor de Deus. Deus é o supremo amado da humanidade. Portanto, quando qualquer um decide servir ao homem, a quem Ele ama, Deus derrama Graça em profusão. Quando o coração humano se entenece com o sofrimento de outros e se expande, como resultado desta solidariedade, acredite que Deus está aí presente. Este é o sinal da validade da senda da devoção, a Bhakti Yoga.

Agora, a Raja Yoga: ela significa o processo de dominar sobre a mente. A pessoa não precisa entregar seu intelecto ou seguir as linhas-mestras de líderes espirituais. Não há nenhuma possibilidade de ser iludido ou enganado. A cada passo, a pessoa tem que confiar no seu próprio intelecto e experiência, testados por ela mesma.

Todo ser possui três tipos de instrumentos para adquirir conhecimento e, através deste conhecimento, a sabedoria. O primeiro é o “instintivo”; muito forte, ativo e desenvolvido em animais. É o mais antigo, inferior, e, portanto, o menos benéfico dos três. O segundo é o “racional”, o instrumento que busca a causa e o correspondente efeito. É o mais evidente no homem. O instinto só pode operar no campo limitado dos sentidos e das experiências sensoriais. No homem, o conhecimento instintivo é largamente subordinado aos instrumentos racionais. Os limites do racional são muito tênues; a razão pode abarcar campos muitíssimo vastos. Mesmo assim, a razão só é capaz de um desempenho muito pobre; seu alcance é restrito. Ela só pode ir até certa distância, não pode ir mais adiante. A estrada que a lógica toma não é reta. É mais circular, retornando, vez após vez, ao lugar de onde partiu.

Tome por exemplo, nosso conhecimento do mundo objetivo, dos elementos e energias que o compõem. Aquilo que impulsiona e estimula o mundo objetivo e seus componentes não se esgota aí. Ele absorve também o que é imanente fora do mundo objetivo. Assim, a extensão que a razão pode extrapolar e explicar, é como a “consciência” aprisionada na minúscula molécula, diante da vastidão e grandeza da plenitude transcendental.

Para irmos além dos limites da razão, rumo a esta plenitude, reino livre da intuição, alguns exercícios e disciplinas espirituais são necessários. Eles podem ser agrupados sob o nome jñana impulsionada por Deus. Pois, só possuímos três estágios de Conhecimento (jñana): **sahajajñana** (natural, derivada dos sentidos da ação e percepção), **yukti-yuktajñana** (conhecimento derivado do processo de discernimento e avaliação), e **Ishvarapreritajñana** (conhecimento induzido por Deus, obtido pela Graça, por meio de visão interna ou intuição). O primeiro destes é o conhecimento possuído pelos animais; o segundo é característico do homem e o terceiro é o tesouro especial dos indivíduos de almas elevadas. É possível a todos promover, cultivar e desenvolver as sementes desta terceira sabedoria (jñana). Pois, a capacidade está latente em todos.

Outro fato também deve ser levado em consideração. Os três são estágios do crescimento e, portanto não são mutuamente exclusivos. O Ishvarapreritajñana não contradirá o yukti-yuktajñana; ele somente iluminará aquilo que é não-manifesto no yukti-yuktajñana. O estágio posterior só confirma e desenvolve os anteriores. Afligidos pelas inquietudes da mente e suas fantasias, alguns tomam suas atitudes distorcidas como dadas por Deus ou induzidas pela Graça. E poderão até exigir de outros que sigam seu conselho. Desencamin-

ham os homens pela sua liderança estéril. Tais tolos anunciam que seu matraquear absurdo é impulsionado por Deus.

O verdadeiro ensinamento jamais pode ser contrário ao yukti-yuktajñana, a conclusão obtida pelo discernimento e avaliação. Os Yogas acima foram, todos, estabelecidos em consonância com esta visão.

Raja Yoga deve ser praticado principalmente pela mente e sua vontade. É um vasto assunto, portanto só consideraremos aqui seu tema central. É algo que é o único refúgio dos menores entre os menores e dos mais elevados entre os yogis — ou seja, a meditação unidirecionada. Para a pessoa envolvida em pesquisa de laboratório, para a que anda por uma estrada ou para um estudioso lendo um livro, ou ainda, um indivíduo escrevendo uma carta, ou dirigindo um carro, é muito importante a concentração de toda sua atenção nos artigos à sua frente e na atividade envolvida. Ele compreende a natureza e peculiaridade do objeto que manipula. Quanto mais intensa é sua concentração, mais bem sucedida será sua atividade. Quando as habilidades mentais são concentradas em um esforço, o conhecimento pode ser adquirido de forma mais rápida e abrangente. E esta é a única maneira pela qual o conhecimento pode ser obtido.

A concentração capacitará a pessoa, seja quem for ou qual a atividade envolvida, a finalizá-la muito melhor do que de qualquer outra maneira. Quer em tarefas materiais, no trabalho comum do dia-a-dia, ou na disciplina espiritual, a concentração de energias mentais é o máximo, se o sucesso for almejado. Este é o mais importante aspecto do Raja Yoga. Pode-se mesmo dizer que é o único aspecto importante desse Yoga. Milhões de pensamentos indesejáveis, desnecessários e até perigosos entram em nossas mentes e confundem suas atividades. Eles devem ser expulsos; a mente deve ser pro-

tegida, controlada, e mantida sob nossa rigorosa supervisão. Raja Yoga é o grande refúgio para pessoas almejando obter esta vitória.

Jñana Yoga é, principalmente, dedicado ao estudo dos princípios básicos. Este Universo ou Cosmos que achamos estar fora de nós pode ser explicado por meio de diversas teorias do conhecimento, mas nenhuma delas será convincente aos não-iniciados. O jñana yogi tece muitas destas teorias e hipóteses. Ele não está convencido da realidade de qualquer objeto material no Universo, ou de nenhuma atividade, ou mesmo de qualquer um que proponha qualquer outra explicação. Ele acredita que deve transcender as rotinas diárias da vida e não se submeter às obrigações sociais ou quaisquer outras. No vasto Oceano do SER, ou Sat, os objetos não passam de gotas, na sua visão. Todos lutam para se mover da circunferência para o Centro, de onde se manifestaram, através de maya – ilusão. O jñana yogi também anseia pela imersão no Centro, o Cerne da Realidade, longe do emaranhado da aparente diversidade. Esforça-se para se tornar a própria Verdade, e não somente se tornar consciente d’Ela. É claro que, no momento em que se torna consciente Dela, ele se torna Ela. Não pode tolerar o pensamento de que ele e a Verdade são separados e distintos.

O Divino é seu único parente e protetor. Ele não conhece qualquer outro. Não mantém qualquer outro desejo, qualquer outro apego, qualquer outro anseio. Deus é tudo em tudo. Não pode ser afetado por tristeza ou alegria, fracasso ou sucesso. Vê e vive somente num ininterrupto e indubitável fluxo de consciência bem-aventurada. Para a pessoa firmemente estabelecida neste estado, o mundo e seus altos e baixos parecem triviais e ilusórios. Para permanecer em tal Consciência, ela deve conter os impulsos dos sentidos e encarar as fascinações do mundo sem nenhuma agitação na mente.

O jñana yogi está vigilante contra as tentações oferecidas por seus sentidos e, deixando-as de lado, aproxima-se do Divino em busca de força e aconchego. Compreende que o poder e a energia que vitalizam o menor dos menores e o maior dos maiores é o mesmo Princípio Divino. Suas ações, pensamentos, e palavras revelam esta visão que ele viveu. Isto é Paramartha Drishti, a Supra Visão. Ele vê todos os elementos — terra, fogo, água, vento e céu — como o próprio Divino e todos os seres — homem, fera, pássaro, e larva — como emanações de Deus e, portanto, completamente Divinos.

Um fato deve ser registrado aqui. Se uma pessoa possui este conhecimento da imanência do Divino, e até mesmo de sua transcendência, não pode ser honrado como um sábio ou iluminado — jñani. Pois o conhecimento deve ser assimilado por meio da real experiência. Este é o teste crucial. Não é suficiente que o intelecto dê seu consentimento e seja capaz de provar que Deus-Absoluto é tudo. A crença deve penetrar e nortear cada momento da existência e cada ato do crente. Sabedoria não deve ser meramente um monte de pensamentos ou um pacote de princípios elegantemente construídos. A crença deve vivificar e permear cada pensamento, palavra e ação. O ser deve estar impregnado pelo néctar da sabedoria.

O intelecto é um instrumento pobre, pois aquilo que ele aprova como correto hoje, é amanhã rejeitado por ele mesmo, ao revê-lo! O intelecto não pode julgar as coisas conclusiva e definitivamente. Portanto, procure pela experiência. Uma vez obtida, o Atma será compreendido como “tudo isto”. Isto é Jñana Yoga. De acordo com o modo de pensar indiano, os Vedas são considerados a Voz de Deus. Portanto, os Vedas são a fonte primária de todo o conhecimento para eles. Tudo é testado com base nos Vedas. Os antigos

sábios estabeleceram que o que está de acordo com os Vedas é recomendável ao homem; aquilo que não está de acordo com os Vedas, não é recomendável ao homem. Os Vedas não foram ditados por humanos, ou compostos por homens e mulheres. Foram ouvidos e gravados por sábios, e transmitidos pelo guru ao discípulo, por gerações, oralmente. O guru recitava, o discípulo ouvia e recitava, tal como o guru, com o mesmo cuidado e correção. Desta forma, os Vedas foram transmitidos por séculos. Ninguém pode determinar as datas exatas em que foram inicialmente ouvidos e recitados. Por isso, eles são considerados como sanathana ou eternos.

Neste ponto temos que ter em mente outra verdade muito importante. Todas as outras religiões predominantes no mundo consideram-se como comunicações autorizadas feitas a alguns homens santos, pelo Próprio Deus, em Sua Forma Incorporada, ou através de algumas personalidades Super-humanas ou encarnações de partes ou porções da Divindade. Os indianos não seguem esta linha. Eles declaram que os Vedas não são baseados em nenhuma autoridade humana. Eles não dependem do homem para sua validade. São emanções diretas de Deus; são primordiais; eles são sua própria autoridade e validade. Não foram escritos ou compostos, construídos ou montados.

O Cosmos ou Criação é ilimitado, eterno e não tem início ou fim. Assim também, a Voz de Deus, ou seja, os Vedas, não possuem qualquer limite, eles são eternos, não tem início ou fim. “Vid”, a raiz da qual a palavra é derivada, significa “saber”. Quando o Conhecimento começou, os Vedas também se manifestaram. Os sábios — rishis — os visualizaram e anunciaram. Eles são os “que vêem os mantras” — os mantra drishtas.

Os Vedas possuem duas principais seções: o Karmakanda e o Jñanakanda. Primeiro vem o Karmakanda, e ele é seguido pelo

Jñanakanda. No Karmakanda são mencionados certo número de diferentes “kratus” ou sacrifícios, nos quais são feitas oferendas ao fogo santificado. A maioria deles foi abandonada pelos bharatiyas nos tempos atuais, já que se tornou difícil realizá-los com a exatidão que as regras védicas prescrevem. Alguns ainda permanecem, numa forma muito atenuada. No Karmakanda os códigos morais são insistentemente exigidos. As regras e restrições morais que regulam a vida e a conduta se referem ao estágio brahmachari (o estudante), estágio grihasta (chefe de família), estágio vanaprasta (recluso) e o estágio sanyasa (monástico). O Karmakanda também declara o que é certo e errado para pessoas de diferentes profissões e que ocupam status diferentes. Isto é seguido aqui e acolá, de forma resumida, pelas pessoas na Índia.

O Jñanakanda é chamado Vedanta ou o fim dos Vedas, o Objetivo, o Final. O Jñanakanda está abrigado nas Upanishads. Os seguidores das escolas de pensamento filosófico Dvaita, Vishishtadvaita e Advaita, os adoradores de Shiva, Vishnu, Shakti, Surya e Ganapati¹⁶ – todos aceitam a suprema autoridade dos Vedas. Eles podem interpretar as Upanishads e outros textos em função de suas próprias predileções e calibre intelectual, mas ninguém ousa questionar a autoridade dos Vedas ou do Vedanta. Portanto, pode-se atribuir os títulos de hindu, bharatiya ou vedantino à mesma pessoa. As várias escolas de pensamento filosófico ativas hoje, podem parecer de difícil compreensão ou derivadas de compreensão imatura; mas quando o assunto é repensado calmamente, ou os textos são estudados em silêncio ou investigados sem pré-julgamentos, se torna claro que

16. Surya: Deus Sol; Ganapati: refere-se a Ganesha (Senhor dos Ganas, ou Senhor do intelecto e da sabedoria).

todas elas basearam-se nos pontos levantados e nas conclusões obtidas nas Upanishads. As Upanishads estão sendo simbolizadas e veneradas em forma de imagem, em templos e capelas particulares, como um tributo a este apelo universal. Elas se enredaram, inseparavelmente, em nossas vidas.

Os Vedas são “infindáveis”: Ananto vai vedah. Mas, foram reduzidos a quatro coleções e a sua essência foi preservada nestas formas. Para promover paz e prosperidade no mundo, as quatro foram então ensinadas e propagadas. Elas são o Rig, Sama, Yajur e Atharvana Vedas. Elas sustentam o dharma (retidão), proclamam a Realidade e promovem paz e harmonia, desenvolvendo entre os homens atitudes de reverência, a música e a adoração, e também o cultivo da habilidade em armamento e guerra. Apresentam o ideal perante a humanidade, e a exortam a segui-lo.

Quer o bharatiya esteja consciente disto ou não, invariavelmente, cada ato correto seu terá alguma injunção ou proibição védica subjacente, regulando ou o iluminando. Os Vedas são os guias desde os ritos de casamento até ritos funerários e até mesmo dos ritos para a propiciação dos ancestrais. Um verdadeiro bharatiya jamais esquecerá os Vedas ou será ingrato a eles. Os dualistas, os monistas especiais, os monistas – todos dirigem suas vidas de acordo com as linhas traçadas no passado pelos sábios, embora agora desconheçam a origem e o propósito destas linhas-mestras. Se as soubessem, o fruto seria muito mais abundante e permanente.

11. VALOR DOS VEDAS

“Vetti iti Vedah” – o conhecer, o conhecimento é Veda. Isto quer dizer que o homem pode conhecer, através dos Vedas, o Código das Atividades Corretas e o Corpo do Conhecimento Correto. Os Vedas ensinam ao homem seus deveres, do nascimento à morte. Eles descrevem seus direitos e deveres, obrigações e responsabilidades, em todos os estágios da vida: como estudante, membro de família, recluso e monge. Para tornar evidente os ditos e axiomas védicos e permitir a todos compreender o significado e propósito do que é ou não permitido, apareceram, ao longo do tempo, os Vedangas,¹⁷ Puranas e os Épicos. Portanto, se o homem ansiar por compreender o seu próprio significado e verdadeira realidade, ele deverá compreender, também, a importância destas composições posteriores.

Esta é a razão pela qual os antigos ensinavam os Vedangas e outros textos correlatos, mesmo antes dos discípulos aprenderem os Vedas. Isto era uma exigência nas Gurukulas, ou eremitérios escolares do passado. Naqueles tempos, os indianos estudavam os “Quatorze vidyas”, ou “Conhecimentos”. Os Vedas eram memorizados. O mestre dos Vedas, que aprendera desta maneira, era chamado de jada, ou seres insensíveis! Mas a palavra não significava que ele não houvesse aprendido nada. Significava somente que ele não tinha nada mais a aprender e, portanto se tornara “insensível” e “contente”. Através do estudo dos Vedas, se transformara no mestre de todo o Conhecimento. Para que esta vida humana valesse a pena, o estudo dos Vedas era considerado muito essencial.

17. Literalmente: “ramos ou membros dos Vedas”.

O fluxo da cultura indiana sempre enfatizou os Vedas como a suprema autoridade para decidir os valores da vida humana. Dos Vedas, o primeiro é o Rig Veda. É geralmente considerado como composto de dez “mandalas” ou seções. Nas primeiras nove seções estão os hinos em louvor a Deus, sob os nomes de Agni, Indra, Marut, Ushas¹⁸, etc. Historiadores e pesquisadores apresentaram certas teorias para explicar como estes hinos de louvor surgiram. Os homens daqueles tempos compreendiam que Agni (fogo), Vayu (ar), Marut (vento), etc., eram muito mais poderosos que eles, e, portanto, desprezaram suas qualidades Divinas e os veneraram.

O segundo dos Vedas é o Yajurveda. Este Veda possui duas divisões: o Krishna Yajurveda e o Shukla Yajurveda. Este Veda refere-se ao rio Ganges e sua região. É a fonte da escola Uttara Mimamsa, de pensamento e interpretação. As pessoas já tinham, àquela época, demarcado as áreas de florestas, separando-as das áreas cultiváveis, em torno dos vilarejos, e fixado residência neles. Há uma razão proeminente que exigiu a separação de certas porções do Veda no Yajurveda, que, possui sete seções chamadas Aranyakas, ou Textos da Floresta, indicando pelo próprio nome, que se referem mais a disciplinas e exercícios espirituais que só podem ser praticados no isolamento e silêncio da floresta.

O terceiro Veda é o Sama Veda. Nesta compilação, muitos dos hinos (rks) do Rig Veda são repetidos, mas, com notas musicais adicionais para que eles possam ser cantados durante rituais e cerimônias védicas. Portanto, o Sama Veda é, principalmente, svara ou partitura musical. Os Arianos do Rig Veda viviam nas margens do rio Sindhu, ao passo que os do Yajurveda, tomaram ciência dele nas margens

18. Deus do Fogo; Deus da Chuva; Deus do Vento; Filha do Céu, etc.

do rio Ganges¹⁹. As músicas do Sama Veda são visualizações dessa mesma época, mas as pessoas pareciam que já teriam ocupado até mesmo a região mediana da Índia. O Sama Veda é também chamado de Gana Veda, para ressaltar sua natureza musical. Todas as escolas musicais são derivadas dos estilos apresentados no Sama Veda. Todos os tons e notas estão incluídos naquele Veda.

O quarto é o Atharvan ou Atharva Veda. Muitos o descrevem de maneiras diversas. Alguns até lhe negaram o status de Veda. Outros dizem que ele é feito do que restou, após a compilação dos demais. Nos outros Vedas é descrito o poder e o mistério dos Deuses. Mas neste Veda menciona-se a possibilidade do homem adquirir certos poderes e mistérios, por seu próprio esforço e exercícios. Esta é sua especialidade. Hatha yoga, thiraskarani vidya, ashta yoga²⁰ – ficaram disponíveis para o homem graças a este Veda. É claro que, obtendo a Graça do Senhor, o homem pode adquirir até habilidades de outra forma impossíveis de se obter.

Em resumo, deve ser compreendido que os Vedas são muito importantes para o homem e que eles cobrem todo o espectro do conhecimento. São a fonte e o impulso da cultura indiana. São os registros de visões e experiências divinas; sua fonte não é uma pessoa

19. Principal rio sagrado da Índia.

20. **Hatha Yoga:** “Yoga do Sol e da Lua”. Modalidade de yoga mais conhecida no ocidente, consistindo principalmente de posturas e exercícios de controle da respiração com o propósito de dar ao indivíduo total controle sobre o seu ser; **Thiraskarani vidya:** “Educação para Suportar Insultos” (tiraskara = insulto). Como o nome indica, um método ou técnica para se adquirir equanimidade total. **Ashta yoga:** “yoga dos oito”. Provável menção ao método codificado pelo sábio Patanjali que consiste de oito (ashta) passos ou “membros” (anga) e destina-se a proporcionar ao indivíduo a percepção e fusão com o Absoluto.

em particular. Foram revelados por Deus, de Sua inata misericórdia. A herança védica manteve-se pura e impoluta, até os dias de hoje, porque foi passada de mestre para discípulo, em sucessão regular. Já que é atemporal e sem autor, é digna de aceitação por todos. Ninguém pode se permitir negligenciar ou negar seu valor.

Sejam quais forem as diferenças de conteúdo, os comentaristas concordam que os ensinamentos essenciais de todos os quatro Vedas é o mesmo. As seções, que tratam dos ritos, formas de veneração e das conclusões de investigação, ajudam o homem a atingir os quatro objetivos da vida: dharma, artha, kama e moksha²¹. Já que é muito difícil compreender os Vedas, desenvolvemos uma vasta literatura Smriti para expor os textos Shruti: os Puranas e os Itihasas. Videntes, com visão de longo alcance, os compuseram, a partir de eventos e incidentes históricos e lendários.

Karma e jñana estão relacionados como causa e efeito, e, portanto as seções karma dos Shruti e Smriti, que enfatizam a atividade, levaram à descoberta de novas facetas da Verdade e tornaram as idéias de um Deus transcendente mais claras e próximas. Assim também, a descoberta de conceitos mais claros de Deus, através da investigação espiritual ao longo do jñana marga (caminho do conhecimento), deu à “atividade” um melhor significado e propósito mais elevado.

21. **Dharma:** em seu significado etimológico é “isto no qual se contém” este mundo, as pessoas e toda a criação. Esta é a lei divina e eterna do Senhor. Toda a criação é amparada e sustentada por Ele. Dharma é um termo complexo, com diversos significados incluindo: lei Divina, ética, retidão, deveres, justiça, etc. — **artha:** a coisa desejada e busca o desejo de fortuna (pertence às quatro classes de desejos mentais que causam sofrimento) — **kama:** desejo de satisfazer os sentidos, desejo — **moksha:** literalmente “liberação”; liberação final realização espiritual; liberação dos vínculos materiais.

O benefício do karma foi dado à fé, e a fé no karma proporcionou a conscientização de Deus, obtida através de jñana. Pois, para o indivíduo se envolver em boas atividades, jñana é um pré-requisito essencial. Esta sabedoria tem que, em última instância, derivar dos Vedas; ela é baseada nos ensinamentos dos Vedas.

O karma é, verdadeiramente, a prática do dharma. As Upanishads nos orientam quanto ao que deve ser feito e o que deve ser evitado na jornada espiritual. Nos direcionam a reverenciar a mãe como Deus, o pai como Deus, o preceptor como Deus, o hóspede como Deus e também nos alertam que a Verdade nem o dharma devem ser negligenciados. Portanto, há instruções positivas e negativas – sigam estes conselhos, não outros. O que quer que conduza seu progresso na bondade, aceitem; evitem outros conselhos – assim instruem as Upanishads.

Naqueles séculos, o próprio rei estudava em eremitérios aos pés dos sábios versados nas Upanishads e ajudava outros a estudar, ao conceder abundante ajuda econômica aos centros de saber, que brilhavam como depositários do conhecimento védicos. Assim como era o rei, eram os súditos. Patrocinar os Vedas significava patrocinar os eruditos e praticantes dos Veda. Nos tempos atuais, o encorajamento é oferecido e o conhecimento é honrado em outros campos do conhecimento. Aos eruditos védicos não é dado encorajamento e emolumentos similares. Este é um aspecto importante que deve ser resolvido.

Dharmo rakshati rakshitah; O dharma protege aqueles que o protegem, diz a Shruti²². Quando pessoas se apresentam para patrocinar as fontes do dharma, este ato bom por si mesmo ajudará a promover

22. Escrituras védicas: Aquilo que é ouvido, aquele conhecimento recebido através dos sons, realizado pelos Gurus, o que é ouvido, recordado e mantido como um tesouro na memória dos homens, aquilo que se escuta com atenção – é o Veda.

aqueles que o fazem. O estudo dos Vedas hoje, tornou-se tarefa dos economicamente fracos. As pessoas se acostumaram com esta situação. Elas associam o estudo a uma imagem triste e deplorável. Os próprios eruditos, que alcançaram a erudição através dos Vedas, utilizam-na como um artigo comercial, que pode ser vendido. Eles não demonstram o valor do estudo Védico através da paz e harmonia de suas vidas, para ganhar, assim, a reverência aos Vedas, através do exemplo pessoal. Os Vedas estão sendo mal utilizados por eles, para receberem uma miséria, em vez da libertação e paz. Esta é a razão pela qual o dharma está tendo um retrocesso, e ansiedade e medo estão se espalhando entre os homens. O mundo poderá recuperar a paz e harmonia somente quando tais pessoas se convencerem a praticar os ideais estabelecidos nos Vedas e, deste modo, a servirem como faróis para guiar a humanidade na direção certa. Caso contrário, a queda é inevitável.

O fluxo espiritual bharatiya ou indiano até o presente, fertilizou o conhecimento e a prática védica. Sua mensagem tem sido sempre: “Avancem ao longo da senda védica.” O indivíduo pode discorrer a respeito de Vedanta e dos Vedas, mas se ele não mantiver o valor de seus ideais, em sua própria experiência e prática, será um desperdício. Esta verdade tem sido esquecida por aqueles personagens. Possam eles despertar a tempo e salvar as tradições e valores da eterna cultura védica.



12. VALORES NOS TEXTOS POSTERIORES

Logo após a propagação de Vedanta, por meio das Upanishads e outros textos, os rishis, fixados nas austeridades e na experiência espiritual obtida delas, compuseram as Smritis, que discorrem sobre os códigos de conduta para o povo, durante os vários estágios da vida, assim como os diversos status que ocupam na sociedade. As Smritis, todavia, não adquiriram a mesma autoridade que os textos de Vedanta, pois tratavam de direitos e responsabilidades, deveres e obrigações.

Tais Smritis podem ser encontradas em escrituras sagradas, veneradas por seguidores de outras religiões. Eles consideram tais códigos sociais e orientações individuais dadas por seus profetas e videntes como valiosos e obrigatórios. Nós também as reverenciamos e devemos continuar a reverenciá-las como regulamentos estabelecidos para o bem da sociedade e o progresso do homem. Pois, devemos admitir que elas foram organizadas por mahapurushas, sábios extraordinários e benfeitores do povo.

Mas, ao longo do tempo, as Smritis se transformaram, devido a omissões, adições e diferenças de ênfase. Os sábios designaram como dominante para cada Era, ou Yuga, uma Smriti específica, pois muitas Smritis, com conselhos divergentes, causavam confusão e dúvida. Eles diziam: aqueles na Krita Yuga devem considerar uma Smriti como especialmente indicada para eles, os na Treta Yuga devem seguir os mandamentos de outra, aqueles na Dvapara Yuga devem seguir a senda recomendada numa terceira e na Kali Yuga²³, as pessoas devem recorrer a uma quarta. Enquanto

23. No contexto Baba está se referindo as Eras ou Yugas: Krita ou Sathya, Treta, Dvapara e Kali Yuga. A primeira é a Sathya Yuga, a Era de Ouro ou Era da Verdade, onde todo o Universo é permeado pela Virtude (pelo dharma). A Era seguinte é a Treta Yuga, na qual três quartos do Universo estão envolvidos no dharma; segue-se a Dvapara Yuga, onde somente metade do Universo está permeado pelo dharma. Na Era de Kali, finalmente, apenas ¼ do Universo é Virtude. Esta Era é exatamente o momento atual.

séculos rolaram sobre a terra, um após outro, novos problemas, situações e predicamentos confrontam o homem e, portanto, as leis e os limites do passado devem ser alterados, aqui e acolá. Realmente, tais ajustes são partes do Plano. Deve ser mostrada às pessoas a senda para o progresso espiritual, sob circunstâncias alteradas e, portanto, declara-se adequada a Smriti que se adapta à nova Era.

Todavia, isto deve ser lembrado e cuidadosamente mantido na memória, pelos leitores. O Atma dharma²⁴, enunciado em Vedanta, é eterno, imutável. Ele nunca poderá ser diluído, ou “ajustado às necessidades dos tempos”. Fé no Atma como o Cerne, a Realidade, a Meta é o ensinamento duradouro; verdadeiro para todo o tempo. As verdades do Atma dharma baseiam-se nas eternas fundações do núcleo de purusha e prakriti, homem e natureza, que é a projeção da Divina Vontade. Portanto, estão além do alcance da mudança. São tão relevantes e válidas hoje quanto eram, há milhares de anos atrás. Mesmo que mais mil anos se passem, sua relevância e validade não serão afetadas, de forma alguma. Vedanta permanecerá firme, a despeito do passado se tornar o presente e o presente fluir para o futuro.

Os códigos e ideais morais de boa conduta, as práticas espirituais (sadhana) que o homem pode adotar para controlar sua mente e sentidos e purificar sua inteligência têm, todavia, que se adaptar às condições do povo, às relações que cultivam entre si e outros grupos. Como a face cambiante das condições sociais, eles também devem sofrer ajustes e modificações. Podem muito bem ser apropriados e benéficos sob certas circunstâncias de tempo e espaço, mas não o serem sob outras. Por exemplo, as regras alimentares recomendadas durante certos períodos, são suspensas e estabelecidas

24. O dharma baseado na consciência do Atma..

novas regras, durante outros períodos. Condições climáticas ditam o tipo de alimento necessário. As Smritis reconhecem as necessidades e permitem mudanças nos hábitos alimentares, para manter a saúde. A mesma atitude é vista em outros assuntos também. Pelas mesmas razões, sob condições modernas, é desejável haver mudanças nos regulamentos e limitações que governam a sociedade. É claro que os princípios fundamentais do dharma devem permanecer inalteráveis. Eles nunca poderão ser abalados ou amenizados.

Agora os Puranas: *“Puranam pranjali kshanam”*. Ou seja, os Puranas lidam com incidentes históricos da Criação e Evolução. Os incidentes são escolhidos e narrados para fornecer ilustrações de verdades filosóficas básicas. Os Puranas foram compostos para expor os ensinamentos dos Vedas e de Vedanta ao homem comum, por meio de contos mitológicos e lendas interessantes. A linguagem dos Vedas é muito antiga e contém muitos elementos arcaicos de gramática e vocabulário. Até mesmo grandes estudiosos acham difícil descobrir a época em que os riks foram formulados. Mas os Puranas foram elaborados em linguagem corrente e de fácil compreensão para a época. O que nós hoje conhecemos como a linguagem sânscrita é a linguagem dos Puranas. Não somente os estudiosos como as pessoas comuns podiam facilmente acompanhar sua linguagem, quando foram escritos.

Os Puranas possuem narrativas históricas de Personagens Divinos, de grandes reis e dinastias e dos destinos de reinos e comunidades, vistas como exemplos brilhantes do dharma e apresentações de princípios espirituais.

Todos os textos, escrituras e livros sagrados mencionados são agrupados sob um único nome abrangente, *“Shastras Hindus”*. Não admira que o povo que reverenciou e compôs durante milhares de anos

tal vasta e valiosa literatura sobre religião e filosofia tenha, ao longo do tempo, se dividido e subdividido em seitas e sub-seitas, apresentando lealdade preferencial a fés e crenças especiais. Algumas delas possuem grandes diferenças entre si. Não temos tempo agora para discorrer sobre o fato de que as diferenças entre as seitas baseiam-se em atitudes surgidas da liberdade de pensamento, oficialmente permitida pelos antigos. Nem isto é necessário. O que devemos compreender é a verdade aceita e as atitudes aprovadas por todos; isto quer dizer, os princípios que a pessoa que se diz “hindu” tem que acreditar.

Qual é exatamente a Causa da Criação? Qual é a natureza da Substância original que a Criação afetou e como? Estas são questões importantes não somente para os bharatiyas, mas para todos os homens dedicados à investigação. Não pode haver efeito sem uma causa; não pode haver estrutura sem uma base. Bem, pode-se garantir que todo este Cosmos visível possui Brahman como sua causa original. Mas, o que é Brahman? Brahman é eterno, puro, sempre-vigilante, onisciente, indivisível, sem forma; Brahman é a origem deste Universo ou Jagat. Brahman está formando, evoluindo e promovendo este Jagat.

Agora, algumas dúvidas podem surgir nas mentes das pessoas: como pode haver tanta evidência de parcialidade na Criação? Alguns nascem saudáveis e outros, doentes. Alguns levam vidas prósperas sem preocupações, enquanto outros labutam ao longo de toda sua vida, em abjeta pobreza. Certamente pode-se argumentar que há sinais suficientes de parcialidade que a Criação ou o Criador revelam.

Deve ficar claro que a vida floresce da morte. A vida baseia-se na morte. Uma coisa viva consome outra para que possa viver. Os fortes pisoteiam os fracos. Esta história de terror continua incessantemente. Esta é a verdadeira natureza deste mundo. Vendo isto as

peças concluem que se o mundo foi criado por Deus, Ele deve ser a própria Crueldade. Tal inferência parece justificada, do ponto de vista do homem comum. Mas, o Bharatiya Paramartha Vahini, o Puro Fluxo da Cultura Espiritual Indiana, declara que isto não é verdadeiro! Deus não é a causa da miséria ou da alegria, da boa ou má fortuna, declara. Então, o que traz o mal e o bem? Nós mesmos, é a resposta. A chuva cai igualmente na terra plantada como na não plantada. Só a terra plantada recebe benefícios dela. As nuvens não devem ser culpadas. A falha está no ignorante relaxado, que deixa sua terra sem cultivo. A Graça de Deus está sempre presente; ela não possui “mais ou menos” ou altos e baixos. Nós a usamos mais ou menos ou a deixamos ir, ou a utilizamos para o nosso bem.

Pode surgir a questão: “por que alguns nascem na alegria e outros na miséria? Eles ainda não fizeram nem o bem nem o mal, para serem tratados tão desigualmente.” Verdade, eles não fizeram nada nesta vida, pois acabaram de nascer. Mas fizeram o bem ou o mal em vidas passadas. As conseqüências do que foi feito na vida passada serão vividas nesta vida.

Agora podemos chegar a duas conclusões onde todas as seitas do hinduísmo concordam. Os budistas e os jainistas também aceitam estas duas. Todos temos a firme crença de que a vida é eterna. Ela não poderia ter se originado do nada, é impossível. Se tivesse vindo da lama ou lodo inerte, seria inerte e inativa. Todas as coisas que se juntam se desintegram. Tudo que é unido pelo Tempo, terminará no seu devido tempo. Se a vida tivesse começado ontem, ela não duraria além de amanhã. Se tivesse raízes, estas secariam e as árvores não sobreviveriam para sempre. A vida deve ter existido desde que o Cosmos existiu. Não há necessidade de argumento para compreender a

verdade. Será que não vemos que todas as ciências modernas tendem a confirmar, cada vez com mais certeza e clareza, as revelações feitas nos textos e escrituras de Bharat? Isto também será aceito algum dia.

As Upanishads, o Brahma Sutra, a Bhagavad Gita, os Prashtana Tra-ya²⁵, ou as Três Fontes devem ser considerados como textos competentes a respeito das crenças básicas da cultura indiana no campo espiritual. Muitos na Índia sentem que somente Advaita Vedanta seja o correto. Mas esta atitude não é certa. As Upanishads são a própria voz de Ishvara. O Brahma Sutra é a suprema encarnação dos princípios e doutrinas propostas por Vyasa²⁶; é o mais importante dos textos de doutrinas filosóficas. Ele harmoniza todo o corpo de crenças filosóficas. Embora baseado em textos e dissertações anteriores, não há nenhum conflito entre o anterior e o posterior. Nos aforismos do Brahma Sutra, cada conclusão chega à realização e reconciliação. A Bhagavad Gita age como um Comentário fornecido por Deus para Vedanta.

Todas as seitas do hinduísmo, que se julgam autênticas e ortodoxas, aceitam as Três Fontes como seus textos básicos — quer sejam Dvaitas,

25. Upanishads: Textos que tratam da interpretação e dos ensinamentos dos Vedas, tendo como resultado a Liberação, através do Conhecimento da Verdade Suprema – Brahma Sutra: Designa uma serie de aforismo referentes a Brahman; o cordão sacerdotal — Bhagavad Gita: A Canção do Divino. A Gita está contida no Mahabharata e conta a história da batalha de Kurukshetra. Os 700 versos da Gita constituem o ensinamento espiritual dado por Krishna a seu discípulo Arjuna no campo de Batalha – Prashtana Traya: um dos três principais livros ou três autoridades escritas no hinduismo. Bhrama Sutra é classificado como Prashtana Traya, os outros dois são as Upanishads e a Bhagavad Gita.

26. Sábio responsável pelo registro escrito dos Vedas, autor do Mahabharata e dos Puranas, tornou-se assim o mais reverenciado dos Gurus da Índia.

Vishishtadvaitas ou Advaitas (dualistas, não-dualistas qualificados ou não-dualistas). Quem quer que desejasse propagar uma nova interpretação, atitude ou teoria — Shankara, Ramanuja, Madhvacharya, Vallabhacharya ou Chaitanya²⁷ — teve que propagá-las somente através de comentários a partir do ponto-de-vista das Três Fontes ou Prashtana Traya. Portanto, será um grande erro assegurar que o Vedanta só pode ser usado como referencia as Upanishads e as doutrinas que elas ensinam.

Todas as conclusões tiradas do Prashtana Traya são genuínas e merecem o nome Vedanta. Tanto o Vishishtadvaita como o Dvaita têm o mesmo direito de serem considerados Vedanta quanto o Advaita. Esta unidade na diversidade, esta harmonia da diferença são o núcleo do fluxo do pensamento bharatiya. Há leite no corpo da vaca. O leite possui ghee²⁸ em seu interior. Mas a vaca obtem nenhuma força, através daquele ghee. O leite precisa ser tirado do animal, deve ser fervido e vertido um pouco de fermento nele para fermentá-lo; então, quando o leite é transformado em iogurte, deve ser batido e a manteiga separada e batida. Posteriormente a manteiga deve ser derretida e clarificada, para se obter o ghee. O ghee, assim preparado, pode ser servido à vaca que, então, se tornará mais forte. Assim também, considerem — Deus é onipresente. Todavia, Ele não é assimilável pelo homem, a não ser que ele realize disciplina espiritual (sadhana).

Há óleo na semente de gergelim; há manteiga no leite; há água no subsolo; há fogo latente na madeira. Igualmente, Deus Onipresente está

27. Sábios da Índia medieval, representantes de três grandes correntes filosóficas: monista, dualista qualificada e dualista completa, que têm pontos de vista diversos a respeito da relação entre Deus, a Criação e o Homem.

28. Manteiga purificada. A manteiga passa por um processo para tirar as impurezas, e é usada como alimento e medicamento.

no corpo humano e na mente humana. Quando procuramos separá-Lo e identificá-Lo, devemos fazer esforços e realizar sadhana. Então, como consequência do esforço e do sadhana, a pessoa compreenderá que Deus é ela mesma e que não há diferença entre os dois. Isto é Liberação, Sabedoria, Realização, conforme o Advaita. Shankara chama este processo de upasana (veneração ou prática religiosa) do Advaita.

Agora, sobre o upasana no Vishishtadvaita. Será que o aspirante espiritual — sadhaka — deve considerar o Deus que ele anseia venerar como diferente e separado dele ou como parte dele, associado, de alguma forma, a ele? Esta é a questão a ser respondida. O Jiva é a alma do corpo; Deus é a alma do Jiva. Tendo sua fé assim fixada, venerar Deus foi o modo que Ramanuja propagou. Todo este Cosmos é parte Dele: está Nele. Ele é o Motivador interno e está presente em tudo. Esta Pessoa Suprema pode ser conhecida somente através da devoção constante, prapatti ou refugia-se em Deus, sharanagati, render-se a Deus incondicionalmente. “Tvameva sarvam mama deva deva”. Você é o meu todo, Ó meu Deus dos Deuses. Você é meu único Mestre — esta é a atitude que a pessoa deve desenvolver e adotar para si.

O upasana de Dvaita — a relação entre Jivatma e Paramatma é como a relação marido-esposa. O Pleno, Livre, Supremo Vishnu (Deus) é o marido, o mestre, o senhor, o provedor. O indivíduo é o súdito, o dependente, a esposa. Este método de prática espiritual foi ensinado por Madhvacharya²⁹. É impossível obter a liberação do ciclo de samsara³⁰ e até mesmo a pureza de intelecto e emoções

.....
29. Um acharya, ou instrutor espiritual, versado nos Vedas, que teve como instrutor, Vyasa.

30. A ação de vagar, constante mutação ou andar em círculos. A roda karmica de nascimento e morte, a qual estamos ligados até atingirmos moksha, a Liberação.

sem um devotado apego aos Pés de Lótus do Senhor, isto é, sem bhakti (devoção). Para os que têm dentro de si a fonte da extasiada devoção à Presença do Senhor, mesmo que não possuam quaisquer textos para refletir, a própria contemplação da Beleza, Graça e Poder do Senhor lhes dará a bem-aventurança da devoção supraconsciente. Não se pode descobrir o que provoca a experiência. Nesta condição de êxtase, eles abandonam todo sentido de vergonha e personalidade e anseiam por se tornarem os amados de Deus, em União bem-aventurada. Então, dançarão e cantarão alto e fundirão na alegria genuína e em ananda. O sadhana desta fé foi estabelecido por Madhvacharya. A agonia do amante em alcançar o amado é o verdadeiro sinal de dvaitopasana (adoração usando meios externos, filosofia dualística). Isto foi desenvolvido de mil maneiras por outros que vieram depois.

O upasana estabelecido na Gita foi incorporado no Mahabharata, chamado de Quinto Veda. O Mahabharata é um verdadeiro tesouro de pedras preciosas iluminando os problemas que confrontam o homem, em assuntos mundanos e espirituais. O Mahabharata é um drama magnífico, foi encenado pelo Senhor Krishna no palco chamado Dharmakshetra — campo do sagrado ou da lei ou da justiça, onde Ele reuniu todos os itens necessários à produção. Madhava, isto é, Krishna, foi o Diretor que reuniu os participantes, o elenco, as músicas que cada um devia cantar, as palavras que cada um devia pronunciar e suas saídas e entradas. Ele foi o ator, a testemunha, o produtor, todos os papéis eram Ele. De um lado, um poder mundano imensurável, mergulhado na ação incorreta, do outro lado, a preenchido de ação correta, um poder Átmico limitado. Este é o charme essencial do Mahabharata. Isto é a Bhagavad Gita. A essência completa do Mahabharata está nele. *“Karishye vachanam tava”*

— *“Farei exatamente como ordenas”. “Pode-se encontrar segurança e felicidade ao se realizar os próprios deveres” — “Svadharme nidhanam shreyah”*. Estas são as pedras de toque do dharma mundano.

Negligenciando a senda da devoção — bhakti, que pode lhes adicionar toda a prosperidade e progresso, aqueles que fecham seus olhos e contemplam em *“Aham Brahmasmi” — “Eu sou Brahman”*, e sofrem do egoísmo que a expressão proporciona, obtém apenas a miséria como recompensa. Se a casca for moída, o arroz poderá ser obtido? Sem fé nas palavras de Krishna, se alguém for na direção que seu intelecto indica, esta poderá não ser a senda que levará à Verdade Suprema, o Brahmatatva. A Bhagavad Gita ensina, além de qualquer possibilidade de dúvida, por meio de descrições e incidentes ilustrativos, que Krishna é o próprio Parabrahma, o Supremo e Infinito Brahman. Essa é a essência de todo Vedanta. É o recipiente de amrita, o néctar da imortalidade, extraído de toda a coleção dos Shastras. É o fluxo sagrado do Pensamento Espiritual Indiano, apresentado em um texto. Alguém pode negar isto?



13. O AVATAR COMO GURU

O Cosmos ou Criação, tempo, karma ou atividade — todos são manifestações da vontade de Deus e são subservientes a Ele. São considerados por alguns como “falsos” e “irreais”; mas como pode Deus, que é a própria personificação de sathya ou verdade, “desejar” algo não verdadeiro? Portanto, pode ser dito, de certa maneira, que ambos são verdadeiros. Quando a evolução se transforma em involução e o estágio final da fusão de ambos, o consciente e inconsciente, é atingido, Ishvara é o Único existente.

O Tempo é a manifestação do poder de Deus e, portanto, não possui início ou fim que possa ser medido. O karma também é uma Verdade importante, que deve ser considerada do mesmo modo. Ishvara não é nenhuma força estranha, insensível a limites e restrições. Ele cria situações e ambientes estritamente de acordo com as atividades que os homens se envolveram, durante suas vidas passadas. A criação, o tempo e o karma — todos os três são verdadeiros em Ishvara e verdadeiros junto a Ele. São instrumentos que Ele utiliza. Estão atados a Ele.

Ishvara, ou Deus, embora não usualmente perceptível aos sentidos, torna-se perceptível ao devoto que Lhe possui apego profundo, que anseia fundir-se n’Ele. Por quê? Tais devotos percebem Deus tão claramente como percebem os objetos externos. Deus ou Ishvara é dito Sem Forma; isto quer dizer que Ele pode assumir ou adotar qualquer forma. Possui infinitas Formas. Então, sob qual Forma Ele concede a clara Visão ao devoto? Ele se manifesta na Forma que o devoto anseia ver, a Forma que Lhe proporcionará a mais elevada satisfação. Estas formas são Seus Avatares. Ishvara não Se limita quando

assim Se manifesta; está plenamente presente em cada Avatar. Manifesta-se com Sua plena Glória, em cada Avatar.

É dito que há algumas manifestações são parciais e outras são plenas, e, que algumas são temporárias e outras são duradouras. Mas, estas são chamadas de Avatares somente por cortesia. Narada, Sanatkumara e outros sábios semelhantes são chamados, em alguns textos, de Avatares. Eles não possuem todas as características Divinas. Portanto não são venerados.

O Jiva é por sua própria natureza “eterno e imortal”. Ele não possui nem início e nem um fim que possam ser medidos. Não tem nem nascimento nem morte. Ele se ilumina por si próprio. É o conhecedor e o conhecimento, o que faz e o que se deleita. Preso ou liberto, o Jivi possui todas estas características intactas. Mas, seja o que for ele não possui a Liberdade que Deus possui. Em cada ato, o Jivi deve envolver o corpo, os sentidos como o ouvido etc., os sopros vitais que operam no interior do corpo. Todos estes co-existem com o Divino no indivíduo. O que quer que ele seja o Jivi não é como uma máquina que não possui vontade própria. Assim como as atividades nesta vida são determinadas pela natureza das atividades nas vidas passadas, as atividades desta vida realmente determinam as atividades da próxima. Ishvara decide o lugar e o tempo, a circunstância e a consequência de acordo com a natureza das atividades presentemente realizadas. Deus possui o poder de moldar a Natureza do homem, mas não exercita tal poder moldando-o diferentemente. Deixa isto a cargo do livre arbítrio do indivíduo, que deve aprender a lição através da experiência.

A lasca de pedra que é retirada da rocha é uma parte da rocha, mas o indivíduo não é parte de Deus desta maneira. Num sentido,

Jivi – o indivíduo e Jagat – o Universo, são distintos e diferentes de Deus. De outro sentido, eles são inseparáveis. Este mistério da separação e da identidade não pode ser compreendido por meio da razão e do intelecto. Pode ser entendido somente através dos Vedas e da sua Mensagem. Isto é a principal lição que o Bharatiya Paramartha Vahini pode inculcar.

Cada criança vem ao mundo carregando o fardo de conseqüências não resolvidas, acumuladas em vidas passadas. Não cai do colo da Natureza como um raio das nuvens. Nasce neste mundo para viver as conseqüências benéficas e malignas que são produtos de seus próprios atos em vidas passadas. Esta é a explicação sobre as diferenças que são evidentes entre os homens. Este é o princípio do karma.

Entre os homens, cada um é por si próprio a causa de sua sina, boa ou má. Ele é o próprio construtor, o arquiteto. Sina, destino, pré-determinação, a Vontade de Deus — cada uma destas explicações é derrubada pelo princípio do karma. Deus e o homem somente podem se reconciliar e se aliar com base neste Sutra ou princípio do karma. Quando o homem compreende que Deus não tem nenhuma participação na causa de seu sofrimento e que ele próprio é a única causa, que nenhuma culpa é devida a qualquer outra pessoa, que ele é o iniciador, bem como o beneficiário de seus atos, que é livre para delinear seu futuro, então ele se aproxima de Deus com um passo mais firme e uma mente mais clara.

Se, no presente momento, um homem estiver afligido por má sorte, isto é certamente o resultado de atos feitos por ele. Da mesma maneira, o homem deve acreditar que felicidade e boa sorte também estão em suas próprias mãos. Se ele assim o decidir, a felicidade e a boa sorte podem ser obtidas por ele.

Se a pessoa é pura em espírito agora, ela própria é a causa. A não ser que a pessoa anseie, ela não pode obter. Portanto é claro que a vontade inerente no homem está além de todos os estágios e condições, de todas as formações e transformações. A liberdade que isto representa é o resultado de seus atos passados; ela é poderosa, infinitamente frutífera e suprema.

O próximo problema é mukti³¹. O Atma não é nem masculino nem feminino; não é possível impor tais distinções a Ele. Elas são meros atributos físicos, pertinentes ao corpo. Quando se fala do Atma, idéias como estas são somente sinais de ilusão. Elas só são relevantes quando o corpo físico está em discussão. A discussão a respeito de “idade” também é produto desta ilusão. O Atma é eterno. Esta Entidade atemporal é sempre Única.

Como o Atma encarnou? Nos Shastras, há apenas uma explicação. Para todo esse encapsulamento e escravidão há somente uma razão — avidya, ignorância, a completa obscuridade. Através de avidya o homem se torna escravo; portanto, a sabedoria é a cura. Somente ela pode conduzi-lo na travessia. Como pode esta consciência ser realizada?

Há três maneiras de adquiri-la. Através do amor (prema) da devoção (bhakti) e da veneração a Deus com total devoção e dedicação, como serviço amoroso e veneração dirigidos a todo ser vivo, que é o templo móvel de Deus, pois Ele reside em cada um, a falta de conhecimento, avidya, pode ser disperso e os grilhões obrigados a se abrir. O indivíduo então será libertado.

Há duas idéias sobre Deus descritas nos Shastras — a idéia de que Ele é reconhecível por ter atributos e a idéia de que Ele é livre de todos os atributos e, portanto, não pode ser descrito como isto e

31. Liberação; o objetivo final da vida, segundo escolas filosóficas hinduístas.

aquilo, ou seja, o aspecto saguna — e o aspecto nirguna. O Deus saguna é reconhecível como presente em todo lugar, como o criador, sustentador, e destruidor de tudo e todos, como o Pai e a Mãe do Universo. Portanto, Ele está além e acima de todos os seres e coisas e eternamente distinto e diferente do homem. É dito pelos promotores do aspecto saguna que a própria cognição deste princípio ligado a atributos gera a “liberação” ou mukti. A Liberação é atingida quando o homem se estabelece neste conhecimento e vive em função e através dele.

A segunda maneira é a contemplação do princípio sem atributos, nirguna. A verdade de que a designação de atributos ao princípio Divino é indesejável e imprópria é obtida durante esta contemplação, e os atributos são retirados do conceito de Deus. Então, somente o único Universal e Sem Atributos permanecerá na consciência. Pode ser considerado como o Conhecedor, o jñata. Pois, jñana ou sabedoria é relevante apenas no contexto da mente humana e na consciência humana. Não pode ser designado como

o Investigador, pois a investigação é a marca dos fracos. Não pode ser relacionado à Inteligência, pois esta discrimina e a tentativa de dividir e dissecar é, novamente, sinal de insegurança. Não pode ser designado “o Criador”, pois a criação é atividade dos amarrados, dos limitados. Aquilo ou Ele não tem amarras ou limites. A atividade implica em um desejo, uma necessidade, uma vontade; não se origina de qualquer outra causa. Todo trabalho tem como sua base alguma dor interna que se deseja aliviar.

Nos Vedas, o Divino é chamado somente de AQUILO. A referência é sempre ÀQUILO. A palavra “ELE” é suscetível de provocar idéias de diferença e, portanto, a palavra AQUILO é utilizada para indicar que é livre de todas as limitações e amarras impostas pela designação

de atributos. Esta é a essência da filosofia do Dvaita — Não-dualismo, pois os atributos dividem e diferenciam.

É o destino inescapável de cada um o de se realizar. Todo ser vivo deve atingir a plenitude ao final. Cada um está, hoje, num estágio específico desta caminhada, como resultado das atividades em que se envolveu durante suas vidas passadas e dos sentimentos que teve no passado. O futuro está sendo construído no presente pelas atividades realizadas agora e pelos sentimentos que as estimulam e as delineiam. Isto quer dizer que aquilo que fazemos, sentimos ou pensamos no presente são as razões básicas para a boa sorte ou má sorte que nos espera.

O estímulo para nos salvar e o poder de nos impulsionar para nossa libertação não podem derivar dos livros. Esta força deve vir do próprio indivíduo. Alguém pode passar a vida inteira esmiuçando livros escritos com muita profundidade e obter o mais alto nível entre intelectuais. Mas, ao final disto tudo, poderá não ter atingido nem mesmo um pequeno progresso no campo espiritual. É um grande erro concluir que um erudito que atingiu a máxima distinção pode ser considerado maduro em sabedoria espiritual. O próprio erudito pode imaginar, à medida que aprende mais e mais dos livros, que está progredindo cada vez mais na senda espiritual; mas, quando examina os frutos de seus estudos, reconhecerá que, embora seu intelecto tenha se tornado mais aguçado e profundo, ele não adquiriu a consciência do Atma, nem num pequeno grau. Muitas pessoas possuem a habilidade de proferir discursos maravilhosos em assuntos espirituais; mas, verdadeiramente, todas falham em vivenciar a vida do espírito, a vida Paramarthika (A Verdade absoluta). Qual é a razão exata para este triste estado de coisas? Hoje, os textos espirituais são

estudados para o indivíduo se equipar com erudição ou escolaridade, na corrida competitiva por superioridade, para obter seu próprio sustento, posar como um invencível patrocinador de um ponto de vista específico e, geralmente, para obter a reputação de sábio (pundit). O estudioso pode escrever elaborados comentários sobre a Gita. Mas, como resultado de todo esse estudo, se seu caráter, comportamento e conduta não provarem que a Gita se entranhou nele, toda essa sabedoria não passará de um fardo que ele estará carregando. Esta é a lição que a cultura indiana tenta inculcar. A fonte de onde esta lição emerge é o Guru, o purusha, latente em vocês. O estudo das escrituras e outros textos pode reforçar os anseios espirituais latentes no homem e induzi-lo a praticar os preceitos. Não tratem o aprendizado derivado deles como mais que um alimento para o cérebro. O indivíduo deve ser sublimá-lo na bem-aventurança (ananda). A inveja, a pompa, o egoísmo — tais traços perversos devem ser extirpados.

O tesouro espiritual também pode ser obtido de outro. Só que aquele que dá deve possuir uma suprema realização, e quem recebe deve possuir o mérito especial para a realização. A semente pode ter vida em seu interior; mas o solo deve ser arado e tornado propício para ativá-la. Quando ambas condições são satisfeitas, a colheita do sucesso espiritual é assegurada. Aquele que instrui no campo da religião deve ter uma excelência entusiástica; o ouvinte deve ter uma compreensão aguçada e clara. Quando ambos são surpreendentemente supremos e extraordinariamente entusiastas, o resultado será o despertar espiritual do mais alto nível. Se não, raramente tais resultados ocorrerão. Estes são os verdadeiros Gurus. Eles roubam seus corações, não sua fortuna. As pessoas devem se concentrar em servir ao Guru e ponderar sobre seus ensinamentos. O pupilo deve

ansiar por traduzir o ensinamento para a atividade diária e práticas reais. Ele deve encher seu coração com veneração e dedicar toda sua habilidade para a concretização dos conselhos do Guru. Tal pessoa merece o nome de shishya — discípulo.

Quando a sede pela liberação e revelação de sua própria realidade é aguda, uma forte e misteriosa força da Natureza começará a operar. Quando o solo está pronto, a semente aparecerá de algum lugar! O Guru espiritual será alertado e a sede será satisfeita. O indivíduo recebedor desenvolveu o poder de atrair o que dá a iluminação. Tal poder é forte e pleno. Portanto, naturalmente o esplendor que confere a iluminação estará pronto para abençoar.

Leitores! Embora tenha aumentado o número de Gurus comuns, existe disponível para a humanidade um Guru infinitamente mais supremo e mais compassivo do que qualquer ou todos os outros. Ele não é outro senão o Avatar do Senhor. Ele pode, pela mera expressão de Sua Vontade, conceder ao homem a mais elevada consumação da vida espiritual. Pode presenteá-la e fazer o homem aceitá-la. Mesmo o pior dentre os piores pode adquirir a mais alta sabedoria, num triz. Ele é o Guru de todos os Gurus. É a mais plena personificação de Deus como homem. O homem pode reconhecer Deus somente na forma humana. O Fluxo Espiritual Indiano declara, ininterruptamente, que venerar Deus em forma humana é o dever mais elevado do homem. A não ser que Deus encarne como homem, o homem jamais poderá ansiar ver Deus ou escutar Sua Voz. É claro que o homem pode imaginar Deus em várias outras formas, mas nunca poderá se aproximar da genuína forma de Deus. Por mais que tente, o homem não tem outra maneira senão representar Deus na forma humana. As pessoas podem fazer discursos e palestras maravilhosos a respeito

de Deus e sobre a natureza e composição de tudo que existe no Universo. Podem se satisfazer assegurando que todos os relatos da descida de Deus em forma humana são mitos sem sentido. Isto é o que a pobre visão comum pode discernir. Esta estranha inferência não é baseada sem compreensão divina (jñana). De fato, jñana está ausente nestas assertivas e declarações. O que se nota delas é que são somente espuma flutuando nas ondas do ego.

“Quem sou eu? Koham?”. “Por que esta sensação em mim, de que eu sou quem faz?”. “Qual é a natureza da consciência de que eu sou o que desfruta?”. “Por que nascer e finalmente morrer?”. “Como mereci esta vida”. “Como posso ser liberto deste samsara, esta série de entradas e saídas?”. A tentativa de descobrir respostas para estas perguntas é o que os rishis de antigamente chamavam de tapas

(penitências). Quando o intelecto do indivíduo amadurece nesta constante investigação, ele entra na senda de tapas.

Este é o primeiro passo. Tão logo o homem o tenha dado, os Shastras ou a sabedoria coletiva dos investigadores contida nos textos sagrados, o acolhem. Shruti, ou os Vedas, o direcionam para “escutar, contemplar e praticar”, o conselho axiomático dos sábios. Eles o asseguram que ele atingirá a meta da liberação e se libertará da fascinação ilusória pelo mundo visível, retratada por sua própria mente.

Só o Divino pode ser o guia, o companheiro e o conselheiro nesta jornada solitária do homem. Aqueles chamados de Gurus não podem ajudar ou resgatar. As Shrutis aconselham ao homem a se aproximar de Gurus que sejam “srotriyas” e “brahmanishtas”. Elas aconselham o homem a não se valer de outros. O que significa srotriya? Significa uma pessoa que é, inquestionavelmente, leal às Shrutis ou Vedas e que adere às suas regras indicadas e aos limites, sem o menor desvio. Brahmanishta significa

uma pessoa que está estabelecida na Conscientização de Brahma. Ela não tem dúvidas a incomodá-la, nenhuma diversão para distraí-la, pois obteve a fé inabalável no Atma. Está despreocupada com o mundo material. Vê todos os mundos como Brahma, como a manifestação do Princípio de Brahma. Suas atividades e movimentos estão em consonância com sua consciência. Sua visão incorpora todo o Tempo; ela conhece o passado, o presente e o futuro; está além de qualquer caracterização; os três atributos não a afetam. Seu ser está no Uno e Único — o Atma. Não é afetado por distinções e diferenças, dualidades e disparidades. Está permanentemente em bem-aventurança.

Os Vedas exortam o buscador a se aproximar a tal Guru. Mas, só uma Pessoa possui todos estes três atributos. Ela é Sarveshvara, o Senhor de Tudo. Os eruditos que aprenderam a verdade ou que são hábeis nos princípios não estão na categoria de srotriya e brahmanishta. Eles não são os Gurus que vocês necessitam.

O Yogavashishta diz que Sri Ramachandra fez a seguinte pergunta ao sábio Vashishta: *“Divino Mestre! Há uma maneira pela qual a morte pode ser evitada?”*. Este mesmo problema levou Gautama Buddha à senda da renúncia e o forçou a abandonar todos os traços de apego, que derramou sobre ele a fama eterna, como um ser supremo dentre os homens. Prahlada, o maior dentre os devotos do Senhor, dirigia-se a seus colegas alunos, ainda quando criança: *“Amigos! Vocês já observaram alguns garotos de nossa idade morrerem, se queimarem ou serem enterrados?”* Desta forma ele chamava a atenção deles para a chegada da morte e os induzia a tirar conclusões daquele fato inevitável. Ele os ensinou a mais elevada sabedoria.

Aqueles que possuem o anseio interno de atingir tal elevada sabedoria, que concede a libertação, têm, portanto, que refletir e in-

investigar o fenômeno da morte. A morte não deve gerar o medo, não deve ser considerada como não auspiciosa. Vocês não devem fugir do problema, imaginando que a ela só ocorre a outros e não a vocês. Nem devem adiar reflexões sobre ela, julgando-as impróprias e infrutíferas agora. Pois a investigação sobre a morte é, realmente, a investigação sobre sua própria Realidade. Esta verdade deve ser reconhecida.

O discernimento (viveka), a dádiva especial para o homem, deve ser empregado para revelar a realidade do Universo visível, sua natureza e validade. A morte é a principal causa de origem da questão: “Quem sou Eu?”. Portanto, ela não deve ser ignorada como indigna de atenção. Pois, esse comportamento, os levará em direção a amanhã, a falta de conhecimento divino, plantará em suas mentes as sementes da árvore da tolice e erguerá os pilares da ignorância, maya.

Todo mistério latente na existência humana está enredado na investigação da morte. A glória e majestade do Divino são plenamente reveladas somente quando a morte é investigada. Dentre as três bênçãos que Nichiketa pediu a Yama, o Deus da Morte, a principal relacionava-se, de acordo com a Kathopanishad, à morte. “O homem existe após a morte? Alguns declaram que sim, outros que não. Cada um argumenta como melhor lhe parece. Qual destas opiniões é verdadeira? Resolva este problema para mim”, suplicou Nachiketa e insistiu numa resposta. Yama tentou evitar sua súplica. Ele disse: “Filho! Nachiketa! Isto é um mistério insolúvel. Os textos sagrados tratam-no como o mais sutil dos sutis. Eu acho impossível fazer até os deuses compreenderem este fenômeno. Não obstante, você está suplicando por esta dádiva! Por que se preocupar com este problema? Você é um inocente garotinho. Merece viver longamente, deleitando-se com muitos eventos felizes. Vou lhe proporcionar como dádiva, riquezas

enormes; aceite-as e leve uma vida de felicidade insuperável. Peça qualquer quantidade de prazer material; eles serão seus. Venha! Peça e alcance o cume da alegria.”

Mas Nachiketa retrucou: “Dharmaraja! Seja qual for a vastidão das riquezas e o prazer das experiências que proporcionam, elas têm que receber seu impacto sem murmúrio? Nada na criação pode lhe escapar, não é? Tudo está impregnado pela morte. Por que, então, deverei ansiar por artigos que só me proporcionarão um alívio temporário? Dê-me a dádiva que meu coração está interessado”. No Mahabharata, Dharmaraja é instado a responder: “Qual é a maior maravilha no mundo?”. E ele responde: “Embora vejamos pessoas morrendo todo dia, não pensamos que nós mesmos poderemos morrer algum dia. O que pode ser mais maravilhoso que isto?” Iguamente Yajñavalkya, o famoso sábio, após decidir que se juntaria à ordem monástica, chamou suas duas esposas — Katyayani e Maitreyi e lhes informou que havia dividido suas propriedades, móveis e imóveis, igualmente para ambas. Ao escutar isto, a esposa mais velha, Maitreyi, que era dotada de um alto nível de inteligência e visão interior, protestou e disse, com um sorriso em seus lábios: “Senhor! Como estas riquezas que está me dando poderão me salvar da morte e me tornarem imortal? Se me garantir que elas assim o farão, certamente as aceitarei com a devida reverência a você”. Yajñavalkya explicou: “Riquezas tornam a vida prazerosa e deliciosa pelas chances que lhe dão de viver feliz. Você diz que não precisa de tais riquezas valiosas?” Mas Maitreyi persistiu: “Se o que você diz é verdade, poderia continuar a se beneficiar destas riquezas e derivar felicidade delas. Por que decidi abandoná-las e se tornar um monge? Não. Não é direito ludibriar-nos, mulheres de mentes fracas, apresentando-nos estes objetos ilusórios. Como podem

as riquezas, que se recusa a guardar, nos dar paz e felicidade? Elas são objetos temporários, sujeitos à destruição; enredam-nos ainda mais na escravidão; promovem a ignorância que ansiamos abandonar; são os principais indutores da ansiedade e da preocupação. São basicamente poluídos, já que não estão no reino do Atma.” Quando Maitreyi colocou perante ele esta verdade, Yajñavalkya silenciou e, não sabendo como proceder, postou-se com a cabeça curvada à sua frente. Então Maitreyi caiu aos pés de seu marido e disse: “Senhor! Você é o mestre de todos os mistérios. Deve ter nos chamado e colocado esta proposta para testar nossa inteligência. Eu não tenho nenhum desejo por luxo ou mesmo conforto. Não anseio por riquezas e posses. Instrua-me a respeito da senda que pode conceder a bem-aventurança eterna”.

De fato, há somente Um — Parabrahma. Os Shastras Não-dualistas proclamam: *“Brahma sathyam jagat mithya jivo brahmaiva naparam”* (Somente Brahman é verdadeiro; a Criação é um mito. O Jivi ou o indivíduo é o Próprio Brahman). Tudo o que ocorre ao homem no mundo é tão irreal como a experiência do sonho. Desaparecem e aparecem novamente. Os prazeres e alegrias experimentadas na vida são como miragens que surgem nos desertos de areia do ódio, inveja e avareza egoísta. Então, como podem aquelas pessoas que acreditam que esta miragem é real e correm em sua direção, se tornarem Gurus? Será próprio dirigir-se a eles como jñanis, os sábios? Eles estão instalados em cargos elevados de autoridade ilusória. Ensinam o que não praticam. Apresentam ideais que eles mesmos ignoram. Como tais pessoas podem ser exemplos para os que buscam e necessitam de progresso espiritual? Elas não são genuínas, pois não têm sequer um grão do princípio do Guru nelas.

Apenas Sarveshvara, ou o Senhor, é o Guru genuíno. Este é o caminho para todos os buscadores. Segurem rápida e firmemente a esta fé.

14. ISTO E AQUILO

Cada ser vivo refere a si mesmo como “Eu”, “Eu”. “Eu sou Ramaya”, “Eu sou Krishnaya”, “Eu sou Sita”, “Eu sou Radha”. Cada um assume o “eu” como seu e o utiliza em toda ocasião para se designar. Se somente os pássaros, as feras e os outros seres vivos pudessem falar, eles também teriam se comportado de forma semelhante e referido a si mesmos como “eu”. Além deles, até mesmo os picos das montanhas, os morros e as árvores poderiam se anunciar como “Eu sou o morro”, “Eu sou o formigueiro”, “Eu sou a árvore”, se somente eles pudessem falar.

Quando passamos algum tempo pensando a este respeito, fica claro que existe algum grande mistério impregnado nesta expressão, “Eu”. O ignorante iletrado a utiliza; o sábio que obteve a visão Divina também a utiliza e até mesmo Deus, é dito, anuncia a Si próprio como “Eu”. Não obstante, quem investiga este mistério? E, dentre os que ousaram investigar, quantos conseguiram decifrá-lo? E, mesmo que haja alguns poucos que tiveram sucesso em decifrar o mistério, quantos dentre estes utilizaram a descoberta para transformar suas vidas? Tiveram sucesso os intelectuais célebres, os sábios (pundits) e os Paramahansas que penetraram no significado e expressão deste “Eu”?

Não. Vejamos se os expositores e comentaristas da Bhagavad Gita, que podem desfiar os dezoito capítulos e os setecentos slokas (versos) de uma só vez, compreenderam todas as implicações e importância da palavra “Eu”. Na Gita, nas declarações de Sri Krishna: “*Aham mokshayishyami*” (*Eu lhes absolverei*), “*Mam ekam sharanam vrja*” (*Venham a mim, o Uno, como refúgio*), “*Kshetrajñam cha api mam viddhi*” (*E também Me conheçam, como o conhecedor do Campo*) e em outras expressões semelhantes, Ele se refere como “Eu”,

não é? Portanto, esta expressão “Eu” é claramente onipresente; é o sinal e símbolo de todos os Jivatmas; possui formas e aparências ilimitadas. Como o fio que passa através das contas do rosário, ela interpenetra e mantém unidos todos os nomes e formas.

Não importando quão transitórios os nomes e formas podem ser, o “Eu” persiste, sem ser afetado. Portanto, deve-se conhecer este onipresente “Eu”, para que se possa compreender tudo aquilo a ser conhecido. Aquele que o conhece é o Jagadguru, (o Professor Mundial), o Vishvaguru, (o Professor de todos os Seres), o Sadguru (O Professor a ser seguido).

O corpo não é mais que o recipiente, upadhi, o invólucro. Não obstante, ao impor diferenças e distinções baseadas em características físicas e considerações materiais, alguns são elevados como “tocáveis” e outros condenados como “intocáveis”; alguns são classificadas como “elevados” e outros como “baixos”. O intelecto não pode reivindicar honrarias e pessoas não podem dizer que são sábias se os estudos forem dirigidos para o acúmulo de dinheiro ou para ganhar o suficiente para ter uma vida confortável; nem pode a habilidade e excelência da erudição na argumentação ser digna de menção e reverência. Realmente, a palavra “Eu” os leva ao Supremo Deus Absoluto, quando mergulham no seu significado. “Aquilo é você”, “Aquilo sou Eu”, “Eu e Aquilo somos Um”: é isto que declara a grande expressão védica: *“Tat tvam asi”*: “Aquilo você é”. Esse é o verdadeiro cerne de todo ensinamento, o maior dos conselhos.

Este sagrado princípio personificado no “Eu” está além do alcance dos eruditos mais avançados, obtido por meio da investigação solitária, sem guias ou ajudantes. Os guias devem ser somente, aqueles que estão conscientes da Verdade e que são assíduos no viver a Verdade. Está além do domínio da erudição, da lógica e da gramática. Note que estes são avisos dados pelas Shrutis e Smritis.

Bem, quando alguém tenciona aprender, de uma forma geral, sobre este “Eu” e suas implicações, o segredo pode lhe ser revelado em apenas três frases: “Sou ativo durante o dia, quando acordado. Durmo à noite e vivencio sonhos quando durmo. Assim, agindo e vivendo, tanto o dia como a noite, eu morro”. Quando se considera estas declarações do indivíduo, pode-se concluir que se baseiam no conhecimento que o indivíduo obteve desta vida. “O eu começa quando nasço”, ele acredita. Mas será que este “eu” existia antes do nascimento? E se existia, como pode uma coisa existente ser considerada nascida? Mesmo se esta objeção for ignorada, como ele existia e onde? Ele foi desencarnado e separado do nome e da forma? Isto ocorreu além da barreira dos sentidos? Dúvidas como estas perseguem inúmeros pesquisadores. Deve ser compreendido claramente, que o “eu” não está relacionado ou ligado a um objeto, coisa, ou ser, a nenhum nome ou forma. Lembrem-se disto, quando identificarem e reconhecerem o “Eu” ou chegarem à verdadeira resposta para a pergunta, “Quem sou eu?”, vocês terão identificado e reconhecido o Cosmos inteiro e seus mistérios.

Pode ser questionado: qual exatamente é a urgência em compreender o significado deste “Eu” quando há um número infinito de tópicos que aguardam estudo no Universo? Pode-se bem tentar revelar os segredos do Cosmos. Ou pode-se dar atenção à compreensão do significado de Jivi ou Deva (Deus). Quando assuntos profundos como o Universo, o Divino Individualizado, o próprio Divino — assuntos incomparavelmente importantes — clamam por atenção, por que abandoná-los e investigar o significado da expressão utilizada por pessoas comuns e crianças, esse “Eu”, “Eu?” Que benefício isto pode trazer?, podem questionar as pessoas.

A expressão é simples, é claro; mas suas implicações são infinitas e, fundamentalmente, satisfatórias. Esta é a razão por que todos os grandes

professores exortam aos buscadores: *“Conhece-te a Si Mesmo”, “Investigue a si próprio, somente isto poderá lhe trazer libertação.”* Os Shastras também confirmam esta exortação. *“Yad vijñanena sarvam vijñatam bhavati”* (Aquilo que, quando conhecido, torna tudo conhecido). Os Shastras louvam a importância e o valor desta investigação e deixam claro que a investigação no Atma é essencial. A garantia é dada, pois o Atma é você, você mesmo, como no sagrado axioma, *“Tat Tvam Asi”* (Aquilo é você).

Portanto, para realizar a busca, vocês devem primeiro investigar este mistério, quem são vocês. Poderão então compreender que são nitya, o eterno, além das limitações do tempo. Os Shastras os ajudarão a abandonar ajñana, as nuvens negras da ignorância que agora escondem esta Verdade de sua consciência. Então, poderão se deliciar com a experiência da consciência de sua verdadeira Natureza. A consciência surge quando a Verdade é revelada com a chegada da luz. Mas os Shastras, que guiam o homem rumo ao conhecimento destes grandes mistérios e ao interior da região onde tal bem-aventurança pode ser obtida, não são estudados atualmente. Ao invés disso, o homem se volta, com olhos antolhados, para suas próprias noções tolas. Como ele poderá então atingir o Princípio Átmico? Como poderá alcançar a própria personificação da bem-aventurança?

A mera erudição mundana não pode penetrar no significado das Shrutis. A Graça de Deus deve ser obtida pela devoção e dedicação, e só essa Graça, esse misericordioso Relance do Olhar de Deus, pode inculcar o verdadeiro significado das Shrutis. Somente pessoas que são a personificação da Sabedoria e Compaixão Divinas, podem decidir o que é exatamente útil ao progresso espiritual e bem-estar do homem. As outras somente fracassam. Acharão impossível assumir a tarefa. Pois, como podem Gurus, que não conseguem se salvar, ajudar

outros a se salvarem? Os Gurus de hoje procuram purificar a sociedade enquanto suas próprias casas estão sujas. A quantidade de tais Gurus está aumentando e, portanto, as falhas e os fracassos estão se multiplicando; suas hesitações são justificadas e explicadas de várias maneiras. Portanto, a confusão só faz aumentar. Como conseqüência, há uma argumentação infundável e a Realidade é perdida de vista. Estes Gurus interpretam os Shastras de modo a justificar seus preconceitos e parcialidades, tornando-os instrumentos para seu engrandecimento.

Sob tais desastrosas condições, a Graça de Deus é a única esperança do homem; é o farol a iluminar o caminho. Esta é a compaixão que recompensa o homem por sua luta espiritual. Este é o navio forte e firme que pode levá-lo a atravessar com segurança.

Muitos preceptores e professores declaram que a senda da investigação em direção ao seu próprio íntimo é a senda da libertação para o homem: a garantia é *“Svavimarso mokshah”* (A auto-investigação leva à Liberação). *“Aquilo é o Atma; aquilo é o meu Ser”, “Eu e o Eu Verdadeiro não somos diferentes”. “O Atma e o Paramatma não são separados”*. O fio “Eu” é tanto a trama horizontal como a vertical do tecido — o Atma. Quando o fio “Eu” se encontra em corpos diferentes e sente que é distinto do resto em cada corpo ele, pode se dizer que o tecido Eu Verdadeiro desaparece. Mas tanto no fio como no tecido há uma única substância que persiste, a despeito de como cada um sente — e esta substância é o “algodão”. Assim também, o Ser Divino, o Absoluto (Paramatma) persiste como a única Verdade no “Eu”, o Eu Verdadeiro ou Atma. Sem o algodão — Paramatma, não pode haver o fio “Eu”. Sem o fio “Eu”, não pode haver o tecido Atma. Estes três: Paramatma, Atma e Eu, são somente formas e nomes para o UNO — o Paramatma, o UNO Eu Verdadeiro, o DIVINO Eu Verdadeiro.

15. NÍVEIS E ESTÁGIOS

“A religião hindu autoriza a veneração a uma variedade de Deus-es. Isto resultou em feudos e facções sectárias que enchem o país de medo e intranqüilidade.” Todas as lutas internas e agitações no país podem ser atribuídas a este único defeito básico — esse é o veredicto impensado de muitos observadores. **Mas este julgamento não é correto.** É um vôo frágil da fantasia assumido por pessoas desprovidas da faculdade da razão.

No Ocidente, os habitantes de todos os países são, mais ou menos, seguidores da religião Cristã. Embora todos eles venerem um Deus, eles têm se matado através de métodos muito mais horríveis do que os utilizados pelos animais selvagens. Não fazem eles guerras onde pessoas fora do cenário do conflito, incluindo mulheres inocentes, crianças e idosos, são varridos da face da terra por um impiedoso fogo cruzado? Seria a sua religião a causa básica para tal devastação e fratricídio impiedoso, desgraçado, estúpido e demoníaco? É claro, eles pertencem a uma religião que venera um Deus, mas deve haver algum traço venenoso espreitando, por trás da fachada da veneração, que está poluindo toda a personalidade. A religião não pode ser a causa, por mínima que seja, para facções, lutas e guerras.

A Alemanha não tinha espaço para grupos de castas e conflitos sectários. Ela havia obtido um progresso extraordinário na ciência e na tecnologia. Brilhava na dianteira das nações, por meio de sua força, coragem e heroísmo. Tal nação foi dividida em quatro pedaços pelas quatro potências vitoriosas, cada pedaço administrado por uma nação diferente! O Japão, que não tem problemas de diferenças religiosas e conflitos sectários, teve que sofrer a vingança das nações por alguns anos! Qual foi a razão? Para a queda das nações, a religião não pode ser a causa.

Ninguém pode imaginar um mundo em que diferenças não existam. As diferenças nascem dos impulsos internos da inteligência e do efeito cumulativo dos impactos. A vida de cada ser humano é a expressão externa desta inteligência e deste efeito. Entidades inertes e ativas não são passadas de manifestações, em diferentes níveis, desta Inteligência. O papagaio usa seus olhos de uma maneira específica; o corvo faz o mesmo, de modo bem diferente. O chacal deduz situações diferentemente do cão. A natureza dos animais é de um tipo; a natureza de seres humanos é de outro tipo. Entre os homens há diferenças no conhecimento obtido. Não só no conhecimento como também nas características físicas e no charme pessoal há inúmeras variações. Seus gostos e aversões, pensamentos e sentimentos são moldados de diversas maneiras, conforme o conhecimento que possuem e as profissões em que estão engajados. Não precisamos ir tão longe. Até mesmo gêmeos crescendo juntos no mesmo útero, frequentemente, não são idênticos; eles manifestam naturezas diferentes. Qual é a razão para isto? A razão tem origem nas diferenças do desenvolvimento da inteligência.

Portanto, jamais a humanidade ficará livre das diferenças. A igualdade universal é uma aspiração impossível. O desejo de estabelecê-la na terra é uma fantasia, uma busca por flores no céu.

O animal vive com a consciência de que é um animal, o pássaro possui a consciência de que é um pássaro. Uma mulher se envolve nas atividades do mundo consciente de que é uma mulher; assim também o faz o homem. A consciência que se tem, até que o sono venha, continua inalterada ao acordar. O homem continua sua atividade, interrompida pelo sono. Assim também, o homem continua, nesta vida, as atividades interrompidas pela morte, no ponto onde elas foram interrompidas. “Yam vapi smaran bhavam tyajatyante kalebaram” (Ele abandona seu corpo ao final, lembrando-se sempre dos sentimentos que tão forte-

mente lhe moviam). E na Gita: *“Tam tamaiveti kaunteya sada tad bhava bhavitah”* (Ele atinge aquela mesma posição para onde seus sentimentos eram dirigidos, o tempo todo). A natureza da próxima vida está de acordo com sentimentos que ocupam a mente quando o homem abandona seu corpo. Pois, tais sentimentos estarão, sempre, de acordo com os sentimentos que motivavam seus dias de vida. Ao pensar mais profundamente, ficará evidente que a verdade básica é exatamente esta: tudo depende do progresso atingido na sublimação da inteligência.

Embora na forma externa possa existir certa uniformidade, existem vastas e variadas diferenças na natureza íntima. Um gênero ou espécie é definido, principalmente, com base em características exteriores que são, verdadeiramente, as expressões manifestas da inteligência interna. Um indivíduo é primariamente uma forma. Homem, árvore, morro, rouxinol, raposa, cão, cobra, escorpião — estes “sons” denotam membros das espécies com tais formas. Os indivíduos podem sofrer destruição, mas a espécie continuará.

Homens podem morrer, mas a humanidade persistirá. Árvores podem cair e serem reduzidas a cinzas ou a pó, mas a espécie nunca será destruída. A espécie vida é eterna; a destruição total nunca ocorrerá.

Caso analisemos e investiguemos até mesmo as pequenas coisas que vivemos diariamente, estas verdades ficarão claramente evidentes para nós. Dizemos que cada um, na espécie humana, possui características humanas, mas quando avaliamos uma pessoa, prestamos atenção às suas virtudes e hábitos, seu status atual e suas perspectivas futuras.

As vacas — todas pertencem a uma espécie. Mas quando pretendemos comprar uma, tentamos descobrir sua linhagem. Procuramos por marcas auspiciosas no seu corpo. Ela deve dar muito leite; deve ser um animal bonito e bem quieto. Só compramos vacas com estas qualidades desejáveis. Não nos sentimos atraídos pelo fato de que é uma vaca

como o resto da espécie. Não compramos uma vaca estéril ou uma vaca brava. Portanto, embora todos os homens sejam mais ou menos uniformes, cada um é avaliado com base apenas nas suas qualidades.

Quando se realiza uma investigação em profundidade a respeito de outro ponto, fica claro que os sentimentos de diferença entre elevado e baixo são reações naturais. Embora urina e fezes sejam uniformemente sujas, a urina da vaca é tratada como sagrada. Não se atribui santidade à urina e fezes de outros animais; elas não são, definitivamente, sagradas. Tome o caso do fogo, Agni. Fogo é fogo, qualquer que seja a forma. Acendemos lamparinas em casa; temos fogo nas nossas lareiras. Temos o fogo sacrificial ardendo em chamas. Este Agni é reverenciado e venerado; as pessoas prostram-se perante ele. Mas o fogo na lamparina e na lareira não são tão considerados. Quando o fogo é aceso para queimar um corpo no crematório, a chama não é considerada pura para nenhuma outra finalidade. Ninguém assará batatas nela; ninguém irá reverenciá-la ou se curvará perante ela. Por que ela é tratada como “baixa”, “não-sagrada”, “poluída”.

Da mesma maneira, embora os homens possuam a mesma forma física, distinções entre eles são, necessariamente, feitas quanto às peculiaridades de cada corpo e dos outros envoltórios nos quais ele está envolvido e a natureza de suas qualidades e atividades. Alguns serão tratados como “elevados” e outros como “baixos”. As lâmpadas elétricas não emitem as mesmas qualidades de luz; algumas são brilhantes, outras, mortíferas. Existem a mesma corrente elétrica em cada lâmpada embora algumas a exprimam com força plena e outras não são capazes de fazê-lo.

Devemos aceitar que, para o mundo evoluir, são requisitos essenciais: os níveis de consciência, os estágios de excelência, as distinções entre o elevado e o baixo, o sagrado e o não sagrado, o religioso e o não religioso. Eles são inevitáveis. São projetados pela Vontade Divina.

16. O HOMEM E DEUS

Para a consumação da evolução humana e a realização, pelo homem, de seu mais alto ideal, é essencial a religião e a disciplina espiritual. A religião é o vínculo entre o individual e o Universo, entre o Jiva e Deva. Se ela não existir, a vida se torna um caos. Uma vaca detida em uma montanha querendo ir para a montanha oposta, mas confrontada por um rio inundado entre elas, precisa de uma ponte entre ambas. É isso que a Religião representa. Entre a montanha da vida individual e a região do Universal, existe o rio inundado da Natureza, com todas as suas confusões e complexidades. É difícil descobrir de onde vem e como acumula todo esse tumulto e onde, finalmente, termina. Mas, felizmente, temos, em cada comunidade humana, aqueles construtores de pontes que ajudam os demais a fazer a travessia.

Podemos ter mais de uma ponte, mas o propósito de cada uma é o mesmo. A ponte construída pelos sábios e videntes da Índia é conhecida como Sanathana Dharma ou Eterna Região. É assim chamada porque é uma ponte eterna, perpétua, baseada nos alicerces imutáveis dos Vedas e pode ser usada por todos, confiantemente, em todos os países, em todos os tempos. Por isso é às vezes chamada de ponte védica e senda védica e também de senda ariana. Todas as tentativas para encontrar aqueles que traçaram a senda falharam. Esta é a razão por terem desistido da busca, desesperados, caracterizando a senda como não-executada ou akarta³². Eles assumiram que os Vedas ou, em outras palavras, o próprio Senhor, foi o projetista.

32. Um não-fazedor. Alguém que se entregou ao Senhor e considera que todas as ações são d'Ele.

Todas as religiões e veredas espirituais traçadas, através das Eras, são, na verdade, sagradas; pois todas foram projetadas por Mensageiros do Senhor, escolhidos porque são os maiores dos homens. Buddha, Jesus Cristo, Zoroastro, Maomé — tais nomes são mundialmente conhecidos. Suas doutrinas, ideais e pensamentos se tornaram tão válidos para seus seguidores, que seus nomes têm sido identificados com suas religiões.

Como a religião ideal, naquele tempo, era creditada como a Mensagem de Deus e como aquela Mensagem foi comunicada e disseminada por Jesus Cristo, ela recebeu o seu nome. Assim também, a religião budista recebeu esse nome por causa de Buddha, pois foi intuída e disseminada através dele, como o instrumento Divino. Maomé, que ouviu a Mensagem de Deus, traçou doutrinas e disciplinas e aqueles que as seguem são ditos como muçulmanos. Portanto, não é errado dizer que todas estas religiões são produtos dos maiores dentre os homens e dos mais ideais Mensageiros do Senhor.

A Inteligência Divina é universal e compreende tudo. A inteligência humana é confinada a estreitos limites. Sua extensão é muito pobre. As escrituras lidam com um objetivo apenas, mas indicam diferentes sendas para alcançá-lo. Cada caminho pode ser uma religião definida com suas doutrinas e disciplinas consideradas diferentes do resto. Portanto, a declaração de que Rama, Cristo, Zoroastro, Buddha, Maomé e outros são um, não é válida.

Na religião cristã, afirma-se que os indivíduos foram criados como são. É dito que Alá fez o mesmo. Até as religiões de zoroastrismo e a budista descrevem a criação mais ou menos na mesma linha. Mas a religião védica tem uma versão diferente. O individual é tão eterno quanto Deus. Ele é uma centelha de Deus. Se não há Jivas (seres), não há Deva (Deus). Isto é especialmente enfatizado nos Vedas. Os seguidores de outras religiões estão, recentemente, reconhecendo

esta verdade. A vida atual de cada um é apenas um intervalo entre as vidas prévias e futuras. Nada mais é do que um passo na direção da próxima. Isto é indicado nos Vedas. Os Vedas instruem sobre o relacionamento entre os nascimentos prévios e os futuros. Nenhuma outra religião revelou tanto acerca dos nascimentos prévios e futuros.

Outro ponto: entre os quatro objetivos da vida, dharma, artha, kama e moksha³³, as várias religiões descrevem o estágio de moksha ou liberação de várias maneiras. Cada uma expõe alguma doutrina e insiste na fé sobre ela. E, portanto, não há acordo ou identidade entre as experiências que descrevem. A descrição hindu da experiência pode, todavia, ser obtida pelos seguidores de todas as religiões. Pode haver concordância nos detalhes das descrições nas várias religiões, mas a experiência total não é descrita da mesma maneira. A razão é: a religião hindu, que veio do passado atemporal, é realmente suprema. As outras fés baseiam-se em algumas das doutrinas do hinduísmo somente, escolhidas por elas e desenvolvidas de acordo com as tradições e culturas de suas próprias regiões. Consequentemente, as Verdades inerentes à fé hindu aparecem, com freqüência, nestas outras fés. O hinduísmo e a cultura hindu têm fluído como uma corrente contínua.

Na religião hindu, os rituais e as cerimônias foram estabelecidos para serem observados desde o nascer do sol até o anoitecer, sem nenhum intervalo. Muitos são elaborados oferendas sacrificais (yajñas) aos Poderes Divinos. Não satisfeitos com os apropriados rituais e cerimônias devocionais para o crescimento do bebê, desde o útero até à morte, e com a subsequente obtenção, pelo indivíduo, dos mundos superiores, estabeleceram-se elaboradas disciplinas.

.....
 33. Quatro objetivos da vida humana. Retidão, Riqueza, Desejos, Liberação. A riqueza aqui é a espiritual e os desejos são os que se referem à realização da plenitude espiritual.

Nenhuma outra religião tem tantas e tão complexas regras de vida. Portanto, não é correto declarar que todas as religiões são a mesma. Elas podem ter adotado algumas ou muitas destas regras do Hinduísmo que as tem enfatizado desde o princípio.

A fim de realizar esta pesada programação de ritual, o homem deve possuir bhakti, jñana e yoga – devoção, compreensão e autocontrole. O dharma é a raiz da grande árvore, a religião. É a eterna fonte de sua força. Ela é nutrida pelas águas de bhakti; as folhas e flores são a renúncia e outras virtudes, e o fruto é jñana.

Nestes estágios de crescimento, se houver alguma interrupção ou deficiência, isto é, mesmo se qualquer regulamento faltar, o fruto da sabedoria ou jñana, produzido pela árvore, será afetado adversamente.

Tais planos exclusivos para o progresso espiritual só podem ser encontrados no hinduísmo e em nenhuma outra fé. Pois o hinduísmo é o néctar preparado pelos rishis ancestrais, extraído de suas genuínas experiências. Não foi disposto a partir de itens disponíveis em livros.

Não é apropriado a ninguém adotar uma fé ou código que mais agrade. Por que tais pessoas acreditam que a vida é um assunto para uns três dias e então, necessitam de moralidade e autocontrole. A vida é uma longa jornada através do tempo, e a religião concede paz para o presente e encorajamento para o futuro. Devemos acreditar que estamos no presente, sofrendo as conseqüências de nossas próprias atividades no passado.

É uma grande fonte de paz o fato das pessoas se contentarem com suas condições presentes porque sabe que foram elas próprias a sua causa e que se executarem boas e meritórias ações no presente, ser-lhes-á possível construir um futuro feliz. Isto é um grande encorajamento. Somente quando a vida é vivida sob estas duas linhas, que a moralidade e o autocontrole terão lugar. O poder para seguir estes dois ideais está no encorajamento e entusiasmo fornecidos pela religião.

Não podemos determinar a origem da religião ou o seu fim. Portanto, é também difícil declarar a origem e o fim do indivíduo ou Jiva. De acordo com o hinduísmo, o Jivi é eterno e sua vida atual nada mais é que a última de uma série ocasionada pelos seus próprios pensamentos e atos. O Jivi não veio agora como resultado da cólera ou Graça de Deus. Elas não são a causa de sua existência atual. Esta é a declaração feita no Sanathana Dharma.

A religião não pode ser, em momento algum, um mero assunto pessoal. É possível afirmar-se isto desde que a fé esteja enraizada na pessoa e que seja expressa através do seu próprio comportamento e ações. Mas quão válida é essa declaração? Não é válido afirmar que não há Deus, ou religião ou casta como fazem muitas pessoas inteligentes, para sua satisfação pessoal. Encontramos um grande número de pessoas proclamando a não existência de Deus e declarando que as diretivas para guiar e sublimar as atividades de todos, estabelecidas em todas as religiões, são superstições. Estas pessoas não são ignorantes. Não são pessoas sem instrução. Quando elas caracterizam as crenças e as práticas espirituais como superstição, como dar importância às suas declarações? Abrigam-se tais convicções em seus corações, a sociedade não precisa se queixar porque não sofre nenhum mal. Mas elas não ficam quietas. Por exemplo, certas pessoas se entregam as bebidas intoxicantes como cachaças, conhaques, etc. Isto pode ser tratado como um assunto pessoal? As demais pessoas ficam felizes com isso? Por mais enfaticamente que seja declarado “pessoal”, esse mau hábito afeta a sociedade de várias maneiras, tanto sutil quanto abertamente. Ele demonstra seus efeitos perversos, apesar de tudo. Quando pessoas comuns se entregam a esses hábitos prejudiciais, o perigo não é tão considerável. Mas, quando pessoas maduras, que já alcançaram um nome na sociedade, os praticam, o homem comum também segue o caminho errado.

Os trabalhos de Vyasa e Valmiki³⁴ são muito antigos. Estes escritos dessas Eras passadas são adequadamente chamados de Puranas. Mas, apesar dos séculos haverem se passado desde seu nascimento, o tempo é impotente em afetá-los. Se assim não fosse, não seriam amados e exigidos, até hoje, por povos que residem em toda parte, dos Himalaias até Setu. Os textos são tão jovens e refrescantes, inalterados pela passagem do tempo. Quem desejar bem-aventurança, em qualquer lugar, sempre que precisar, pode se absorver neles.

O Manu Dharma Shastra³⁵ é único. Não há nenhum texto que se compare a ele, em nenhum país, em toda a história. Pode alguém criar um livro desse tipo em algum momento? As doutrinas da fé hindu e os Shastras que as consagram, não homenageiam as ciências materiais. Estas, é claro, progridem dia a dia, mas as teorias hoje veneradas, amanhã são condenadas e novas teorias serão elaboradas para explicar o mesmo fenômeno. Como então, as verdades eternas e sempre válidas do espírito, podem honrar as ciências materiais? Os cientistas de hoje chamam esta atitude de “fé cega”; querem que seja descartada. Querem que todo fato subjetivo e objetivo seja examinado e exposto a testes rigorosos. Eles se confundem quando considera isto como um caminho independente para a descoberta da realidade. Mas isto não é correto. Não precisam escavar e desnudar novas doutrinas. Todo fundamento e caminho estão disponíveis imediatamente. O entendimento é a única coisa que precisamos aspirar.

Os filósofos ocidentais, de Kant a Spencer, têm se debruçado, de fato, apenas sobre algumas facetas das escolas de pensamento Dvaita, Advaita e Vishishtadvaita. Os hindus têm pesquisado, há muito, tais assuntos e encerrado seus entendimentos em doutrinas e princípios.

34. Considerado pelos hindus dois grandes sábios, o primeiro escreveu o épico Mahabharata e o outro o épico Ramayana, os Puranas.

35. Códigos de conduta correta escritos por Manu, o primeiro pai da humanidade.

17. COR E CASTA?

A ação correta (dharma) hindu e suas regras de vida baseiam-se em casta (varna) e estágio da vida (ashrama). Tomemos primeiramente o princípio de varna na religião. A palavra maya³⁶, utilizada nas discussões Vedanta foi, em geral, objeto de indiferença, abandono e crítica. Assim também varna. Varna e suas distinções são condenadas como artifícios do homem. Maya é igualmente condenada como contrária a toda razão, pois desconsidera o mundo chamando-o de ilusão. A Smriti declara: “*Chatur varnyam maya srshtam*” (As quatro varnas foram criadas por Mim); a Shruti diz: “*Brahmanosya mukham asit bahorajanyah krtah.*” (Os brâmanes surgiram da face, os kshatriyas³⁷ surgiram dos braços). É claro que varna foi criada pelo Senhor. Não obstante, se foi propagado que o sistema de varna gerou distinções desastrosas, a culpa está na interpretação errônea da palavra.

Existem hoje varnas verdadeiras na sociedade? O que é exatamente varna? Foi realizada alguma tentativa para descobrir tal fato? Não. Varna é só uma palavra; cada palavra possui um significado e varna também deveria significar algo, não deveria? Para provar que palavras existem, o exemplo “árvore” é suficiente. A palavra é simplesmente um som, mas indica a existência de algo. O som “elefante” é a prova da existência deste animal. Assim também, quando os sons “gato”, “cão”, “raposa” são ouvidos, as formas de tais ani-

36. Ilusão mundana, confundir o transitório com o real; não-consciência da verdadeira realidade.

37. Brâmanes e kshatriyas – duas das principais castas originais, da sociedade védica. As duas outras são os vaishyas e os shudras. Diz-se que as quatro castas originaram-se do corpo de Deus – por isso a referência contida no texto.

mais se apresentam perante os olhos da mente. Os sons estavam lá, mesmo antes de nós. Nascemos do emaranhado de sons. Nós não os originamos. É necessário grupos de homens e coisas, se houver a vontade de criar o som e moldá-lo em uma palavra significativa. Portanto, para cada palavra atual, um significado deve existir. Não podemos impor às palavras o significado que escolhermos. As palavras e suas implicações estão lá, já disponíveis, mesmo antes do nosso nascimento. Nós apenas as usamos, sempre que quisermos, da maneira que quisermos e sempre que necessitamos.

A palavra envolve a fala. Uma palavra, em sânscrito, chama-se pada. Cada objeto no mundo é chamado em sânscrito de “padartha”, “significado da palavra”. Um morro é o monte de terra indicado pela palavra “morro”. Igualmente, as palavras brâmane e sudra nos informam que existem pessoas que respondem a estas palavras. As questões: “Quem é um brâmane? Quem não é um brâmane?” são irrelevantes agora. O que está sendo conhecido são somente os conceitos de “palavra” e “significado”. Todo o Cosmos está contido na “palavra” e no “significado”; é puro Nome e Forma (o Nome sendo a Palavra, e a Forma, o Significado).

As Shrutis (Vedas) assim declaram. *“Vacharambhanam vikaro nama-dheyam”*, “Nome e Forma são uma única unidade indivisível”, assim como Shiva e Parvati, ativo e inerte, objeto e imagem, a lua e o luar. Todavia, tratando-se do mundo, a Palavra é muitíssimo importante. Ela surge do pensamento; o pensamento é formado pela experiência; a experiência depende do desejo e o desejo surge da ignorância, ajñana, maya, avidya ou prakriti, que é também, fundamentalmente, baseado no divino.

Como é baseado no senhor divino que é o esplendor da sabedoria, o repositório da glória inata, a escuridão de maya, ignorância, avidya ou prakriti não deve nos subjugar. Onde a luz está presente, a escuridão não tem lugar. O senhor declarou: “Eu me tornarei muitos” e tal

vontade resultou no Cosmos e o está dirigindo para sempre. Portanto, nome e forma são os resultados daquela vontade e não de qualquer vontade humana. É uma pretensão absurda o homem acreditar que os originou. O senhor todo-poderoso somente os desejou. Esta é a razão pela qual ele é designado como o supremo. Para a questão, “Deus existe?”, a prova inegável é a existência da palavra deus.

O mundo consiste de múltiplos objetos variados, cada um possuindo um nome. Ninguém descobriu como e porque estes nomes se ligaram a tais objetos. Nem é possível explicar como e por quê. Mesmo se for tentado, o resultado será apenas uma adivinhação e não a verdade. Portanto, é melhor concluir que foram divinamente originados. Palavras usadas entre o nascimento e a morte, ou correntes antes do nascimento e após a morte, palavras que indicam a mãe e os filhos ou palavras como dever (dharma), conduta incorreta (adharma), céu (svarga) e inferno (naraka), certamente não são criações humanas, mas beneplácitos divinos. Os Vedas são a autoridade para esta declaração.

Vamos considerar um assunto. Pode alguém citar uma única ocasião, neste mundo ou em algum outro, em que a existência de uma única palavra não tenha algum significado? Não. É impossível. Cada palavra possui um significado; esse significado denota uma decisão de deus. Somente quando isto for reconhecido pelos homens, eles poderão assimilar o mistério da vida.

Portanto, quando é declarado que os brâmanes se originaram da face “*Brahmanasya mukham asit*” ou que as quatro varnas foram criadas por Mim – “*Chatur varnyam maya srshtam*”, isto também não significa que deve ter havido varnas indicadas por palavra e pessoas que poderiam ser descritas como exemplos ou representações desta palavra? Esta declaração não nos evidencia que o próprio Deus a criou e agrupou, como casta (varnas), tendo como base suas tendências e atividades?

Portanto esta palavra, varna, só pode ser compreendida, em todo seu significado, se houver uma investigação profunda e um pensamento claro a ela dirigidos. O significado de varna mais comum e utilizado entre as pessoas em todos os lugares é “cor”. Mas, a maneira como esta palavra veio a ser relacionada com esse significado não é conhecida por muitos. Isto deve ser revelado para que o verdadeiro significado da palavra seja assimilado. Na palavra varna, a raiz VR significa “descrição”, “elaboração”, também o processo de “contar”. As raízes R, RN, que formam palavras como ramana significam “deleite, prazer”, etc. Portanto, varna significa “aceitar com prazer depois de elaborada consideração”.

Com referência a “cor”, o branco, vermelho e preto são as básicas. As outras cores são derivadas. O branco simboliza a tendência sátvica, o vermelho, a rajásica e o preto, a tamásica. Este é o mistério da criação. Os indivíduos nascem de acordo com as tendências que apreciam, aspiram e adotam. Portanto, as varnas onde nascem são determinadas por eles mesmos e não por qualquer autoridade externa. A tendência específica que escolhem depende de seu nível intelectual. É geralmente aceito que os desejos formam a inteligência. Esta molda as atividades, e as atividades decidem o caráter e a natureza da vida. Esta é a interpretação correta da expressão “*Guna karma vibhagasah*”. Enquanto os textos Shruti e Smriti indicam detalhadamente as causas que levam ao nascimento, vida e morte do indivíduo em castas específicas, religiões, famílias e setores, as pessoas, incapazes de compreender os textos, elaboram teorias de acordo com suas limitadas inteligências e derivam satisfação disso.

O que é isto senão rematada ignorância? Ou talvez um orgulho egoísta exibindo que elas sabem tudo, pois não é o egoísmo o genitor da ignorância? A conclusão é que casta, status social, família e mesmo

religião são determinados por guna ou qualidades e karma ou ação. Eles não são passíveis de manipulação humana. Os Vedas assim declaram e postulam que assim foi decidido pela Vontade Divina.

Bharat é designada como karmabhumi, ou karmakshetra, a Terra Sagrada da Atividade Orientada a Deus. Todos os homens de todos os lugares são peregrinos caminhando em direção à Terra Sagrada da Atividade Orientada para Deus. O karma é condição indispensável de Bharat. Ela sustenta a divindade da atividade e transforma toda atividade na disciplina espiritual (sadhana). Esta é a razão dos nomes pelos quais a Índia (Bharat) é conhecida.

As sagradas escrituras desta terra (Shruti) proclamam em tom ressonante, que o indivíduo é o arquiteto de seu próprio destino, do status elevado ou baixo na sociedade, do luxo ou pobreza, liberdade ou escravidão. *“Sa yatha kraturasmin loke purusho bhavati tathe tah praty bhavati”*: *“Seja qual for a forma que a pessoa deseje muito agora enquanto viva neste mundo, ela atingirá tal forma após a morte”* – assim declaram as Shrutis. Portanto, é claro que a ação (karma) decide sobre o nascimento (janma) e que o luxo ou pobreza, o caráter e atitude, o grau de inteligência, as alegrias e tristezas desta vida são os resultados trazidos de vidas passadas. A conclusão inevitável, portanto, é que a próxima vida do indivíduo estará em conformidade com as atividades geradas pelo grau de inteligência que governam o indivíduo aqui e agora. Algumas pessoas, embora de origem nobre, se engajam em más ações. Outros, embora nascidas em castas consideradas inferiores, se engajam em boas ações. Como isto ocorre? Este é um problema que nos agita com freqüência. Pessoas nascidas como brâmanes realizam más ações; em outras palavras, elas descem a níveis rajásicos e tamásicos. Pessoas nascidas em castas inferiores ascendem ao nível sátvico e fazem boas ações. Os brâ-

manes do tipo mencionado são só janma brâmanes e não karma brâmanes — brâmanes por nascimento e não brâmanes por virtude de suas ações. Os outros são baixos só por nascimento e não baixos em virtude de seus atos. Os Vedas requerem coordenação entre nascimento e comportamento nas castas.

Pessoas de natureza pura (sátvica) são raras no mundo. A maioria tem, preponderantemente impurezas ou rajas colorindo o caráter sátvico ou puro. Tais indivíduos, tendo atingindo um nascimento nobre, são envolvidos em atividades rajásicas. Declaram, por seus atos, que são de casta mista. Os Vedas não ignoraram esses exemplos de natureza mista e seus efeitos sobre a casta. Os Vedas são imparciais; não julgam antecipadamente um para favorecer outro. Não eleva um conjunto de pessoas ou descartar outro; somente proclamam a verdade que existe.

Vamos considerar um exemplo. Kausika foi um kshatriya — da casta dos guerreiros, isto é, uma pessoa de natureza rajásica. Todavia, como resultado de seus atos em vidas passadas, as tendências e atitudes sátvicas penetraram sua consciência e ele aderiu, escrupulosamente, à verdade. Transformou e sublimou sua consciência num estado puro. O mantra que transmitiu, emanado deste nível de consciência foi o Gayatri. Ele ficou conhecido como Vishvamitra, o amigo (mitra) de todo o mundo (vishva), pois se tornou naquele que deseja o bem para o mundo todo! Os brâmanes aceitaram e aclamaram o mantra como uma dádiva Divina; eles o têm reverenciaram e recitaram e dele derivam imensa bem-aventurança. Kausika foi, portanto, um janma kshatriya, mas tornou-se um karma brâmane e assim foi aceito pelos Vedas, emanados da voz de Deus. Portanto fica claro que os Vedas proclamam o Caminho para toda a humanidade, sem

preconceito, parcialidade ou sentido de discriminação. Eles prestam atenção somente aos pensamentos e atos do indivíduo.

Os pensadores modernos podem ter alguma dúvida sobre isto, o que é natural. Vejamos qual é a dúvida. Quando é dito que a vontade divina estabeleceu varnas (castas), será que elas não deveriam existir em todos os países? Certamente não deveriam estar confinadas a este país, Bharat, dizem eles. Mas não há nenhuma regra que dite que tudo que é criado deve necessariamente existir em todo lugar! Não é possível atender tal expectativa.

É natural que as restrições e preferências em relação ao processo de viver, segundo o código, devam ser estabelecidas em relação a cada região e sua atmosfera, clima, peculiaridades e particularidades. Não há nenhuma regra que dite que as árvores que crescem em Bharat deveriam crescer também em outros países. Não podemos reclamar que as estrelas que ocupam o céu deveriam também existir na terra! Não há nenhuma obrigação para que os peixes que vivem na água também vivam nos montes.

Só Deus sabe e decide o que deve acontecer a quem, onde e por que. Todo o mais é impotente. Eventos como o nascimento são determinados pelas circunstâncias do tempo, causalidade e outras semelhantes. Eles não são limitados as nossas necessidades ou reações, favoráveis ou desfavoráveis. Por esta razão, meras observações e estudo do que é patente levarão somente a dúvidas que confundem sobre as castas. Tais dúvidas são inevitáveis, pois são alimentadas pelo ego. O cerne da realidade é separado e distinto das elucubrações do ego. Quando as pessoas agem como as veleidades da fantasia e falam tudo que venha à mente, podemos apenas caracterizá-las como modelos de pura ignorância.

18. ATIVIDADE E AÇÃO

Os países do mundo se dividem em duas categorias: karmabhumi e bhogabhumi — países onde o povo se devota a atividades com motivação espiritual e países onde o povo persegue os caminhos dos sentidos, sem nenhum propósito mais elevado a guiá-lo. As categorias enfatizam os ideais do povo, ao longo das Eras. Bharat ou Índia é karmabhumi, onde o povo descobriu a meta correta de toda atividade, ou seja, a glorificação do Deus residente dentro e fora.

O karma é inevitável; ele é imanente a todo pensamento. Pode ser de dois tipos: material e espiritual, loukik (relacionado a este mundo) e vaidik (extraído dos Vedas ou das injunções das escrituras). O karma que meramente sustenta a vida é material. O vaidik, que eleva o homem ao Divino, é baseado nos Vedas ou em textos posteriores, como os Shastras ou a Smriti. Podem ser de qualquer um dos três tipos: mental, emocional ou físico. São também determinados pelas atividades que o indivíduo adotou, seja em vidas passadas ou nesta. A conseqüência dos atos de vidas passadas e que afetam esta vida é chamada de parabdha; o karma engajado agora e que, obrigatoriamente, afetará o futuro é chamado de agami; o karma em estoque e que é lentamente executado pelo indivíduo, vida após vida, é chamado de sanchita.

Os textos Shruti e Smriti, da Índia, assim classificaram o karma, baseados nas conseqüências que ele gera na vida do indivíduo. A palavra karma é curta e ríspida; é usada livremente por todos. Mas a idéia e os ideais que ela traz são de grande significado para a humanidade. O karma não é simplesmente físico; é mental, verbal e manual. Todos podem lê-lo e descobrir tanto valor e validade quanto sua razão puder entender.

O karma subjaz a toda atividade do homem: mundana, escritural e espiritual. Todos os três karmas estão, de fato, entrelaçados; o karma mundano gera méritos e deméritos; o karma escritural é saturado das experiências das gerações de bons buscadores; o espiritual se devota à limpeza do coração para que o Divino residente interno possa ser lá refletido. O karma é um fluxo que corre mais e mais rapidamente — girando a roda da vida e mantendo-a incessantemente ativa.

Karma significa movimento, ou aquilo que gera o movimento. O ar se move no espaço; o ar que se move resulta em calor. É a fricção causada pelo movimento no ar que manifesta o calor latente. Os seres vivos são capazes de manter a temperatura do corpo somente enquanto o ar é inspirado e expirado. Quanto mais rápida a respiração, mais quente fica o corpo. Calor é a característica do fogo. O fogo é a origem da água. O Sol, como se pode ver gera nuvens. As partículas de água se misturam aos outros elementos e, então, se solidificam em “terra” (solo, húmus). A terra produz e desenvolve plantas e árvores, que alimentam e geram o homem e o mantém íntegro e saudável. Estas plantas dão os grãos dos quais ele se alimenta, e o fluído seminal que produz a procriação é a dádiva do grão. Este é o karma da criação, realizado e contínuo. É assim que a Smriti resume o processo. Em resumo, o karma é observável aqui como o efeito do movimento, do progresso, da evolução e da hereditariedade.

É natural e razoável esperar que este vasto fluxo, este movimento constante tenha como base e suporte algo fixo e imóvel. E isto é exatamente o que é postulado como Atma ou Parabrahma. O primeiríssimo movimento vibratório naquela base ocorreu quando Parabrahma se tornou Parameshvara e exprimiu os três anseios pelo conhecimento divino (jñana), vontade (iccha) e ação (kriya). Esse mesmo movimento

se tornou conhecido como o karma primordial, o karma do Ser, transformando-se no Tornar-Se, o karma da criação (srishti).

Foi a importância do karma que necessitou dos aspectos triplos aspectos da Divindade: Brahma (que causa a criação), Vishnu (que a apóia e sustenta) e Maheshvara (que a dissolve e destrói). É a Lei do Karma que rege os movimentos das estrelas, dos planetas, das galáxias e de outros corpos celestes no espaço. A mesma lei dirige e controla tudo que ocorre em todos os mundos. Ela é inescrutável, em sua essência. Ninguém pode penetrar no interior do tempo ou espaço quando não há o karma. O que, por que, quando e como ocorrem os eventos está além da capacidade do homem predizer com precisão. Eles são estabelecidos da eternidade para a eternidade.

Assim como um trabalho ou atividade sendo feitos podem ser considerados como karma, nenhum trabalho ou atividade também é karma! Ao vermos uma pessoa silenciosa e calma, sentada quieta e sem fazer nada, inferimos que ela está livre de atividade. Como, então, ela pode ser descrita como realizando karma? O que está implícito quando dizemos “Ela não está fazendo nenhum trabalho, Não está engajada em nenhuma atividade”? Esta declaração significa apenas que, “Ela está envolvida em se manter afastada de todo trabalho ou atividade”. Portanto, pode-se afirmar que os homens algumas vezes estão ocupados trabalhando e algumas vezes estão ocupados mantendo o trabalho longe de sua atenção. Isto quer dizer que eles estão envolvidos no karma – ação, assim como em akarma – não-ação. Se o homem não se envolver ou se apegar ao karma que produz, mas se envolver nele como seu dever, como sua forma de veneração, e se ele não se apegar aos frutos da sua ação, então ele poderá praticar akarma mesmo no karma. Este é a mais elevada disciplina espiritual.

O primeiríssimo ato com o qual a carreira de um ser vivo se inicia é a “respiração e vibração dos sopros vitais”. Quando se pensa a respeito, vê-se como é maravilhoso. É um mistério surpreendente. Nenhum ser humano resolve, no começo de sua vida terrestre, inalar e exalar o ar à sua volta. Isto ocorre sem seu desejo ou vontade própria. Não somente o homem, mas todo organismo vivo é uma evidência desta grande maravilha. Dúvidas podem surgir: “Como pode ocorrer algo ao homem sem seu conhecimento ou vontade?” É melhor responder esta dúvida confessando que o homem não pode desvendar tais segredos. Mesmo se tentar responder que “a causa é a Natureza”, a pergunta ainda permanece: “O que é exatamente a Natureza?”. A respiração tem início quando a vida começa; é um ato automático, natural – diz-se. Mas, isto equivale a dizer a mesma coisa, com outras palavras. Nada explicam. Devemos admitir que ignoramos como isto ocorre, embora seja o mais essencial. É realmente surpreendente que o ato de respirar seja um mistério, mesmo para a pessoa que respira.

Quando refletimos no fato de que os yogis exercitam sua vontade e cessam suas pulsações e seu processo de inalação/exalação, nos damos conta do poder da Vontade na indução do karma. O karma, podemos concluir, não é algo solto no ar! A não ser que nos tornemos agentes, as ações não se realizam. *“Na jati icchati jetate” diz um axioma no Nyayashastra (Assim como a pessoa conhece, ela deseja; assim como deseja, assim age).* Os Sutras de Vedanta também proclamam a mesma verdade. *“Yad dhyati tad icchati” (Aquilo no qual repousa a atenção é a coisa desejada).* *“Yad karoti tad bhavati” (Aquilo no qual repousa o desejo é a coisa pela qual são feitas as ações).*

A natureza manifesta do indivíduo é moldada pelo desejo. Ele se molda em sintonia com suas esperanças, aspirações, tentativas

e realizações. Mesmo sua vida futura é construída através de suas decisões e ações. A força que sua “razão” exerce sobre ele e que dirige sua vontade numa direção específica é conhecida como prakriti, ou “natureza”. Quando se descobre que o grau de inteligência é o principal fator para determinar suas inclinações e desejos, então, fica fácil seguir os meios pelos quais se pode obter alívio do jugo da natureza.

O karma é geralmente compreendido como “trabalho”. Transações e ações de todos os tipos podem ser designadas como “trabalho”. Não há níveis de trabalho tais como elevado ou baixo. Todo trabalho é sagrado, se é feito para a manutenção e desenvolvimento da vida. Esta é a razão pela qual o karma é reverenciado como altamente sacrossanto e desejável e é tão pleno de conseqüências meritórias ou deletérias.

Os hindus relacionam boa fortuna e má sorte, alegria e tristeza, prazer e dor ao inescapável fruto do karma, e há pessoas que rotulam como preguiçosos aqueles que não resistem e sucumbem à desgraça, doença e dor. Este é um ponto de vista parcial e paralisante que ignora os princípios orientadores e filosóficos do karma e o reconhece somente refletido nas atividades mundanas, materiais. Esta visão é adotada e enfatizada para ajudar setores específicos a progredir, só isto.

Tome alguns exemplos de sua própria experiência. O empregado do escritório, o fazendeiro que vive de seu próprio esforço, o carregador que depende de sua força física para obter seus poucos meios de subsistência, o ferreiro, o porteiro, o carpinteiro, o lavadeiro, o barbeiro — todos estão conscientes das atividades que devem realizar e do senso do dever que deve acompanhá-las. Eles sabem que

suas vidas não fluirão suavemente se não cumprirem com dedicação a sua cota. Portanto, engajam-se em sua profissão da melhor maneira que permitem suas inteligências, habilidades e aspirações. E há necessidade de estimular tais pessoas para atividades adicionais, aconselhá-las e encorajá-las? Assumimos esta tarefa somente quando elas encontram-se incapacitados ou sem vontade de prosseguir com seus deveres.

No caso de Arjuna, confuso a respeito de seu dever evitando a batalha, pois estava tomado pelo sentimento de renúncia, o Senhor Krishna disse: “Você deve somente se concentrar no ato e realizá-lo como puder. Agir, somente agir é o dever que lhe é imposto”. Esse foi o doce conselho imortal do Senhor.

Este conselho é citado por muitos. Mas deve-se lembrar que foi dado no contexto da restauração da retidão. Ele trata das atividades aprovadas pelas escrituras e Shastras sagrados e não das atividades mundanas, sensuais e animais tais como procurar por alimento, abrigo e consortes.

Dharmaraja e outros se envolveram em assuntos mundanos e foram grandes mestres nestas situações. Eles estavam constantemente engajados em seguir e promover os deveres e responsabilidades estabelecidos para as quatro castas na sociedade e os quatro estágios da vida. Por que então deveriam ser estimulados e persuadidos, aconselhados e comandados a se engajarem numa batalha? Krishna aconselhou somente a Arjuna a utilizar seu arco e flechas, apresentando perante ele muitos argumentos: “Você nasceu na casta kshatriya; essa casta está encarregada, por normas sociais, da execução de um dever social — lutar contra a injustiça. Engajar-se na luta contra a maldade é a sua responsabilidade. Não abandone esse

dever e nem se livre desse fardo. O homem é preso pelas inclinações implantadas nele pela Natureza. Considere mais uma vez o seguinte. O homem tem sempre que se envolver em uma ou outra atividade; ele não consegue viver sem ela, sequer por um instante. Portanto, é melhor que aja agora, de acordo com a tendência e habilidade impressas em você por seus ancestrais e hereditariedade”. Esta é a lição que foi ensinada a ele, o kula dharma, a senda da casta ou classe à qual ele pertencia.

Será que o “trabalho” conota somente os atos pelos quais alimento, etc., são obtidos. Aviões, navios, fábricas e hospitais são produtos do trabalho. Pode ser dito que eles também envolvem somente o “trabalho” material e mundano. Este tipo de trabalho é importante para a vida, e vida feliz aqui é um preparo para o avanço espiritual posterior. Quanto mais falhas houver nas atividades dos objetivos mundanos, menos sucesso haverá para o indivíduo, a sociedade e a nação. Não há duas opiniões neste assunto. Mesmo assim, os homens não se esforçam eficiente e entusiasticamente para o progresso espiritual, como o fazem para o sucesso e fama mundanos. Isto é realmente uma pena.



19. PRECE

A relação entre karmas espirituais e mundanos deve também ser examinada. Semeamos o campo profundamente e o tornamos apropriado para as sementes crescerem. Selecionamos as boas sementes e as semeamos nos sulcos. Cuidamos das mudas com cuidado. Removemos as ervas daninhas que as atrapalham e prejudicam. Regamos quando elas precisam. Protegemos a safra erguendo cercas. Mantemos o olhar vigilante e salvamos as plantas de pestes. Considere que cada um desses passos cruciais são realizados por nós, diligentemente e sem demora, como e quando necessários. Mas, como podemos ter certeza, apesar de tudo isto, que os frutos de nossos labores chegarão às nossas casas e poderão ser estocados para o nosso uso? O canal de irrigação pode secar a qualquer dia. O céu pode despejar chuva demais ou retê-la ao invés. As pestes podem ser por demais poderosas para serem exterminadas; poderão destruir a safra quando a colheita for vista. Mas o homem não deve, mesmo quando um desastre desses o atingir, entrar em colapso como se tivesse perdido tudo.

Se alguém não receber chuva a tempo para sua safra, poderá se aventurar a voar nas nuvens e espalhar produtos químicos para induzir as chuvas, por meios artificiais. Mas, qual a garantia de que a chuva assim produzida cairá na sua própria terra? Meios artificiais não podem afetar o humor dos deuses. Eles ajudam ou criam obstáculos de acordo com sua vontade. Quando todos os caminhos estão fechados e quando, enfim, alguém decide rezar a Deus por chuva, a maneira como a prece deve ser feita, a forma com que deve ser exposta, são problemas enfrentados pela pessoa. O desastre é evidente; o único refúgio é a prece: "Oh Senhor! A safra que cresce

no meu campo está fenecendo rapidamente devido à insuportável ausência de chuva. O canal não tem nem uma gota d'água para acalmar a sede dos homens e dos animais. Portanto, tenha dó de nós. Dê-nos chuva em abundância e, logo”.

Entretanto, surgem outros problemas. Por exemplo, um dos vizinhos organizou a celebração de um festival e como a chuva prejudicará o festival que planejou, causando grande inconveniência aos participantes, ele reza a Deus, de forma igualmente suplicante: “Oh Deus afaste as chuvas, até o fim desta celebração”.

Ambos suplicantes são intensos devotos de Deus: o que suplica por chuva e o que se opõe a ela. O que Deus deve fazer, sob tais condições? Qual das preces satisfazer? É claro, responder às preces saturadas de sinceridade é a característica do Divino. Quando as preces dos devotos se chocam, como Ele moldará Sua Graça? Deus é livre, Sua Vontade é Lei. Mas, Ele é limitado, de alguma forma, por Seu próprio amor e compaixão.

O monarca de um reino não pode satisfazer o desejo de todos os seus súditos. Ele não pode realizar todas as suas necessidades. Por quê? Ele é incapaz de realizar tudo o que deseja. Se tentar satisfazer todos os seus desejos, os súditos certamente se levantarão contra ele e o derubarão da sua posição de poder. Há sempre este perigo rondando ao seu redor. Por que, mesmo sendo tão poderoso, o monarca deve obedecer certas regras e honrar algumas limitações, estabelecidas para assegurar um governo justo. Elas podem ter sido estabelecidas pelo próprio monarca; mas, uma vez promulgadas, ele também fica limitado por elas e terá que honrá-las. Se ele as deixa de lado ou as transgride ou exagera, a consequência será o caos, pois os súditos também irão exercer sua liberdade de descartá-las ou passar por cima delas. *“Assim como é o Rei, assim serão os súditos.” “Yatha raja tatha praja.”*

O autor da lei deve obedecê-la. Ele não pode ficar alheio e afastar-se dela. O monarca deve manter sempre, como seu ideal, o bem-estar e felicidade de seus súditos. O bem-estar e felicidade deles são essenciais para o seu próprio bem-estar e felicidade. Eles estão estreitamente inter-relacionados.

Satisfazer os desejos corretos e dignos de seus súditos é o dever inescapável do monarca. É por esta razão que ele, para poder levar a cabo os seus deveres de modo eficaz e suave, delega tarefas a muitas autoridades subordinadas, ao invés de tratar ele mesmo de todos os assuntos relativos ao reinado e aos súditos.

Os dirigentes dos estados deste mundo tiveram que impor limitações e condições, disciplinas e deveres duros e restritivos para assegurar o bem-estar, a prosperidade e o progresso. Imaginem então quantas mais devem ser impostas pelo Senhor, que é responsável pelo todo o Cosmos! Para o funcionamento suave e seguro das várias facetas da Natureza, Ele deve prescrever regras infalíveis. Simplesmente contemplem quão numerosas e universais elas têm que ser! Elas afetam toda atividade e inatividade na natureza. Cada unidade deve ter (e tem) suas próprias e peculiares restrições e regulamentos. Cada uma é por si mesma parte do quadro mais amplo. Possui uma Chefia separada, com órgãos de governo coordenando deveres e responsabilidades e cooperando com outras.

As preces dos aflitos, por ajuda a tempo ou por orientação útil, são atendidas pelas unidades apropriadas apenas. Portanto, se por ignorância ou falta de cuidado, a súplica for dirigida à Chefia errada, o que ela poderá fazer? Apenas rejeitá-la, observando que ela não Lhe diz respeito e que foi erradamente endereçada. Portanto, as preces por benefícios e dádivas específicos devem ser dirigidas aos departamentos a que estão relacionadas. A divindade relacionada

com a chuva é Varuna. Portanto, as preces por chuva ou a respeito da chuva devem ser dirigidas a Ele, pois só Ele está autorizado a tratar disto. Igualmente Surya é o Chefe dos Reinos da Saúde e Esplendor. Ganapati é o Chefe do departamento que trata da prevenção das dificuldades que atrapalham as boas obras. Bhudevi é a deusa encarregada da vegetação. Os grãos e as plantas medicinais são apadrinhados por Chandra. Portanto, cada grupo de manifestações e expressões Divinas possui uma autoridade divina menor que é encarregada de supervisioná-lo e administrá-lo. Elas são chamadas de Divindades. Há Divindades supervisionando, guardando e guiando cada um dos sentidos do homem.

Pode-se questionar: “Deus é Uno. Por que, então, Ele mesmo não pode escutar e atender nossas preces?” Esta pergunta está baseada num erro; é um sinal de fé enfraquecida. É claro, há um só Deus. Mas, no governo do Cosmos há necessidade de diferentes campos de atividade para governar e administrar. Estes possuem divindades subordinadas. Se você me mandar uma carta e endereçá-la a outrem, ela chegará somente ao endereçado! Ela não será entregue à pessoa a quem você escreveu. Portanto, assim também, você deve dirigir-se à Divindade responsável pela aprovação ou negação do desejo que você tenha. Então, essa Divindade se interessará pelo seu problema e tomará providencias para solucioná-lo.

É essencial investigar as credenciais que se possui antes de formular a prece. Tal investigação revelará se seus pensamentos e resoluções, esperanças e desejos surgem da Fé firme ou não. Como testar e descobrir a verdade? As pessoas tomam um pedaço de ouro e riscam com ele uma linha numa lasca de pedra; então examinam o risco e avaliam a qualidade. O teste que revelará a qualidade de sua Fé é se você está praticando, sinceramente, as recomendações estabelecidas por Deus. Seus desejos e ações devem ser expressões

da Fé. Eles devem ter a santidade como seu núcleo. Devem estar tão cheios de amor e compaixão que atraem para si a Graça de Deus.

A atividade que emana de tal crença sagrada e fé é a meta da parte sobre o karma das escrituras védicas. É a raiz básica do progresso humano; é o próprio sopro da existência humana feliz; é o alimento que pode saciar o apetite do homem; é a água que sustenta sua vida e que estanca sua sede. A atividade ou karma é tão essencialmente ligada ao homem quanto sua necessidade de descobrir e realizar sua própria realidade. Portanto, o primeiro e incessante dever do homem é o de se engajar em atividades ensinadas nos Vedas, ou por eles aprovadas.

São três os tipos de atividades que chegam a Deus e obtêm Sua Graça. (1) a atividade não estimulada por desejo pessoal, (2) a atividade que emana do amor altruísta e (3) a prece oriunda de corações puros. Estes são os itens aos quais o Senhor presta atenção; eles atingem Deus diretamente. O restante é assunto das divindades que presidem as diferentes áreas. Portanto, as preces devem ser altruístas, saturadas de Amor e livres de “apego à dádiva que traria”.

A palavra Shashtra, que é freqüentemente utilizada para indicar textos das escrituras, significa “aquilo que comanda, ordena e dirige com autoridade”. “Antes de se alimentar, cozinhe bem o alimento; antes de semear as sementes, prepare o solo arando-o” — os Shastras não precisam conter tais ordens. Quem comanda e onde está estabelecida a ordem para que o bezerro recém-nascido procure alimento nas tetas da sua mãe, onde o leite já está estocado, para extinguir suas dores de fome? O nascimento ocorre acompanhado do sustento do ser que está nascendo.

De fato, o sustento está pronto primeiro e o nascimento do indivíduo a ser sustentado ocorre posteriormente. O alimento do indivíduo e seu padrão de vida dependem dos méritos ou deméritos acumulados em vidas passadas, enquanto o indivíduo lutava pelos

dois. Ele utiliza sua inteligência para superar os obstáculos e desenvolver as capacidades necessárias para ter sucesso nesta luta. Mas as orientações verdadeiramente valiosas para o progresso humano estão além da compreensão humana e até mesmo da capacidade de sua inteligência. Mesmo assim, as características de sua conduta e

comportamento, suas atitudes e aptidões estão delineadas nos Vedas e demarcadas nos Shastras. A atividade é tão essencial nas orientações védicas e dos Shastras como o é para humanos no nível mundano. Os eruditos devem compreender que as atividades recomendadas nas escrituras promovem os melhores interesses do homem aqui e conduzem à paz e harmonia no além.

Na arte da atividade benéfica, o objetivo do “serviço à humanidade” ocupa o principal lugar de destaque. É claro que o indivíduo que persegue o objetivo também é beneficiário, já que ele é parte da comunidade viva à qual serve. Ele é co-participante nessa magnífica aventura. Saber disso e estar consciente dessa verdade ao prestar o serviço são, por si mesmos, os mais elevados estímulos para servir. Hoje, ouvimos em todos os lugares, slogans como: “*Manava seva é Madhava seva*”, “*Loka seva é lokesha seva*”, “*Jana seva é Janardhana seva*”, “*Jiva seva é Deva seva*”³⁸ — cada um realçando a idéia de que o serviço prestado ao homem é adoração oferecida a Deus. Essa idéia é muito verdadeira e muito válida. Porém, o método de serviço não é bem entendido por muitos. O pedido de serviço à humanidade é ouvido e bem recebido; mas como e onde esse serviço deve ser praticado não é bem avaliado e decidido. Cada um segue sua própria tendência e impulso. O impulso mais poderoso é a valorização pessoal, que é

38. O Serviço ao Homem é Serviço ao Senhor”; “Servir ao Mundo é Servir ao Senhor do Mundo”; “Servir ao Ser Humano é Servir ao Protetor do Universo”; “Servir ao Indivíduo é Servir a Deus”.

camuflada como serviço. Em nome do “serviço”, não se promove nem a prosperidade mundana nem o progresso espiritual. Realiza-se mais destruição do que construção. Ajudar alguém, cooperar com o outro, compartilhar com as pessoas quando elas sofrem derrotas, doença ou abandono — tudo isso deve satisfazer não meramente ao indivíduo, mas também à harmonia e felicidade do mundo.

A organização do anseio para servir e as direções para onde estes anseios eram canalizados, prevaleceram, há eras, conforme estabelecido pelos sábios que eram nossos antepassados. Os antepassados acreditavam que a própria observância do dharma – dever, ação-correta, justiça... — pelo indivíduo contribuía para o bem-estar do mundo e podia ser avaliado como “serviço”. A larga marca circular da pata do elefante pode incluir e até obliterar o rastro de muitos animais. Assim também, a marca do dharma inclui o serviço à sociedade e à humanidade. Esta era a crença dos Sábios.

Os ideais elevados são inspirados pelo dharma. Os antepassados os embeberam junto com o leite de suas mães. Portanto, a sua prática do dharma era pura, elogiável e geradora do bem maior. Acreditava-se naqueles antigos tempos, que a alimentação festiva dos famintos, o fornecimento de casas para os sem-teto, a construção de templos, a escavação de tanques e poços, todos conduziam à felicidade do homem. Os homens bons que propagavam tais ideais eram descobertos e reunidos, patrocinados e mantidos; vilarejos inteiros eram demarcados para eles e um pedaço de terra cultivável era-lhes destinado para seu sustento. O fresco e confortante luar da fama destes líderes e guias dura até hoje, fornecendo inabaláveis exemplos de amor, compaixão e sabedoria a serviço da humanidade.

20. PROPÓSITO PRIMORDIAL

O primeiríssimo passo para garantir paz e harmonia à humanidade é que cada um siga o dharma ou código de conduta estabelecido na sua própria religião. Se alguém considera a sua fé e seus princípios essenciais como obrigatórios, poderá servir a si mesmo da melhor maneira e servir bem aos outros também. Dharma, neste contexto, significa ação conforme as tradições da cultura da terra. Em todas as facetas do dharma deste país, está imanente o ideal da paz e prosperidade mundiais.

“Atatho karma jijñasa”, “Agora, da investigação para a atividade” — assim começa a sindicância intelectual rumo aos mistérios do karma, que em nossas escrituras se estende a vastos campos. Por exemplo, doar em caridade, como um presente, é um tipo de karma muito apropriado. Mas devemos ficar atentos, pois o egoísmo pode poluí-lo e torná-lo impróprio. Está estabelecido que a caridade abundante agora garanta felicidade numa vida futura, de tal forma que as considerações desta vantagem para si próprio poderão levar os homens a um bom karma. Mesmo se muitos não vêm o futuro, pode ser dito que a maioria da caridade origina-se de motivos egoístas. Isto é um fato extremamente evidente.

As pessoas se orgulham por terem ajudado outras. Ficam ansiosas para serem elogiadas como benévolas e magnânimas. Esta atitude revela sua ignorância, ajñana; ela surge da inconsciência da realidade, maya. Nos Vedas e Shastras, os sábios ou rishis enquanto elaboravam a respeito dos pros e contras, enfatizavam a não-violência, a compaixão, o serviço ao mundo, a caridade etc. como virtudes a serem obtidas. O santo Vidyanaya as considerou como a própria essência da sabedoria indiana.

A sabedoria é a ambrosia preciosa colhida de todas as fontes do conhecimento e de todas as artes para sua obtenção. É a manteiga, doce, substanciosa, batida e recolhida dos Shastras. A sabedoria não é para ser definida como a capacidade de discernir e declarar: “isto é plano” ou “isto é redondo” ou “isto é um monte”, “isto é uma casa” ou “isto é um espinho”. Esta é a crença comum. Mas é somente conhecimento. A seguir, temos o que pode ser chamado de bom conhecimento (sujñana), quando o homem é capaz de diferenciar entre o certo e o errado ou o bom e o mau, quando ele pode descobrir: “esta atividade é para meu melhoramento e o dos outros”. Tanto jñana como sujñana estão confinados ao intelecto do homem. Há um estágio mais alto chamado de vijñana, quando o coração é transformado pela lealdade à verdade, à não violência e à compaixão. Tal pessoa pode compreender a si mesma, seu parentesco com o Cosmos e com o Criador do Cosmos. Ela vive de acordo com essa compreensão, sem dúvida ou desarmonia. Ajñana ou Ignorância gera pesar; vijñana gera alegria. Se alguém hesita em considerar alguma experiência como vijñana, permita-o examinar se ela é material ou espiritual, com o seguinte teste: “Isto me dá alegria sem mácula?”, e então a classifique como tal. A unidade de medida para avaliar vijñana é o dharma. Quanto mais dharma for posto em prática, mais nos estabelecemos em vijñana.

A ação por meio de vijñana é evidenciada pela paz e prosperidade da nação. O declínio do dharma revela o desaparecimento de vijñana. As Eras são diferenciadas com base na adesão ou aversão ao dharma. Quando o dharma, a justiça e a harmonia prevalecem plenamente e sem medo, é dito que caminha seguramente sobre terra em quatro pernas. O tempo em que é assim observado é também

chamado de Krita Yuga³⁹, a Era do Ouro. Quando a justiça e a harmonia prevalecem cada vez menos, as pessoas sentem que o dharma claudica no seu caminhar sobre três pernas! Os tempos que sofrem desta deficiência são chamados de Treta Yuga. Quando a justiça e a harmonia prevalecem somente em um quarto do que ocorre na Krita ou Sathya Yuga, o dharma deve arrastar-se sobre duas pernas. Esta é a Dvapara Yuga. Quando não há o devido respeito e ele é praticamente inexistente, o dharma fica sobre uma só perna, como se diz. Esta é a Kali Yuga, como nos diz as escrituras.

A sabedoria dos indianos (bharatiyas) é alimentada pelo dharma. Embora o pensamento Indiano assegure que “o mundo objetivo” é basicamente falso e nos ensine que nosso envolvimento com a vida e seus problemas é uma aventura ilusória incapaz de afetar nossa Realidade, os Shastras, que são as raízes deste pensamento, não nos recomendam descartar o dharma. Pois, para alcançar a Verdade Última e Suprema, o dharma é indispensável. Os quatro objetivos tradicionais do empreendimento humano (os purusharthas: dharma, artha, kama e moksha) são estabelecidos para satisfazer àqueles que vivem na crença de que o mundo objetivo é a “Verdade”.

39. Yuga: Era — A cosmogonia Hindu divide a criação em ciclos. O universo criado surge e desaparece num processo contínuo de criação e dissolução, uma espécie de pulsação. Este processo leva várias Eras ou Yugas. A primeira é a Krita ou Sathya Yuga, a Era de Ouro ou Era da Verdade, onde todo o Universo é permeado pela Virtude (pelo dharma). A seguinte é a Treta Yuga, na qual três quartos do Universo estão envoltos no dharma; segue-se a Dvapara Yuga, onde somente metade do Universo está permeado pelo dharma. Na Kali Yuga, finalmente, apenas ¼ do Universo é Virtude. Três quartos estão envoltos no vício. Esta Era é exatamente o momento atual.

Podemos notar que mesmo entre os quatro objetivos, o dharma foi colocado no primeiro e mais importante lugar. O estado a ser obtido pelas três primeiras realizações é moksha, que é mencionada por último. A pessoa que busca as riquezas e a realização de seus desejos, seguindo a senda estabelecida pelo dharma é a única que obtém a vitória. Este o caminho proporciona ao homem a mais elevada bem-aventurança.

Entretanto, se o Jivi ou o ser individualizado e limitado for capturado pela rede do desejo ou kama, os objetivos do dharma e da liberação – moksha, não entram na sua visão ou despertam qualquer interesse. Ele se delicia ao afundar e flutuar nas ondas dos prazeres materiais – artha e kama. Isto não é nada estranho em pessoas dessa natureza.

A procura por alimento, evitar o medo e desfrutar do sono e da preguiça – nestes, o homem e o animal estão igualmente ávidos e envolvidos. A procura por moksha e a observância do dharma – promovem o homem a um nível de existência mais elevado que o nível animal. Caso tal anseio esteja ausente, o homem não pode reivindicar sua qualidade de ser humano.

A Índia é aclamada por seu povo, bem como pelos povos de outros países, por sustentar o ideal de vijñana, a Mais Elevada Sabedoria. Aqui existe a fé de que Deus existe em todas as terras. Aqui há um constante esforço por discernir entre o que é dharma e o que não é dharma. Dá-se valor à Justiça e à Virtude. A compaixão para com os seres vivos e a não-violência são também tidas em alta estima, como guias para a conduta. Há esforços para distinguir a Verdade da Inverdade. Os templos ainda florescem e continuam repletos de vibrações espirituais. Existem em outros países muitas Casas de Deus construídas pelo homem tais como igrejas e mesquitas, mas elas não são tão antigas e permeadas, por tanto tempo e tão profundamente, pela Divindade.

Todas as religiões são uma só, declara esta terra de Bharat. Pode haver diferença no número e na natureza dos membros, mas a mensagem que cada uma traz é a mesma como todas as demais. Esta é a descoberta da Índia e seu anúncio à humanidade.

Para dirigir suas preces a Deus, uma pessoa tem como seu símbolo, uma pedra; outra tem um pedaço de metal; uma terceira utiliza a madeira, mas todas dão grande importância à prece e acreditam nos seus efeitos benéficos. Uma pessoa se volta para o leste, enquanto ora; outro considera o oeste como realmente sagrado. A prece de ambas se baseia nas mesmas necessidades e inadequações. Esta é a conclusão a que chegaram sábios e pensadores indianos. Cada fé possui suas próprias escrituras e doutrinas. Mas deve-se prestar atenção também às características especiais. Por exemplo, Deus é tão intimamente sentido como pertencente a cada um que as preces lhe são oferecidas, freqüentemente, no singular: “Você não pode fazer isto?” ou “Você não é capaz de me proteger?” ou “Você se tornou fraco da audição?” Este é um traço peculiar entre os indianos.

O que quer que uma pessoa sinta ou pense, ela se transforma na personificação daqueles sentimentos e pensamentos. Se ela estiver imersa na verdade de que é Deus, ela pode se tornar Divina. Todavia, se está imbuído na falsidade de que é o rei ou rainha da Terra, será considerada louca ou traiçoeira. Poderá até ter sua cabeça cortada por traição. Deus não a tratará como insana ou insubordinada. Todo ser é divino; este é o julgamento final da sabedoria de Bharat.

A lógica e a investigação intelectual só podem dar versões parciais da Verdade. Tudo na criação possui muitas facetas e muitos ângulos. A razão só pode observar a partir de um ângulo; só pode ver uma faceta. O intelecto que foi purificado e esclarecido por meio

das ações (karma) estabelecidas nos Vedas pode observar ambas as facetas. Sem passar pelo processo de purificação e esclarecimento, a razão pode trabalhar somente dentro dos limites do mundo materialista. Portanto, as conclusões que ela nos apresenta podem ser só parcialmente verdadeiras. Mas o intelecto, submetido aos processos de esclarecimento e aguçamento no modo védico, pode nos servir apresentando uma imagem da verdade plena do mundo objetivo. A maioria das outras crenças baseia-se nos princípios obtidos pela razão, não submetidas às disciplinas ensinadas pelos Vedas. Os indianos possuem os Shastras que iluminam muito além das fronteiras e limites do temporário e do temporal.

O universo é o macrocosmo; o ser individual é o microcosmo. O primeiro é o Brahmanda, o segundo é o pindanda. Mas, a verdade básica de ambos é Uma, a mesma. O Uno é independente e não relacionado a qualquer outro fato ou coisa. Quando Aquilo é realizado desta maneira, pode ser chamado de Brahman. Quando ele entra na consciência como o Universo, é chamado de parabrahman. A verdade básica do Universo é Atma. A verdade básica do indivíduo é também Atma. Tudo que parece como diferente do Atma é a região da “verdade aparente” ou mithya. Mithya implica numa condição que até a investigação parece real, mas que após investigada é conhecida como irreal. É somente uma aparência, este universo e sua suposta base — uma aparência causada por ignorância ou maya. O poder que nos ilude a acreditar que o cosmos criado é verdadeiro e real é também uma emanção vinda do Atma. Quando este poder opera e o Atma está envolto com ele, é chamado de Paramatma.

O Atma é bem-aventurança, Sat-chit-ananda, tratado como um composto inseparável. A ilusão — maya também é um composto dos

três gunas⁴⁰ ou modos ou qualidades naturais: tamásicos, rajásicos e sátvicos⁴¹. Eles se exprimem no desejo — iccha shakti, ação — kriya shakti e sabedoria — jñana shakti. A qualidade chamada tamas cria a aparência de diversidade, escondendo o básico UNO e Único. A qualidade chamada rajas explora a verdade e os prazeres da sabedoria. A qualidade chamada satva é um espelho límpido que dá uma imagem correta das coisas e eventos que ocorrem à sua frente. Ele reflete Parabrahman e revela Ishvara ou Deus. Deus assim manifestado se torna o Universo ou Jagat, criado por Sua Vontade. O Ishvara refletido não tem a capacidade de maya. Assim como a água límpida de um lago tem espuma e bolhas na superfície, a natureza essencial do Atma parece estar poluída pela aparência ilusória de maya e seu produto — o Jagat ou Universo, com seus variados Nomes e Formas. Quando os três modos de maya estão em equilíbrio e num estado de postura balanceada, o Universo é dito não-manifesto, avyakta. Isto é chamado de “estado-semente” já que todas as variações subseqüentes estão subjacentes e latentes nele. Quando tamas e rajas têm seu impacto, a Criação é causada e o Cosmos surge. Eles agitam os seres vivos para a atividade. A força da ilusão é condicionada pelos três modos, como e quando se exprimem e impõem sua influência sobre o restante. Quando satva predomina, é chamada de Atma-maya; quando rajas está ascendendo, torna-se avidya ou desconhecimento e quando tamas predomina, torna-se Tamásica ou Inércia. Quando o Atma é refletido no modo sátvico, a imagem torna-se Ishvara; quando é refletido em rajas, ela se torna Jiva ou Ser individual;

.....

40. As três qualidades básicas inerentes à toda a criação – tamas, rajas e satva.

41. Tamásicos: relativo a tamas (indolência, à preguiça); rajásicos: relativo a rajas (passional, agressivo, ativo) e sátvico: relativo a satva (puro, equilibrado).

e quando é refletido em *tamas*, ela se torna Matéria. É o molde, o *upadhi*, que causa a distinção entre *Ishvara* (o Senhor), *Jiva* (a Alma Individual) e *dravya* (matéria); quando não há *upadhi* ou molde ou “estojo”, todos estes são *Atma*. Já que o Universo é Deus, *Jiva* e Matéria, ele pode ser verdadeiramente descrito como o composto dos três modos. O Universo se manifestou para servir aos mais elevados interesses dos seres vivos e do homem, o mais inteligente de todos. Enquanto afirma-se que o *Atma* é refletido nos modos *sátvico*, *rajásico* e *tamásico*, produzindo impressões de *Ishvara*, do Indivíduo e da Matéria, deve-se enfatizar um ponto. O espelho que condiciona a imagem possui apenas uma capacidade limitada. Ele só pode refletir os objetos que estão à sua frente. Mas, quando o espelho é convexo ou côncavo na superfície, ou quando a sua superfície plana está suja ou coberta de poeira, a imagem sofrerá distorção ou será deficiente na precisão. Isto, todavia, não afeta o objeto; só a imagem fica distorcida ou desfigurada. Mas o próprio objeto é, geralmente, condenado com base no seu reflexo ou imagem.

Brahman também parece distorcido por causa de *maya* e *ajñana* (ignorância) e esta distorção, que é uma característica superposta, é considerada, erroneamente, como pertencente ao próprio *Brahman*! A imagem de *Parameshvara* (o Supremo Deus Absoluto) é também um reflexo no espelho de *maya*. Assim como o leite talha, *Brahman* transformou-se em *Jagat* ou Universo. Esta transformação é obra de *maya*. *Brahman* é o Mestre de *maya* e não seu subordinado. Ele libera o poder de *maya* e o dirige. Portanto, *Brahman* personificado, ou *Parameshvara*, é conhecido como Onipotente e Onisciente. O *Jiva*, *Ishvara* e *bhuta* (elementos ou matéria) – estes três contribuem para o progresso do indivíduo, cada um à sua maneira.

O Ishvara ou Senhor é a realização de todos os Desejos; todos os objetos de prazer no Universo emanam de Sua vontade e, portanto, Ele não tem qualquer desejo. Ele manifestou o Universo não para a realização de qualquer desejo Seu ou para preencher algum vácuo que tivesse, mas para o total benefício dos seres vivos. *“Na me partha asti kartavyam trishu lokeshu kinchana”* – *“Não há nenhum dever Me obrigando, Partha, nos três mundos”*, diz Krishna. Criação, Manifestação, ou Emanação é a Sua natureza. Portanto, a descrição – *“revelando na brincadeira” (lila vinodi)* é frequentemente atribuída a Ele. É Sua força de vontade que preenche todos os seres vivos com a Consciência e os ajuda a ficarem alertas e ativos. Ele concede a todos um a conseqüência do pensamento, palavra e ação, sendo, portanto, descrito como o *“Doador do fruto da Atividade”* – Karma phala-pradata. Sem a intercessão do Senhor, a atividade não pode resultar em conseqüência; e nem pode surgir a certeza de que um ato específico resultará em algo identificável. Além disto, os sábios declaram que o karma (atividade) é momentâneo. O pensamento surge e o ato é feito. O ato é seguido pelo fruto. Não é possível prever quando o fruto ficará disponível ou qual será sua natureza. Portanto, teremos que admitir que tudo isto depende do Comando do Senhor. O que não pode ser interpretado por nosso limitado intellecto deve ser atribuído ao Seu Comando.

Seja qual for o tamanho do intervalo e quantas vidas transcorram a pessoa não escapa da obrigação de sofrer as conseqüências de suas ações. Não há lugar para a investigação das origens do ato ou quando ele ocorreu, pois a pessoa teria que pesquisar desde o começo do próprio Tempo. Não se pode descobrir o início do Senhor, do Universo, do Ser Vivo, da Atividade e da Ignorância; eles estão todos

além do Início. Na Bhagavad Gita, Krishna declara: *“Gahana karmano gatih”* (A senda da ação é ilusoriamente sutil e difícil de descobrir). A pessoa confrontará com a conseqüência, mesmo após a passagem de muitas vidas. O Senhor é a eterna Testemunha, o Poder que preside a todo ato. Visto sob este ponto-de-vista, deve-se compreender que o Senhor e o Indivíduo estão inteiramente unidos. Na ausência de seres vivos, não haverá nenhum Senhor. Quando não há filhos, como a palavra “pai” pode ter significado? Portanto, pode-se dizer que o Senhor manifestou o Universo para prover os seres vivos com campos de atividade e para garantir a eles as conseqüências destas ações. Os cinco elementos servem ao mesmo propósito; eles também ajudam a constituir os veículos físicos da vida, de acordo com a qualidade e quantidade destas conseqüências. Há também regiões chamadas lokas — plano da existência, onde os seres que acumularam grande mérito ou recolheram pecados terríveis têm que permanecer no futuro. Estas não possuem nenhuma relação com as regiões ou corpos visíveis para nós.

O princípio-Vida e o princípio-Indivíduo significam a mesma coisa. Ambos indicam que surgiram da ausência da consciência da verdade, ou avidya. Isto novamente deve-se à escravidão aos gunas ou tendências. O Indivíduo é marcado pela presença de rajoguna ou o modo apaixonado com tendência ativa para o trabalho, embora também possua as sementes dos outros dois modos na sua formação. O Jagat, ou a própria Criação, tem sua origem quando a Verdade se recobriu de avidya ou Ilusão. Os modos se manifestaram naquele exato momento e indivíduos se diferenciaram de acordo com o domínio de um ou outro dos três modos principais, causados pelo efeito total dos karmas acumulados, vida após vida. Quando ele é dotado mais com o modo sátvico, ele se torna um Bhagavata, in-

spirado pela devoção ao Senhor e engajado principalmente na adoração e no louvor à Divina Glória. O predomínio das características rajásicas torna-o um homem forte e inteligente, contente por ser um homem sem aspirações mais elevadas à Divindade. Caso ele seja presidido pelo guna tamásico, ele se torna mais preso ao corpo e às suas necessidades, como os pássaros e os animais selvagens.

O Jivi (Ser vivo), por causa de um intelecto enredado nas malhas da ilusão, imagina que é um “efeito” e, portanto, preso a alguma “causa”. Esta inconsciência da Verdade precisa ser conquistada por Atmavidya — a suprema forma do conhecimento espiritual — que estimula esta aventura e garante o sucesso. Ele destruirá a distinção, na qual agora acredita, entre Jiva e Jagat (o sujeito e o objeto, o homem e o Cosmos). Para ajudar o homem neste duelo heróico e torná-lo consciente da Verdade, os Vedas indicam karmas ou atividades favoráveis, no que é chamado Karmakanda. Enquanto alguém estiver preso em avidya, homem e cosmos, os mundos mais elevados e baixos, dharma e adharma, karma, bhakti e jñana⁴² — estes conceitos terão que ser respeitados e a vida moldada de acordo. Enquanto houver alguém convencido da validade da “diversidade” aparente no Universo, agirá de acordo com os limites estabelecidos pelo Deus personalizado, Ishvara.

O Universo é para cada Jivi, fundamentalmente, a sua própria imagem mental e nada mais. Portanto, a não ser que a pessoa desenrede a mente e seus processos, será difícil compreender o princípio de Brahma. Aqueles que não compreenderam a verdadeira natureza do céu o confundirão com um domo de fumaça e pó. Assim também, o Atma é confundido, devido à inconsciência da realidade, como en-

42. Respectivamente: retidão, ação incorreta, ação, devoção e conhecimento espiritual

capsulado e encarnado como intelecto ou buddhi, como envolvido na atividade e nos prazeres resultantes dela, preso pelas duas cadeias da alegria e da tristeza e como enredado na felicidade e miséria e também na escravidão e na libertação. Do ângulo da mudança (vya-vahara), a Verdade mais elevada vai naturalmente aparecer como diferente, embora estejam insolúvelmente inter-relacionadas. O Espaço é um. Mas, como resultado da diversidade de invólucros, ele parece estar envolvido pela casa, o vaso, o prédio e a tela de pintura. Não há verdade nesta existência seccionada; é o espaço Uno que existe em todos estes “recipientes” – casas, lagos, montes etc. – que são formatos e formas com nomes distintos associados a eles e diferentes modos de comportamento e utilização. Assim também, seres individuais – Jivas, possuem nomes e formas diferentes, peculiaridades e especializações de uso e de comportamento; mas, como o fio que segura as contas (do colar), passando por dentro e através de cada uma delas e segurando-as unidas e juntas, a Super-Consciência em todos os indivíduos é UNA.

Aquilo é o Atma, que é confundido com o Eu, devido à ignorância. Enquanto esta verdade não for obtida, o homem não poderá libertar-se do jugo da multiplicidade e da mudança. As escrituras nos comunicam esta Realidade e nos exortam a compreendê-la. O que é que, se for conhecido, tudo o mais será conhecido? Quando o Atma é conhecido, declaram as escrituras (Shruti), tudo será conhecido. O Cosmos (Jagat) é só relativamente real; ele é parcialmente falso. Conhecê-lo não traz lucros e é desnecessário. Não é um propósito legítimo da Vida. A vida é melhor vivida e o esforço humano é melhor dirigido quando se busca alcançar a consciência do princípio Átmico. A Shruti adverte o homem contra as outras buscas fúteis. Os

textos Shrutis e outras literaturas sagradas como as Smritis, os Itihasas e os Puranas não ensinam, em nenhum lugar, como o Cosmos foi criado ou recomendam-nos estudar e compreender as origens e processo. Eles não declaram que a ausência desse conhecimento seja uma calamidade; e até asseguram que a tarefa é impossível.

“Por que se preocupar como o Cosmos nasceu ou quando ele morrerá? Preocupe-se, ao invés, consigo mesmo”. Esta é a lição enfatizada pelas escrituras. “Conhece-te a ti mesmo.” Uma vez se conhecendo, todo o resto será automaticamente claro. Você é um pindanda (universo físico composto dos elementos) no brahmanda, um microcosmo no macrocosmo. Assim como o conhecimento de um único jarro de argila é suficiente para saber tudo a respeito de todos os jarros de argila, quando você conhece o seu ser, tudo o mais é conhecido.

Para convencer uma criança a parar de chorar e voltar à alegria, a ama conta uma história de fadas que a agrada. Seu único propósito é acalmar a criança; a história de fadas é só um meio moldado ao seu nível intelectual. Da mesma forma, o Jivi, fascinado pela atração sem começo da ilusão e preso pelas tendências cultivadas em muitas vidas no passado, não pode evitar indagar a respeito das origens do Universo em que se encontra. A Shruti responde a essa indagação com palavras que dão alívio temporário. Pois a pergunta “como foi o Universo criado?” é seguida por outra pergunta — “como um sonho é criado?” O sonho origina-se do sono ou nidra; o Universo origina-se da ilusão ou maya. Assim como o sonho não tem ordem ou lei, o Universo também está cheio de mistério e ilusão. Há somente o UNO, não dois como freqüentemente ocorre num sonho. Esta é a doutrina Não-dualista — Advaita. Muito semelhante à pergunta sobre a origem da criação, outro problema que geralmente preocupa o

homem é: como esta ignorância ocorreu? A solução foi dada pelo sábio e preceptor Vashishta, a Sri Ramachandra. “Rama!”, ele disse, “Ao invés de se enredar na investigação de como a ignorância penetrou no Homem, eu o estimularia a engajar-se em esforços para se descartar dela”. Esta lição é dirigida não somente a Rama, mas a toda humanidade. Ela ajuda a todos que não possuem a compreensão da Verdade subjacente ao mundo objetivo. Ajñana ou Ignorância é o nome dado ao fato de se ignorar o que é a própria experiência interior – que o universo é um fenômeno em permanente mutação.

Por que, então, nos preocupar com tal questão? Convença-se de que você possui esta ignorância, abandone a luta para se livrar do apego a este mundo mutável, com seu concomitante ciclo de nascimento e morte. É só outra evidência desta ignorância argumentar se esta ignorância adere a Brahman ou emana do Jivi. Certamente é muito mais essencial concentrar-se nos métodos através dos quais a ignorância pode ser descartada. Pois, certamente, ela se renderá o conhecimento divino ou jñana. Conhecimento divino é Luz; ignorância é escuridão. A escuridão só persiste até que brilhe a Luz.



21. O QUESTIONAMENTO ÍNTIMO

“Tudo isto desaparecerá e perderá individualidade com o surgimento de jñana, a Mais Elevada Sabedoria” disse o sábio Vashishta a Rama. “Rama!”, ele aconselhou, “você deve compreender como este desconhecimento evoluiu e os meios pelos quais ele pode ser destruído”.

Há um mistério escondido neste conselho. Séculos de investigações falharam em descobrir o segredo — de onde se originou o Cosmos? Como ele surgiu? Se ele tivesse uma Causa Pessoal, a investigação poderia ter sido bem sucedida. O Cosmo não é um tal objeto. As questões: “Como surgiu?” “De onde se originou?” são semelhantes às: “Como a ‘serpente’ apareceu na ‘corda’ e causou ‘terror’”? Só a corda existe; a serpente foi colocada nela, no crepúsculo, pelo intelecto defeituoso do espectador. Quer dizer, por causa da ilusão criada pelo raciocínio. Em outras palavras, a ignorância é a base da incompreensão.

Brahman é a “corda”; jagat é a “serpente” sobreposta nela pela razão afligida pela ilusão. Conhecemos Brahman como Cosmos; tomamos uma coisa pela outra, enquanto esta aflição nos domina. Portanto, é melhor concluir que o Cosmos é um objeto originado em nosso próprio intelecto (buddhi) e surgido da mesma faculdade defeituosa. Um objeto nascido de tal ilusão e confirmado somente por um intelecto sem firmeza, nunca será verdadeiro. Quando a ilusão vai embora, quando a enfermidade desaparece, o Cosmo assim causado, também desaparece.

“Eu sou ignorante”. “Aham Ajñah”. Todos devem reconhecer em si este fato a seu respeito. Não se pode escapar de se fazer esta declaração sobre si mesmo. A conclusão apresentada em todos os textos e escrituras sagradas é que tudo isto é Brahman. Pondo isto de lado,

se o indivíduo ainda postula que é o “Eu, estará declarando que não passa de um ajanani, ou ignorante”.

Pode surgir uma dúvida: se é possível esquecer de si e acreditar que se é algo diferente. Já vimos que a aceitação de mithya (falso) é o sinal da pessoa ignorante. No crepúsculo, a falsidade sobrepõe a Verdade; a serpente é visualizada na corda estendida na rua. A ilusão afeta a consciência e deforma intelecto — buddhi, de tal forma que eles esquecem sua verdadeira natureza que é bem-aventurança, ou extático deleite. Eles se impõem as limitações da individualidade e se consideram Jivas. Acolhem bem a crença de que a felicidade está fora deles, no mundo objetivo, e se enredam em samsara, o mundo em movimento, mutável e inquieto. Sofrem os duplos impactos do destino e da sorte. Tais pessoas são ensinadas pelas Shruti, pelos Vedas e textos sagrados, a transformarem suas vidas através do esforço consistente por conhecer e realizar o Atma.

Os protagonistas de Advaita (Não-dualista) não estão engajados em provar que há algo chamado ignorância ou ajñana. “Eu não sou feliz; não tenho alegria. Eu quero isto. Devo alcançar aquilo” — tais anseios constituem o Indivíduo ou o Jivi. Esta atitude é o âmagô da Ignorância. Portanto, se você procura destruir a ignorância que separa e ridiculariza, transforme tal atitude e cultive a convicção de que, “Eu sou a personificação da felicidade, eu sou o Uno que realizou o Desejo”. A pessoa com a atitude anterior possui jivatva buddhi, conhecimento individualizado, e aquela com o conhecimento posterior, possui jñana ou Sabedoria Universalizada. Suportando o fardo de problemas inexistentes, levantando poeira na confusão, preso, de forma inexorável à roda do nascimento e morte, o homem se amaldiçoa em desespero. Os textos Advaitas surgiram para alertar

o homem contra esta ignorância (ajñana) e brotar nele a sabedoria (jñana) que pode salvá-lo da miséria e do erro. Verdadeiramente falando, somos ignorantes, enquanto sentirmos que estamos presos. De fato, não fomos criados, não somos limitados ou cerceados ou restringidos. A fé que se enraizou, isto é: *“Existe um Cosmos que me encerra junto com outros buscadores da felicidade. Nessa busca encontro alegria e tristeza e encontro o nascimento e a morte”* – esta é a ignorância (ajñana) fundamental.

“Tornamo-nos os nossos pensamentos”. Estes pensamentos na validade no mundo objetivo e no valor das alegrias derivadas dele, embora emanem da ignorância (ajñana), tomam forma no interior. A razão pela qual somos aprisionados neste molde estão na ausência de quatro requisitos: (1) atenção ao ganho adhyátmico (progresso espiritual); (2) fé firme e constante; (3) devoção e (4) a Graça de Deus. Se somente um desses estiver ausente, o homem não poderá experimentar a mais elevada bem-aventurança do Absoluto.

Nossa busca não deve se direcionar para o óbvio e o superficial. Esta linha de indagação somente nos confundirá na crença do que não é o Cosmos. Ela nos fará esquecer de que foi a nossa mente que gerou este panorama de proporções cósmicas e o apresentou a nós como a Verdade.

É realmente estranho que o imenso Cosmos depende, em última instância, de “eu” o reconhecer como tal ou não! *“Se você sente que ele está lá, lá ele está. Se sente que não está lá, ele não está!”* Isto significa que devemos ir fundo neste processo da mente do homem. Haverá ocasião em que nossa afirmativa conduz à existência de algo e a nossa negação resulta no seu desaparecimento? Ou essa conclusão é uma invenção da nossa imaginação?

Investigar nestes termos certamente revelará a Verdade. Quando a corda é vista na penumbra, por erro ou ignorância, a serpente aparece no seu lugar, retirando a verdade da corda. Por alguma razão, quando a verdade é conhecida e a testemunha sente: "Isto não é uma serpente; é uma corda", a serpente desaparece, pois era mera falsidade. Assim, o sentimento ou o pensamento são capazes de criar a serpente e também de destruí-la. A afirmação cria, a negação destrói. Ambos são processos mentais que podem ser classificados como "pensamentos".

Embora existam diversos níveis e graus, tudo isso não passa de pensamentos. De onde eles emergem? São livres para emergir espontaneamente? Para esta pergunta a resposta é: "Buddhi karma anusarini" (Nosso intelecto segue a condução de nossas atividades). Os pensamentos surgem em conformidade com os apegos que a pessoa desenvolve e com os resultados que ela antecipa das ações. O primeiro motivo para uma ação é: "devo conseguir felicidade e harmonia". Este motivo surge da suposição ignorante de que o mundo é real.

Educação sem sabedoria, mera sabedoria sem discernimento, ação sem discricção, erudição sem sagacidade, poder não justificado por credenciais, frases não baseadas na verdade, música sem melodia, adoração sem devoção, uma pessoa sem bom senso e caráter, um aluno sem humildade e um discurso que não inspira: todos, não têm um propósito útil.

Além do conhecimento advindo dos textos sagrados, deve-se obter a sabedoria através da experiência. O conhecimento sem a experiência pessoal é fútil. A sabedoria dentro de nós não terá validade se for estática. Assumirá apenas a forma de mera escolaridade. Se este aprendizado for trazido para o âmbito da prática, será meritório. Adquirir e acumular riquezas não terão validade se não forem consagradas e empregadas para o bem estar do mundo. Da mesma

maneira, a mera aquisição de conhecimento através dos livros é um exercício fútil. O conhecimento torna-se abençoado somente quando é traduzido em ações que promovem o bem da humanidade. Esta tradução do conhecimento em experiência é possível somente quando passa pelos três estágios de: conhecimento (jñatum), visualização (drashtum) e apreensão (praveshtum).

Em primeiro lugar é preciso aprender sobre as preciosas verdades contidas nos textos sagrados escritos pelos veteranos deste campo. Quando vocês aprendem sobre elas, naturalmente se interessam por elas. Depois, desenvolvem um anseio por visualizar essas verdades, a qualquer custo. Este é o primeiro estágio, do Conhecimento.

No segundo estágio, vocês cuidadosamente estudam, examinam e reúnem os textos sagrados onde quer que estejam disponíveis. Vocês os lêem e os visualizam diretamente. Com grande perseverança inquiram, apreendem e desfrutam deles. Então obtém alguma satisfação por terem discernido algumas verdades profundas. Este é o segundo estágio, da Visualização.

Não é suficiente progredir nos dois primeiros estágios. Vocês precisam viver o que foi conhecido e lido. Ao entrarem na arena da experiência, devem sentir uma identificação completa com o Ideal. Se alguém se deita após ingerir alimentos, terá uma indigestão. Contudo, se o consumo diário for da quantidade necessária de alimentos e houver algum trabalho físico, eles serão digeridos e convertidos em sangue, proporcionando a nutrição. Da mesma maneira, devemos traduzir em experiência e ação tudo que aprendemos e lemos, assimilando e utilizando isto para o progresso de nosso país e também para o bem estar da humanidade.

É fácil memorizar passagens dos livros e dar palestras. O conhecimento adquirido através da leitura de livros é um conhecimento

livresco. É um tipo muito comum de conhecimento. O que foi ouvido, lido e compreendido deve ser colocado em prática, pelo menos em alguma extensão. Este é o estágio da apreensão.

A antiga tradição sagrada contém várias verdades preciosas. Gemas valiosas estão escondidas nelas. Várias teorias científicas relativas ao átomo também podem ser encontradas ali. Os alunos deveriam procurar desvendar essas verdades escondidas e cultivá-las, num esforço pelo bem estar da humanidade. Deve haver neles uma urgência e determinação para explorar verdades não reveladas. Eles não devem repousar contentes por proferirem palestras e participarem em fóruns.

Somente aqueles que possuem um genuíno espírito de investigação podem disseminar o verdadeiro conhecimento no mundo. Mero conhecimento superficial não tem validade alguma. Não há conhecimento que supere o conhecimento derivado da experiência direta. Ele deve ser adquirido através do esforço pessoal, iniciativa, determinação e perseverança. Deve ser utilizado para o desenvolvimento tecnológico e aumento da produção, que fazem o progresso do país.

É preciso obter sabedoria através da experiência, porém é igualmente essencial desenvolver a faculdade do discernimento que nos possibilita empregá-la para o bem estar do país. Educação sem discriminação e sabedoria sem discernimento são inúteis. A educação é uma coisa, o discernimento é bem outra. Ele é a faculdade que nos possibilita distinguir o bem do mal e nos confere a capacidade de decidir a importância dos vários aspectos, nas diferentes situações. O discernimento é um dos componentes da Sabedoria. Sem ela não se pode seguir o caminho correto. É um sinal de sagacidade agir com discernimento em todos os atos. Através das pesquisas da energia atômica pode-se inventar armas destruidoras que reduzem

o mundo inteiro a pó, num segundo. A mesma energia atômica nos ajudar a gerar milhões de quilowatts de energia elétrica que podem ser utilizados nas indústrias e na agricultura, transformando o país num jardim feliz. Uma pessoa educada deve agir com discernimento nesses assuntos e seguir o curso da ação correta. As descobertas e invenções humanas não devem visar o mal, que leva ao desastre e à destruição. O discernimento nos guia no uso apropriado para aumentar a produção e promover o bem estar da humanidade.

Um homem dotado de sabedoria e discernimento será honrado e venerado, mesmo que não possua riqueza ou posição social. Uma pessoa sem sabedoria e discernimento nunca florescerá espiritualmente, mesmo que seja um eminente educador, um proeminente cientista ou um multimilionário. Uma pessoa sem sabedoria e discernimento não consegue sequer distinguir entre dharma e adharma⁴³. Portanto, todo aluno deve adquirir sabedoria e discernimento, sem descansar sobre suas conquistas após obter o conhecimento teórico. Deverá desenvolver uma visão de longo alcance junto com a sabedoria e utilizá-los para elevar a sociedade.

Além de sabedoria, discernimento e experiência, deve-se possuir um inspirador bom senso. Ele não pode ser adquirido nos livros. Para obtê-lo é preciso viajar extensamente. Foi com este propósito que nossos ancestrais partiam em peregrinação para ver, falar e tocar os pés dos homens sagrados nos locais sagrados. Viam também muitos cenários e objetos neste diversificado universo de Deus e retiravam dele muitas lições valiosas. Existem muitos objetos na natureza que ensinam valiosas lições que conferem sabedoria. O desenvolvimen-

43. Adharma é o oposto de dharma. Pensamentos, palavras e obras que transgridem a lei Divina.

to do bom senso consiste na compreensão da origem e natureza destes objetos.

É preciso apreender o significado da história, da cultura e da civilização para propagá-los. Aquele que pretende propagá-los precisa, em primeiro lugar, compreender a natureza da alma. Neste mundo existem vários ramos de aprendizado como física, música, literatura, arte e matemática. Entre todas essas formas de conhecimento, o soberano é o auto-conhecimento. Sem ele não é possível desfrutar nenhuma paz. Embora o homem possa obter renome e reconhecimento no mundo, não experimentará a felicidade sem Auto-conhecimento, “Conhecimento da Alma”, “Conhecimento de Deus” e “Conhecimento Espiritual” – todas essas expressões significam que a sabedoria promove a consciência plena da alma e de Deus. Auto-conhecimento é o conhecimento que se adquire de que todo o restante já é conhecido. Uma pessoa com auto-conhecimento pode realmente ser aclamada como conhecedora de tudo.

O aprendizado secular não nos confere a paz instalada e absoluta. Somente o auto-conhecimento nos ajudar a atravessar o mar de tristezas. Por isso todos devem lutar para atingir este auto-conhecimento, que pode se adquirido através da pureza da mente. A pureza da mente é atingida através de atos piedosos, de atos sagrados, da caridade, da compaixão e da devoção. A ação desinteressada consagrada a Deus purifica o coração. O Sol da Sabedoria nasce num coração puro. O nascer desta sabedoria enaltece o homem à posição de Deus.

O esforço humano constitui o primeiro passo no empreendimento para o homem atingir o estado mais elevado da Divindade. A graça de Deus é o segundo fator essencial. Qualquer um pode lutar para atingir o auto-conhecimento. Homens e mulheres, ricos e pobres, todos são

elegíveis para abrigar em si próprios a chama da sabedoria espiritual. As distinções de raça e religião, casta e credo não atrapalham em nada. Não importa se não se possui educação secular, nenhuma base nas ciências físicas ou não se é versado na tradição do mundo. No mundo atual não é fácil obter-se o auto-conhecimento. Mas isso não significa que deve-se desistir por frustração ou desespero.

Algumas pessoas buscam incansavelmente, o conhecimento espiritual no aprendizado secular. Isto não é desejável. Elas perdem ambos e vagueiam, perdidas, entre os dois. Esta situação desagradável não é desejável. O aprendizado secular não deve ser negligenciado. É aconselhável adquirir-se a visão espiritual enquanto se busca a mestria na tradição secular. Por isso, a juventude deve, necessariamente, passar algum tempo, todos os dias, meditando em Deus.

Os jovens devem ir para a esfera da ação e lutar, no melhor da sua habilidade, para construir uma nova Índia e um mundo feliz e pacífico. Devem repelir o desejo por dinheiro. O desejo de acabar com a corrupção e a imoralidade e o anseio por trabalhar duro devem ser firmemente implantados no coração de todo aluno. O futuro da Mãe Índia depende deles, e ela os está aguardando. Mesmo sendo dever dos filhos servir e agradecer sua mãe, é um dever obrigatório de todo filho da Mãe Índia fazê-la feliz. Servir à Mãe Pátria altruisticamente deve ser o ideal sagrado da vida de todos. Por isso, é dever de todos os indianos se engajar no serviço dedicado à Mãe Índia. Essa nossa obrigação pode mesmo ser descrita como uma parte da nobreza de caráter do indivíduo com sua Mãe Pátria (desa niti). Portanto, todo aluno deve inculcar em si uma perspectiva mais ampla de unidade e integridade nacionais. Uma pessoa sem caráter não pode elevar a si mesma e nem ser útil ao país.

O sacrifício é também um aspecto do caráter. É uma das qualidades que os jovens devem embeber. Pensa-se com frequência que os atos de caridade e filantrópicos são um sacrifício. Entretanto, há uma vasta diferença entre caridade e sacrifício. Pessoas caridosas dão apenas uma fração de sua riqueza para os outros. Doar terras, distribuir alimentos, contribuir com trabalho físico e disseminar educação e conhecimento pertencem a esta categoria. Nenhum homem abre mão de tudo o que possui através de atos de caridade. Não se é amaldiçoado a nascer na penúria se não realizar atos de caridade. Subindo mais um degrau, alguns retêm para si o que é necessário e dão o restante para a sociedade. Estas pessoas ganham a mais elevada aclamação do mundo. Nossos textos sagrados prescrevem que uma parte das posses deve ser oferecida aos pobres e desamparados. Negligenciando esta injunção, as pessoas não devem acumular milhões de rúpias de forma egoísta, insensível e injusta como sovinas rabugentas. Tais miseráveis tornar-se-ão vítimas do desastre e degradação, cedo ou tarde. É inevitável.

A riqueza acumulada através de meios injustos é resultado da exploração do sangue dos pobres. Jovens adultos não devem ser escravos desta existência injusta adotando a exploração como meio de vida. Mesmo Deus não perdoará estas vidas extorsivas. Aquele que empilha riqueza sem aproveitá-la ou dá-la a outros será amaldiçoado após a morte. Sua descendência também será amaldiçoada.

Há quatro herdeiros da riqueza acumulada. O primeiro é a Caridade; o segundo, o rei; o fogo é o terceiro herdeiro e o ladrão, o quarto. O primeiro clamor é o da Caridade e a maior fatia vai para ela. Os estudantes devem reconhecer o profundo significado desta verdade e utilizar a riqueza que obtém para o bem-estar da humanidade.

Sacrifício é o passo mais elevado. Aquele que possui o verdadeiro espírito do sacrifício dá a outros sem qualquer hesitação ou reservas, sorrindo e contente, até mesmo a sua mais querida e valiosa posse. Entregar o fruto da ação ao Senhor é sacrifício verdadeiro. Um tyagi (renunciante) não se recusa até mesmo a entregar seu corpo, considerando-o como palha barata. Sacrifício significa algo mais que abandonar riqueza, ouro e objetos materiais. As qualidades negativas como o ódio, a inveja, a fúria e a malícia que se arraigaram no homem ao longo de muitas vidas devem ser abandonadas. Não há felicidade maior do que a obtida através do sacrifício. Só os que sacrificam são os filhos da imortalidade porque vivem para sempre.

Quando estudamos nossos épicos e lendas, encontramos numerosas figuras que personificam tal espírito de sacrifício. Imperadores como Sibi e Bali, heróis como Dadhichi e Karna pertencem àquela ilustre estirpe. Precisamos hoje de pessoas animadas pelo espírito de sacrifício entre os líderes políticos e os estudantes. Elas devem abandonar o egoísmo, esmagar o ego, desencorajar o desejo pelo poder, colocar um fim à estreiteza de mente, e jurar se dedicarem à justiça e à promoção do bem-estar da sociedade.

Infelizmente, as palavras estão perdendo seu significado. Sacrifício, justiça, retidão e serviço perderam seu significado e degeneraram em comércio. O egoísmo aumentou e dança como um demônio destrutivo entre os estudantes, políticos e educadores. O clamor pelo poder e o desejo por uma posição são marcantes na mente do homem. Nosso país, antes celebrado como a terra do sacrifício, do empreendimento dedicado e da penitência, degenerou num verdadeiro parque de diversões para alegrias efêmeras. E esta é a razão para as muitas aflições e doenças do país.

Este estado de coisas deve ter um fim para que haja uma mudança para melhor. Então nossa história se repetirá e nossa glória anterior reviverá. Milhares de abnegados espíritos devem surgir em seu meio. Todo jovem indiano deve se enriquecer, mais uma vez, pelo espírito do sacrifício.

O sacrifício é mais doce que o prazer. Ele deve se tornar a meta da vida. Somente pelo sacrifício a paz pode ser obtida. As tristezas não nos abandonam enquanto a mente não estiver em paz consigo mesma. As agonias permanecem para sempre dentro de nós. Sem a tranqüilidade da alma, nenhuma quantia de riqueza terá qualquer utilidade para nós. Entregar os frutos da ação com uma mente desapaixonada merece o nome de sacrifício. Só a pureza da mente lhe confere tranqüilidade. As Upanishads proclamam, em tonitruante voz, que só o sacrifício conduz à imortalidade. O sacrifício é a principal característica dos puros. Portanto, todo estudante deve se embeber e demonstrar o espírito de sacrifício em sua vida. Ele não deve se tornar uma vítima da doença do prazer.

Infelizmente, há uma opinião largamente disseminada e circulando livremente de que a educação é necessária para obter emprego e não para a expansão da iluminação. Isto é deplorável. Sabedoria é iluminação. A meta da educação é irradiar esta luz da sabedoria. Ela concede ao homem o verdadeiro poder. A sabedoria nos permite reconhecer a relação mútua entre objetos e indivíduos e conhecer os precedentes e antecedentes de cada um.

Como esta iluminação penetra no ser do homem? Ao ouvir e se aprofundar nos grandes livros como os Vedas, Vedanta, as Upani-

shads, o Alcorão⁴⁴, o Granth Sahib⁴⁵, as biografias de almas nobres, os livros que tratam das ciências físicas e tecnológicas e da psicologia a pessoa obtém esta luz. Junto com a sabedoria, a visão discriminatória e o pensamento lógico podem também ser obtidos com sua leitura. Não se deve depender inteiramente do conhecimento derivado dos textos sagrados, mas da sabedoria que surge da experiência.

A forma e o conteúdo da educação devem mudar. O professor Gunnar Myrdal da Universidade de Estocolmo que visitou Délhi em 1972, disse: “O sistema educacional da Índia não conduz ao progresso. Ele promove a mentalidade de que não devemos sujar nossas mãos”. Todos os Indianos, especialmente os estudantes, devem recapitular estas palavras. Esta observação ressalta a tendência de nossos estudantes de levar vidas confortáveis sob ventiladores elétricos, de descansar em ambientes com ar condicionado, de evitar o trabalho manual e sua tensão e esforço, suor e sujeira, sem sequer amassar um vinco de suas roupas bem passadas.

Esta atitude está a longa distância dos ideais de obediência e humildade instilados pela educação. Os estudantes devem fornecer às pessoas à sua volta na sociedade as idéias sagradas que absorveram. Eles devem se espalhar como filhotes de tigre nos vilarejos e limpá-los de todos os tipos de poluição. Devem ensinar e treinar os residentes analfabetos dos vilarejos a viverem decentemente e com dignidade. Os estudantes devem procurar caminhar junto com os habitantes dos vilarejos e conduzi-los à frente. Os estudantes de hoje devem apresentar ao mundo ideais elevados de vida, por meio de suas vidas exemplares.

44. Livro sagrado da religião do islamismo

45. Escritura sagrada dos sikhis

22. VERDADES ETERNAS

Os Vedas são a Mãe de todos os Shastras. Eles emanaram do Próprio Deus como inalação e exalação. Os grandes sábios, que eram as personificações do tesouro obtido por longas práticas ascéticas, receberam os Vedas como uma série de sons e o disseminaram por todo o mundo através da palavra oral, de preceptor para aluno. Como foram “ouvidos” e preservados por gerações, são conhecidos como Shruti: “aquilo que foi ouvido ou escutado”. Os Vedas são intermináveis. Quem os compôs? Até hoje não foi possível saber seus nomes. Aqueles que o recitaram talvez não tivessem nenhum anseio por fama, pois seus nomes não foram mencionados em nenhum lugar deles. Talvez não dessem nenhuma importância a seus nomes, ou clãs ou seitas, ou é como se não tivessem família, parente ou clã. Quem quer que seja ou sejam, os sábios estavam certos de que eram mestres de todo o conhecimento, pois o senso de igualdade e equanimidade encontrado nos Vedas é uma qualidade inata encontrada somente em pessoas sábias. Portanto, é muito apropriado inferir que os Vedas foram dados ao mundo só por pessoas dotadas de todos os poderes.

A palavra “Veda” originou-se da raiz “Vid”, significando “saber”: “Vidam tu anena iti vedah” (Aquilo que revela e torna claro todo o conhecimento é Veda). Os Vedas não podem ser dominados nem por um intelecto limitado nem por uma experiência limitada. Os Vedas sagrados instruem em tudo que alguém precisa para seu avanço espiritual. Ele instrui sobre os meios e métodos para suplantar todas as tristezas e pesares. Ensina todas as disciplinas espirituais que podem dar paz inabalável. Ninguém compreendeu corretamente o começo dos Vedas ou o seu fim. Portanto, ele é chamado de anadi

(sem começo) e de sanathana (eterno). Já que o primeiro e o último dos Vedas não é conhecido, ele é nitya, de duração eterna. A inteligência dos humanos é maculada, mas como os Vedas não possuem qualquer traço de mácula, conclui-se que ele não pode ser um produto humano. Portanto, os Vedas são também caracterizados como impessoal (apourusheya).

Os Vedas são sua própria autoridade. Cada som védico é sagrado porque é parte dos Vedas. Aqueles que têm fé nos Vedas e na sua autoridade podem viver isto pessoalmente. Os grandes sábios foram enriquecidos por essas experiências e as louvaram como a fonte da sabedoria. Elas não são limitadas pelo tempo ou espaço. Sua validade pode ser reconhecida não só na Índia, mas pelos povos de todos os países. Elas estabelecem verdades básicas, e isto é garantido.

A religião védica originou-se não sabemos quando; outras vieram mais tarde. Esta é a diferença. Assim, se o Absoluto deve ser conhecido, não é possível ser bem sucedido só com a ajuda da capacidade e força do homem. A inteligência do homem opera apenas dentro de certos limites – “Buddhigrahyam atendriyam” (O intelecto transcende os sentidos). Mas os Vedas estão além do alcance da inteligência. A inteligência é restrita. Ela pode tratar apenas de fatos descobertos pelos sentidos e pelas experiências relacionadas a estes. Ela só pode agir na área do visível, do viável.

A Mãe Veda tem sido generosa com seus filhos — a raça humana. Para santificar seus anseios e soerguer a raça, ela postulou o conceito do Tempo — e seus componentes, os anos, meses, dias, horas, minutos e segundos. Até mesmo os deuses foram declarados subservientes ao Tempo. O indivíduo ou Jiva é aprisionado na roda do Tempo e Espaço e gira nela, sem consciência de como escapar. Mas,

de fato, ele está além do alcance do Tempo e Espaço. Os Vedas estão direcionados para a tarefa de fazê-lo conhecer esta Verdade e libertá-lo desta camisa de força. A Mãe Veda tem muita compaixão; ela anseia libertar seus filhos da dúvida e descontentamento. Ela não possui nenhum desejo de inflamar ou confundir. Os homens sábios sabem muito bem disto.

A gravidade existe na terra desde tempos desconhecidos. Ela teve sua origem junto com a Criação da Terra. A Terra e a Força da Gravidade são ambas inseparáveis, indistinguíveis. Só porque ela não é reconhecida por uns poucos ou porque não é visível, seria tolice negar sua existência na Terra. Mas o fato é que ninguém sabia da existência desta força universal, embora ela lá estivesse junto da Terra! A força operava, mesmo quando o homem não era consciente dela. Enfim, depois de analisar vários princípios e realizar vários experimentos, o físico ocidental Newton anunciou que a Terra tinha a força da gravidade. O mundo aceitou sua declaração e considerou-a como verdade. Mas a força operava todo o tempo, mesmo antes do anúncio feito por Newton. Não começou a operar de repente, quando os experimentos a demonstraram.

Os Vedas são Verdade Eterna; existem antes mesmo das pessoas desta terra as descobrir, praticarem e viverem. Assim como físicos ocidentais anunciaram a existência da gravidade após seus experimentos, os ancestrais desta terra demonstraram a autenticidade inata dos Vedas, por meio de sua própria experiência. Aqui também os Vedas existiam muito antes de serem descobertos e postos em prática. As Leis da Gravitação de Newton beneficiaram o mundo todo; elas exprimem verdades universais aplicáveis a todos os lugares e tempos. Não estão confinadas apenas aos países ocidentais. Assim

também, os Vedas são a Verdade, não meramente para Bharat, mas para todas as pessoas na terra.

Não é correto dizer que Bharat ou Índia é o local de nascimento dos Vedas. O máximo que pode ser dito é que foram descobertos pelos povos de Bharat. Perguntar por que um acontecimento ocorreu num lugar e não num outro é, também, um sinal de uma mente confusa. O Divino autor decide o que vai ocorrer, quando e onde. Como Ele decide, assim acontece. O ambiente na Índia era propício para a revelação e o crescimento dos Vedas. Os Vedas foram trazidos aos corações dos sábios desta terra, este Karmabhomi (terra do karma), este Yogabhomi (terra do Yoga) e este Tyagabhomi (terra do sacrifício). Outras terras buscaram bhoga (luxúria) e, portanto, sua atmosfera ficou sobrecarregada de aspirações e realizações mundanas. A mensagem védica não poderia, portanto, ser facilmente compreendida lá. Como na Índia a busca espiritual era sinceramente procurada, juntamente com os objetivos materiais, as pessoas aqui tiveram a boa sorte de encarnar Veda Mata, a Mãe Veda.

É claro, isto não significa que Veda Mata não abençoe outras terras, ou seja, ausente lá. Ela é como a força da gravidade, presente em todo lugar. Veda é onipresente. Os sábios heróicos da Índia foram capazes de receber a Mensagem Védica, como resultado da sua prática espiritual, de renúncia e desapego bem como de sua capacidade de se concentrarem e de viverem a bem-aventurança resultante de sua prática. Eles eram tão sem egoísmo e repletos de compaixão e amor que compartilharam com os que deles se aproximavam, o que tinham ouvido e desfrutavam. Foram, desta forma, chamados de “Mantra Drishta”. Através da longa linhagem de seus discípulos, a mensagem atravessou as eras e se espalhou por toda a terra. Como

uma contínua enchente caudalosa, o misterioso Veda foi “visualizado” pelos sábios como Drishtas. Os indianos, povo deste país, estão bem conscientes desta dívida.

Os textos das escrituras da Índia — os Vedas, Upanishads, Smritis, Puranas e Itihasas⁴⁶ — são repositórios de profunda sabedoria. Cada um deles é um oceano de doce e substancioso leite. Cada um é sagrado e santificante. As águas do Oceano nunca podem ter seu volume reduzido, seja qual for o número de bombas que você usa para drenar suas águas. Enormes quantidades de água são transformadas em vapor pelos quentes raios do sol, reunidos em nuvens e retornados a terra como chuva. Isto ajuda a colheita de grãos e torna a terra verde com a vegetação. A maravilha é que, a despeito desta tremenda retirada e descarga, o nível do oceano não se reduz nem mesmo um pouco. Além disto, mesmo com milhares de rios ativos despejando suas águas nos mares, o nível não aumenta. Igualmente, as pessoas que suplementaram seu conhecimento dos textos das escrituras com a consciência de sua validade obtida pela prática das lições nelas contidas, não são afetadas por elogio ou culpa, seja qual for sua fonte e quantidade. Seus corações permanecerão puros, não afetados e calmos. As escrituras sagradas da Índia são fortalezas de tais inspiradoras lições.

Todavia, pode-se impregnar destas lições somente até o ponto da própria paciência e habilidade inteligente. Após dominar os textos e obter experiência ao colocar as lições em prática real, pode-se compartilhar a luz e a alegria com outros. Os textos da Índia insistem no valor da prática real e na necessidade de se confirmar as verdades pela experiência de seu impacto.

46. História; lenda; tradição (tal termo aplica-se principalmente às duas grandes epopéias hindus, o Mahabharata e o Ramayana.

Se uma pessoa deseja compreender claramente os livros sagrados e textos das escrituras da Índia, para apreender a sua mensagem, deve aprender a língua sânscrita. Ela não pode evitar tal responsabilidade e dever. A simples menção do sânscrito desperta, imediatamente, em muitos de nós, uma atitude preconceituosa: “É a língua morta de uma cultura que está morrendo; é valorizada pelo apego fanático de conservadores antiquados”, declaram os contemporâneos. Eles condenam a língua como algo que sobrevive somente através de fórmulas ininteligíveis, de rituais e cerimônias em rápido processo de desaparecimento, de ritos matrimoniais e outros exercícios fúteis. É uma língua muito difícil de ser aprendida, dizem. Tais crenças se enraizaram profundamente nas mentes dos modernos. Estas opiniões banais e atitudes falsas devem ser exorcizadas das mentes dos homens.

O sânscrito é uma língua imortal; sua voz é eterna; seu chamado atravessa os séculos. Tem em si a raiz básica de todas as línguas do mundo. Reverenciem o sânscrito como a mãe das línguas. Não ignorem sua grandeza ou falem mal dela. Quando anseiam aplacar a sede com o néctar oferecido pelos Vedas, precisam aprender o sânscrito. Para interpretar os Vedas e se aprofundar em seus significados e mistérios mais profundos, os sábios nos legaram livros-textos de ciências complementares como gramáticas, poesias, filosofia e astrologia. Suas pesquisas e livros abarcam vários campos do conhecimento como astronomia, geografia, jurisprudência, ética, epistemologia, música, psicologia e retórica. Cientistas ocidentais ficam boquiabertos de admiração pelas maravilhas da astronomia que eles desvendaram e as verdades desvendadas em outras ciências. Eles se beneficiaram das pistas fornecidas por aqueles sábios e estão engajados em pesquisas adicionais, encorajados pelas descobertas destes

antigos videntes. Eles reconheceram que aqueles antigos videntes avançaram muito mais que os gregos no conhecimento astronômico. Nos Vedas e na literatura suplementar que eles produziram, já estão revelados muitos segredos da natureza aclamados como descobertas revolucionárias da ciência moderna, como a existência e as explosivas possibilidades do átomo. Muitas seções do Atharvana Veda são consideradas pelos ocidentais como minas dessas importantes informações. Os alemães criaram institutos e universidades especiais para pesquisarem o conteúdo das toneladas de manuscritos em folha de palmeira dos textos Nadi, horóscopos e astronomia, medicina, química, toxicologia, matemática, etc. Eles estão aprendendo sânscrito para que este trabalho prossiga com sucesso. Na América, Rússia e até mesmo no Afeganistão as Universidades estão não só ansiosas para introduzir o sânscrito como matéria de estudo, como estão sendo pressionadas pelos professores e acadêmicos a fazê-lo! Os estrangeiros estão reverenciando estes textos da Índia como jóias de afortunadas descobertas.

A ciência do Yoga recebeu grande proeminência pelos indianos no passado. Mesmo agora, em muitos países do mundo, esta ciência está sendo estudada e praticada. Existe um grande número de instituições onde os Yoga asanas são ensinadas na América e na Rússia. Na Índia, todavia, quando a prática do Yoga ou da meditação é mencionada, as pessoas respondem achando que é uma senda espiritual relacionada com a escola de pensamento Vedanta. Quando se menciona o Yoga, muitos que ouvem esta palavra fazem imagens mentais de eremitas isolados nas profundezas de florestas densas, vestindo a roupa ocre de monges e vivendo de frutas, tubérculos e raízes. Sua opinião é de que disciplina antiga — Yoga sadhana, praticada por tais

ascetas sem lar. Esta é uma afirmação ignorante; nada verdadeira. A ciência do yoga é hoje pesquisada por físicos e outros cientistas dos países ocidentais. Nesta era da tecnologia, está cada vez mais difícil uma vida pacífica. Os homens tornam-se vítimas de diversos tipos de doenças mentais. Em países à frente da civilização como a América e a Inglaterra, as pessoas perderam o prazer do sono natural à noite. Elas têm somente o sono artificial induzido pelas pílulas que engolem. Como conseqüências destes comprimidos e de muitas outras drogas tomadas para evitar várias doenças, sofrem cada vez mais de males do coração e da pressão sanguínea. No final, tornam-se ruínas doentes. Tais vidas são altamente artificiais. As pessoas se afundam no medo e na ansiedade; mentalmente de um lado e fisicamente do outro. Não têm repouso. Drogas, tablettes, cápsulas e pílulas são produzidas aos milhões, mas a saúde geral não melhorou. Além disso, surgiram novas variedades de doença que rapidamente se desenvolvem. Alguns ocidentais inteligentes compreenderam que seu único refúgio é o Yoga. Eles confirmaram suas conclusões através de experiências e adotaram o Yoga com fé crescente.

Os Vedas são a mais antiga criação literária do homem. Atualmente a palavra “literatura” é utilizada para descrever escritos rabiscados às pressas no anseio por encontrar algo para gastar o tempo disponível. Eles não possuem qualquer valor interno ou significado. Destroem as características do bom caráter no leitor e implantam maus hábitos e atitudes. Não seguem a senda da Verdade. Mas a literatura é um termo que não pode ser aplicado a escritos ou poemas que descrevem falsos contos. Ela não deveria surgir das fantasias egoístas do indivíduo.

Os Vedas são a alma que sustenta a vida espiritual de Bharat; são a sopro que mantém as pessoas vivas. Possuem um poder divino,

fantástico em seus efeitos. Estão carregados das vibrações dos mantras, que podem ser experimentadas por aqueles que passam cientificamente pelo processo. Podem conceder também a força derivada dos símbolos e fórmulas de natureza tântrica. “Tantra” significa “os meios e métodos de utilizar os mantras para seu próprio bem”. O homem tem só poder físico e material. Seu karma torna-se santo e sagrado quando a mecânica (yantra) da vida é administrada por mantra e tantra. A técnica desta disciplina espiritual está no Karmakanda dos Vedas. Os antigos sábios se conscientizaram dela e a preservaram para a humanidade nos Quatro Vedas.

Incapazes de apreender tais verdades, aqueles que se orgulham de ser “modernos” proclamam que eles contêm apenas versos e mantras memorizados e repetidos por velhas carpideiras. Não somente os “modernos”, mas até mesmo aqueles que obtiveram a distinção de “eruditos máximos”, que se expõem ao público para obter fama, utilizam os Vedas para promover seu bem estar material e não para ajudá-los na senda espiritual. São incapazes de descobrir a missão sagrada para a qual existem os Vedas. Sempre que surge a oportunidade, eles se beneficiam da erudição, mas não anseiam ou são incapazes de utilizar os Vedas para purificar suas vidas diárias.

Como resultado, os “modernos” acham impossível desenvolver fé nos Vedas. Quando os pundits (eruditos) não buscam praticar os Vedas que aprenderam e estampam sua falta de fé ao não instruir seus próprios filhos na glória dos Vedas, naturalmente causam a descrença na sociedade inteira.

Muitos outros, a despeito de sua ignorância do significado dos hinos Védicos, expõem-se em locais cheios de gente, recitando os textos sagrados com mecânica ortodoxia. Estrangeiros – especial-

mente os estudiosos alemães — embora não tenham decorado os Vedas, compreenderam que os mantras possuem e transmitem um poder profundo. Eles têm levado para seu próprio país, durante séculos, partes dos Vedas e conduzido pacientes e minuciosas pesquisas sobre eles. Conseqüentemente, desvendaram estranhos mistérios. Descobriram que os Vedas contém os segredos de todas as artes que conferem progresso ao homem.

Como anexos aos Vedas, surgiram muitas escrituras. O Veda (conhecimento) do Manejo do Arco, o Veda de Ayu ou da Manutenção, Prolongamento e Preservação da Vida (medicina), o Veda dos Planetas e das Estrelas (Jyotih Veda) — muitos destes textos foram compostos e promulgados.

O sábio Vishvamitra descobriu o mantra Gayatri, que é dirigido à energia do Sol, Surya. Este mantra possui infinita potencialidade. É uma fórmula vibrante. Possui imensos poderes, poderes que são realmente fantásticos. Pois, o Sol é a divindade exaltada. Estudantes do Ramayana sabem que o mesmo sábio, Vishvamitra, iniciou Rama nos mistérios da veneração ao Sol, através do mantra Aditya Hridayam. O Gayatri permitiu à Vishvamitra utilizar armas raras que se curvavam à sua vontade, quando o mantra era repetido com fé. Através dos poderes que assim obteve, Vishvamitra tornou-se um grande cientista e criou uma contrapartida deste cosmos. Uma pessoa capaz de aumentar as capacidades de suas mãos e seus sentidos é agora considerada um “cientista”. Mas o termo (vijñani) era corretamente aplicado no passado somente àqueles que desenvolveram o poder espiritual e descobriram as fórmulas para penetrar no divino interno, aqueles imbuídos com fé e devoção, que podiam espontaneamente demonstrar tal poder na vida diária. Por outro lado, os “cientistas” de

hoje sabem apenas um pouco daqui e um pouco acolá. Exageram e se vangloriam do que aprenderam. Gostam da pompa e de se vangloriar. Alçam vôo nas fumaças do elogio. Tais absurdos são bem contrários ao verdadeiro comportamento de um cientista. Pois ele é humilde e manso. É consciente de que, não importa quanto saiba, há um campo muito mais vasto que ele ainda deve conhecer. É consciente de que a Graça Divina é a responsável pelo pouco que sabe.

Vishvamitra foi um cientista que reconheceu esta verdade. Portanto, não há ainda nenhum cientista maior que ele. Mas, embora um sábio de tão imensa eminência e de coração tão expansivo tenha vivido na Índia, ele não é lembrado pelo povo desta terra. Eles honram os estrangeiros que vislumbraram sua grandeza. Colocam sua fé naqueles pesquisadores que obtiveram lições valiosas dos Vedas. Veda é a Mãe de Bharat. Mas os filhos não reverenciam mais a mãe. Eles veneram a madrasta e acreditam nela! Este é o resultado do sistema educacional à moda inglesa.

Inquirindo mais profundamente no íntimo alcance dos sábios da antiga Índia, a construção de veículos — vimanas, capazes de voar no espaço é descrita pelo sábio Bharadvaja. A Ciência Mental havia evoluído tanto que eles podiam reproduzir o que havia ocorrido ou prever o que iria ocorrer. A Ciência da Medicina era altamente desenvolvida na Índia. Foi o sábio Bharadvaja que a ensinou, para o benefício da humanidade. O sábio Atreya tomou a si a tarefa de propagá-la e a técnica da cura. O santo Charaka compilou todas as descobertas numa samhita ou coleção, conhecida pelo nome dele. Ela trata em detalhes do diagnóstico de doenças, métodos de tratamento e cura, desenvolvimento fetal e outros fatos essenciais da ciência médica, mas não facilmente passíveis de serem descobertos. Os médicos compe-

tentes nesta ciência podiam, naquele tempo, remover ou corrigir cirurgicamente diversas partes doentes do corpo, quando a doença não podia ser curada com drogas. O santo Susruta descreveu em seu compêndio vários processos cirúrgicos. Este texto foi descoberto e está disponível para estudo. Dhanvantari, Nagarjuna e outros sábios trouxeram à luz muitas outras descobertas médicas da Índia Antiga, feitas por seguidores da tradição védica da pesquisa científica. Há também muitos textos valiosos a respeito de ética, jurisprudência e outras ciências sociais que são tesouros perenes, incrivelmente valiosos, como o Dharma Shastra de Manu e o Nyaya Shastra de Gautama.

Vedanta é a propriedade legítima de todo setor, casta, comunidade e raça, dos seguidores de qualquer fé e das pessoas de ambos os sexos. Vedanta significa Sabedoria ou jñana. Sabedoria relacionada a que campo do conhecimento espiritual? É a sabedoria baseada no conhecimento do Atma. Esta sabedoria é a suprema aquisição que pode ser alcançada na vida. Que ganho maior há para o homem que tornar-se consciente de seu Ser, ele mesmo conhecendo a si próprio? É necessário haver fé na possibilidade de conhecer a si próprio, em todo estudante da Shruti (os Vedas) e da Smriti (os Códigos Morais).

O objeto visto é claramente separado do objeto que vê. Esta é uma verdade universalmente aceita. Quem é este Eu que vê? Todas as coisas que possuem forma são reconhecidas e vistas por um órgão dos sentidos: o olho. O olho vê o corpo físico, os outros indivíduos, até mesmo os insetos, vermes e outras coisas. Ele vê tudo que está a seu alcance. O corpo também é uma coisa que o olho vê, junto com o restante. Portanto, como podemos concluir que o corpo é o Eu?

Então, quem realmente é este Eu? O fogo queima e também ilumina. Ele queima as coisas pelo calor e as ilumina pela luz que fornece.

O fogo é diferente das coisas sobre as quais atua. Agora, quem é o que conhece esta verdade — a verdade de que o “fogo” e as “coisas que ele queima” são diferentes? É o Atma. Quando uma lenha queima, o fogo está presente e ativo em toda ela. Igualmente, o Atma permeia todo o corpo e o capacita a realizar ações e a mover-se a si mesmo e a seus membros.

A luz irradiada pela lâmpada é o instrumento que nos informa à noite: “este é o copo”, “este é o prato”. O olho é um instrumento similar, que nos informa — “isto é uma casa”, “isto é um espinho”, “isto é uma pedra”. O olho não é o Atma. Na ausência da lâmpada, o olho, ou, na ausência do olho, a lâmpada, não podem reconhecer a casa, o espinho, a pedra, o copo ou o prato. Ambos — a lâmpada e o olho são os meios ou instrumentos da “iluminação”.

O instrumento, o olho, vê o corpo, onde ele está situado. O corpo que é visto não pode ser outro, senão um instrumento semelhante. Os sentidos são os que experimentam o ouvir, o saborear, o ver, o tocar e o cheirar. Quando o olho é percebido como um instrumento, os outros quatro sentidos devem, também, ser reconhecidos como instrumentos. Todos estes sentidos estão sob o controle da mente, que é o seu mestre. Mesmo esta mente é controlada e condicionada por algum outro mestre. A mente não pode ser o núcleo do homem.

O intelecto ou buddhi examina os materiais informativos oferecidos pela mente. Ele é o instrumento que julga e decide. Por exemplo, imaginem uma faca afiada. Por mais afiada que seja, ela não pode cortar uma fruta por iniciativa própria. Nem pode cortar por si mesma, o mais fino fio. Ela só pode fazer isto quando é segura pela mão de alguém. O intelecto é semelhante à faca. É impotente sem o “Eu”, o Atma que deve manuseá-la.

Consideremos, então, um outro equipamento do homem — o prana ou sopro vital. Vamos considerar se podemos chamá-lo de “Eu”? Durante o sono profundo, o homem não está consciente de que respira e de que os “sopros vitais” estão alerta! Dos três estados – a vigília (jagrat), o sonho (svapna) e o sono (sushupti), embora exista o prana em tudo, o homem não está consciente das experiências do estado de vigília enquanto sonha, nem das experiências do estado de sonho quando acordado. Durante o sono, os pranas não ativam o intelecto ou a memória. Eles parecem estar suspensos. Quando o chefe está ativo, os dependentes não podem ficar quietos. Como eles não estão uniformemente ativos sempre, os pranas ou o princípio prânico não pode ser considerado o “Eu” ou Atma.

Agora a respeito do Ego. Há dois campos nos quais ele opera, e portanto ele tem dois significados:

(1) Amor para si mesmo, ahamkara, o dehatma, a Consciência Corporal, o Eu Exterior e (2) o “Eu” Interno, o Pratyag Atma. As pessoas que não conhecem esta distinção se confundem e asseguram que o “Eu” é aplicável ao dehatma. Mas isto está errado. O corpo, como vimos, é um instrumento, um objeto; ele é aquilo que é visto e não o que vê. Como pode o Ego, identificado com ele, ser o Atma? O Ego também pertence à categoria do “visto”. Ele está ausente no sono e age falsamente nos sonhos. Como pode ser verdadeiro aquilo que está ausente nos dois estados?

Como resultado desta investigação, fica evidente que nem os sentidos, nem a mente, nem o intelecto, nem os sopros vitais — nenhum pode ser aceito como Atma e receber tal validade. Portanto surge a questão: o que então, quem mais é o Atma?

Ele não tem nem entrada, nem saída, nem mãos, nem pés, nem órgãos e membros, nem mancha ou falha. É o menor entre os meno-

res, o maior entre os maiores. Como o espaço, ele está em todo lugar. Ele é tudo e, portanto, é livre do “eu” e “meu”. É a consciência, como o fogo é o calor e como o sol é a luz — não tem afinidade com o desespero ou a ilusão. Ele é o supremo e eterno êxtase, paramananda. É o âmago, o coração de todos os seres; é a consciência em tudo. É o que vê tudo que é “visto”; ele vê todos os objetos vistos. Todos, seja for sua natureza ou estatura, que declaram, após serem servidos pelos sentidos que — “eu vejo”, “eu ouço”, “eu saboreio” etc., estão, na verdade, falando apenas de lâmpadas, de ferramentas e não do Atma. O Atma não é aquele que vê parcialmente, ou que vê em seqüência, ou que não vê ou um pseudo-visor.

O intelecto — buddhi, como a lua, não possui nenhuma luz própria. Como a lua, ele reflete a luz de outra fonte adjacente a ele, ou seja, o Atma. O buddhi só pode operar refletindo a Inteligência Cósmica, representada pelo Atma.

O Sol é chamado de Olho Cósmico, Jagat Chakshu, um nome baseado no envolvimento do Sol com a proximidade aos outros objetos. O Sol não tem sentido de ego ou sentido de posse e propriedade, nenhuma vontade ou necessidade ou desejo. Sua presença dispersa a escuridão e sua luz envolve o mundo. Portanto, Ele é chamado o Iluminador. Mas Ele não faz isto conscientemente, como se fosse obrigado. O Atma também não tem nem obrigação nem finalidade. Se perguntado como o Atma se torna um “autor, a resposta é: um ímã é um “autor”, simplesmente porque a agulha próxima se mexe?

A questão básica pode agora ser levantada. Será que o Atma existe? Se ele existe, como e com qual comprovação pode ser estabelecido? Não há necessidade de provar que o Atma existe, pois, se o Atma é capaz de ser provado por certos argumentos e linhas de

raciocínio, deve-se pressupor a existência de uma pessoa que utiliza esses argumentos e segue essas linhas de raciocínio. Tal pessoa será, de novo, o Atma!

É claro que, alguns homens podem responder que os Vedas são a autoridade para a existência do Atma e que o Atma pode ser experimentado e validado através dos Vedas. Os Vedas realmente proíbem certas atividades como não Átmicas ou opostas às normas esperadas daquele que acredita no Atma. Eles realmente recomendam certas atividades como a caridade, o comportamento moral como sendo Átmicas. Mas o Atma é sua própria prova, sua própria testemunha. Sua existência não pode ser estabelecida por outros fatos, ou coisas.

Os Shastras, que são textos suplementares aos Vedas, declaram que Deus reside em todo lugar onde as seis excelências são evidentes: entusiasmo (utsaha), determinação (sahasam), coragem (dhairya), bom senso (adbuddhi), força (shakti) e aventura (parakrama). A prece inicial do homem deve se dirigir a Deus (Ganapathi) para obter estes seis dons que purificam a consciência e revelam o Atma. A pessoa deve empreender, com bravura no coração, a descoberta de seu próprio núcleo atômico. Este não é um exercício para covardes. Pessoas más, de fé instável, com corações duvidosos e semblantes deprimidos estão destinadas a passar pela vida como rogis (pessoas doentes) e não como yogis (residentes no Atma).

Este é o sinal que distingue os sábios (jñani) dos ignorantes (ajñani). Krishna falou rindo, com uma explosão de alegria; Arjuna escutou, subjugado pela tristeza. O sábio está sempre cheio de alegria; ele ri. O “ignorante” é afligido pelo sofrimento; ele chora.

Para se obter a vitória, enquanto se investiga a natureza do Atma, deve-se passar pelos Asramas — os quatro estágios da vida, reconhe-

cidos e recomendados pelos textos escriturais do Sanathana Dharma. Cada um, enquanto passa por cada estágio, consciente dos deveres e responsabilidades prescritos nos textos, aprende para si um pouco da quantidade de conhecimento que leva à consciência Átmica.

Somente após os anos de infância que a rotina do ashram terá um impacto no homem. Até então, ele não pode obter nenhum conhecimento especial a respeito de seus deveres e responsabilidades. O homem tem a infância, adolescência, juventude, meia idade e velhice como estágios de crescimento. Há, também, estágios correspondentes no crescimento da sabedoria nele.

No primeiro estágio da infância, ele é levado da ignorância e “inocência” para o mundo do conhecimento, quando é aceito como aluno por um Guru (Preceptor). Depois disto, ele deve servir ao Guru e obedecê-lo sem se sentir preso e escravizado.

No segundo estágio, da juventude, ele deve partilhar com a sociedade os meios e medidas para seu progresso e segurança. Tem que começar a ganhar para seu sustento e gastar seus ganhos com cuidado inteligente. Ele tem também o dever de dar exemplos aos mais jovens que ele e guiá-los para os caminhos socialmente úteis. Ao mesmo tempo, deve trilhar os passos dos mais velhos e aprender deles as lições para seu próprio progresso.

No terceiro estágio, da idade adulta, deve ter a atenção inteligente dirigida não somente para seu próprio progresso e o da família e sociedade, mas, também, para o progresso do povo em geral. Isto também é responsabilidade dos adultos, e eles devem adquirir as capacidades necessárias para isso. Devem ter uma visão mais ampla da paz e prosperidade de toda a humanidade e tentar contribuir para ambas, dentro dos limites de sua capacidade e recursos.

A velhice é o quarto estágio. Por ocasião da chegada a este estágio da jornada, o homem já deve ter descoberto que as alegrias disponíveis neste mundo são triviais e passageiras. Deve estar equipado com o conhecimento superior da alegria espiritual, disponível através do mergulho na fonte interna de bem-aventurança. Através de suas experiências, seu coração deve ter se suavizado e estar pleno de compaixão. Ele deve estar envolvido na promoção do progresso de todos os seres, sem distinção. E ele deve estar ansioso por compartilhar com os demais o conhecimento acumulado e os benefícios de suas experiências.

Assim, foram destinadas ocupações e atitudes correspondentes aos vários estágios da vida humana. A prática é tão importante para confirmar uma pessoa na sabedoria, quanto à leitura é importante para confirmá-la no conhecimento. Acompanhando o conhecimento, a juventude deve cultivar as boas qualidades da humildade, reverência, devoção a Deus e fé inabalável. Ela deve se engajar em boas obras e apreciá-las pela alegria intrínseca que conferem. Durante a fase adulta, junto com a obtenção de riqueza e o envolvimento com a melhoria da sociedade, deve-se dar atenção à promoção e preservação das virtudes e à observância dos códigos morais. Deve-se dar os passos para melhorar o comportamento correto e a disciplina espiritual. Todos os níveis de consciência devem ser purificados e então dirigidos para tarefas sagradas.

Durante a meia idade, além de promover a família e a sociedade, o homem deve viver uma vida exemplar para inspirar seus filhos e apresentar, perante a sociedade, os ideais elevados e meritórios a serem praticados. Não deve haver nenhuma tentativa para desvalorizar a sociedade e beneficiar somente a família, pois é certo que isto fracassará. O princípio de Brahman pode ser realizado somente

através da purificação da sua atividade e da sua utilização para o serviço a tudo. Jamais será realizado se o indivíduo se basear na casta em que nasceu ou no equipamento intelectual que adicionou a si ou no domínio dos Vedas.

Aquele que nasce não pode escapar da morte em nenhum momento ou local. A todo momento muitos nascem e muitos morrem. Mas o homem precisa descobrir como “evitar” a morte. Mas o Atma, que é o núcleo do homem, não nasce; já que não assume um nascimento, ele não passa pela morte. A morte acontece ao corpo com o qual ele está associado, misturado. A ilusão de que o corpo é o núcleo, de que o corpo é real, isso é, verdadeiramente, a morte. Aflição por esta falsidade é o ato da morte. Estar livre desta ilusão é alcançar a imortalidade. O corpo é aquilo que se desintegra não o Atma, a Alma, o Ser. O corpo passa por mudanças a todo momento e a mudança final é a morte, quando o Ser, imutável, permanece. Quando se acredita que o corpo cambiante é si próprio e a pessoa começa a se referir a ele como “eu”, esse “eu” morre, mas o verdadeiro “Eu” é imortal.

Através de intensa atividade inspiradora e investigando cada vez mais corajosamente na direção de sua própria verdade, a consciência de que o “corpo é o próprio eu” pode ser suplantada e negada. Considere a fruta tamarindo. Quando verde não é fácil separar a casca da polpa e da semente. Assim também, aqueles que se prendem aos desejos sensuais e ao ato de alimentar e mimar o corpo não pode obter a consciência do Atma. Quando o tamarindo fica maduro, a casca pode ser quebrada, a polpa se separa da semente e a semente pode ser isolada, sem dificuldade. A investigação e a atividade sem egoísmo amadurecem a consciência e o Atma pode ser isolado do corpo, clara e puramente.

O corpo possui cinco envoltórios que escondem o Atma. Eles são agrupados sob três categorias: o denso, o sutil e o causal. O envoltório físico (carne, sangue, ossos etc.) e o envoltório vital (sopro) formam o corpo denso. Quando estes dois envoltórios, o corpo denso (stula), cede ou se desintegram o corpo também cede e não consegue se erguer.

A palavra sukshma, geralmente traduzida por “sutil”, significa em sânscrito “pequeno”, possui outro significado também — “aquilo que se expande”. O ar expande-se mais do que a água; o espaço é mais expansivo que o ar. Comparado com a vastidão da alma liberta, até mesmo o espaço deve ser considerado “denso”! O vapor é mais expansivo (sutil) que a água. Embora um bloco de gelo ou um pedaço de cânfora pareçam “densos”, tornam-se sutis quando aquecidos ou acesos.

A regra do mundo é que aquilo que é visto causa o não visto, o manifesto explica o não-manifesto. Mas a regra no reino do Espírito é diferente. O Atma latente causa o mundo patente. O Ser está por trás do tornar-se, e, finalmente, o tornar-se, funde-se no Ser; o patente é absorvido no latente. Como leite da vaca, o poder de maya ou relatividade flui da Pessoa Suprema, como os Cinco elementos que constituem o Cosmos (Prakriti), a manifestação patente. O Cosmos é conhecido como um composto, assim como leite é um composto de creme, iogurte e manteiga, que podem ser extraídos dele pela ação do calor e do frio, pela adição de gotas azedas, e o posterior processo de bater. O processo de bater separa a manteiga do leite. Da mesma forma, através de processos cósmicos e de fortes transformações de calor e frio, os Cinco Elementos Fundamentais (terra, água, fogo, ar, e espaço) foram separados e a Terra, esta Bola de Manteiga, surgiu como um produto do processo. Se uma pessoa

ou coisa tem um dos três traços de caráter (equilibrado, apaixonado, inerte) predominante na sua constituição, nós a classificamos como tendo este traço. Assim também o Elemento predominante em toda entidade criada, dá seu nome a ela. Esta é a razão pela qual o mundo no qual vivemos é chamado de bhumi, a terra. As regiões no espaço onde o elemento água predomina são chamadas de bhuvanloka (mundo sutil) e svarloka (mundo causal). Os materiais lá existentes fluem em correntes e fluxos.

Em resumo, o que aparece como o Cosmos constituído pelos Cinco Elementos é somente a superposição em Deus, do irreal Ser Individual e dos Cinco Elementos. Deus visto no e através do irreal aparece como Natureza. Esta não passa de uma imagem distorcida da Realidade, uma multiplicidade sempre mutante. A falha está no espelho que reflete, na mente que percebe, no cérebro que infere. O que o espelho apresenta como verdadeiro não tem nenhuma autenticidade. O espelho está coberto de pó e sua face não está lisa, de forma alguma. Deus não tem maya ou ilusão. Ele não tem nenhuma intenção ou necessidade de iludir, nem deseja que isto ocorra. Mas o homem, em sua ignorância, vê coisas que não existem e acredita que elas existem exatamente como as vê. Esta deficiência é chamada de adhyasa.

Quando Deus é refletido como Natureza, o reflexo torna-se maya. Assim como o leite torna-se iogurte, Deus torna-se Jagat, ou o mundo de incessante transformação, ou maya, ou a Imagem do Divino Imutável. Sua Vontade causa esta multiplicidade irreal no Uno que Ele é. Ele pode, por Sua vontade, terminar com isto. Ele é o mestre de maya.

Deus é onipresente, onipotente. Das três entidades, o Super Ser, o Ser e a Natureza, a Natureza tem, como seu propósito, realizar as necessidades do homem. Deus não tem necessidades ou vontades.

Ele é a mais plena e elevada Realização. A bem-aventurança de todo Ser e para cada Ser flui, espontaneamente, de Deus. Suas palavras a Arjuna na Gita são: “Oh Partha, Eu não tenho nenhum dever a cumprir nos três mundos”. Ele criou os deveres somente para promover a consciência de todos os seres vivos. Ele não tem nenhuma atividade ou obrigação. Ele traz o resultado de toda atividade. Sem Ele, nenhuma atividade gera resultado! Ele decide qual resultado deve resultar de qual ato.



23. MODOS DE VENERAÇÃO

Os Vedas são o mais antigo bem como o mais duradouro conhecimento (ou Shastra) descoberto pelo homem. Isto quer dizer que o homem não o inventou; ele somente o lembrou, no sereno silêncio da alma. Portanto, os Vedas podem levar o homem para a Visão da Verdade, inatingível pelos sentidos e não relacionada ao mundo material. Ela é inacessível à razão humana porque é transcendente. Assim, ela é descrita como paramam vyoma, o grande protetor, também o indestrutível, tat, a verdade. Estas palavras denotam todos os quatro Vedas, começando com o Rig Veda.

O termo Veda foi originalmente aplicado ao Senhor Supremo, Paramesvara, o que Tudo Conhece. *Vetti Iti Vedah* (Aquele que conhece é Veda). Então, foi aplicado ao princípio da compreensão — *Vedayati Iti Veda* (Aquila que se torna conhecido é Veda). O Rig e outros Vedas possuem a característica de tudo saber. Assim, este significado também é apropriado. Posteriormente, a palavra foi aplicada às atividades relacionadas aos Vedas — atividades que promovem os objetivos estabelecidos, a saber, a Retidão, a Economia, a Volição e a Espiritual.

O Senhor Supremo a tudo vê. Ele é a Pessoa para a qual todos os hinos dos Vedas convergem. Os Vedas permitem ao homem obter a visão deste Senhor e aqueles que a obtiveram são os sábios ou rishis. Eles foram guiados pelos Vedas. Muitos salmos, hinos e declarações surgiram deles. Como resultado, o próprio Senhor Supremo é referido como o Grande Sábio (Maharshi) no Brahma Sutra. Entre os 108 Nomes de Shiva, o Senhor Supremo, encontramos Maharishi e Mukhyarishi (o sábio chefe, o sábio mais importante). Mesmo os Vedas são personificados e referidos como rishi, pela mesma razão.

Brahman (o Absoluto) é outra palavra que significa o Senhor Supremo, assim como os Vedas. Desta forma, todos os atos, feitos sem outro desejo senão a realização de Brahman são também conhecidos como atividades de Brahma — Brahma Yajña. Rishi Yajña é um ato sacrificial — sem nenhum desejo de obter o fruto decorrente dele — projetado para obter a Visão da Verdade.

Enquanto se realiza esses atos sacrificais e yajñas utiliza-se a expressão svaha. Yajñas são atos puros, auspiciosos, sagrados. A exclamação svaha, usada ao oferecer oblações ou recitar os Vedas, está repleta de significado — Kesavaya Svaha (Oferta ao Senhor Keshava – Krishna), Pranaya Svaha (Oferta aos Sopros Vitais), Indraya Svaha (Oferta a Indra), assim é usada. O significado geralmente dado é: “Permita que isto seja devidamente consumido. Possam estes materiais, que agora colocamos neste fogo sagrado, serem plenamente aceitos e consumidos, de tal forma que, através deste Fogo, possam alcançar a Divindade para a qual foram destinados — Kesava, Prana, Indra”. Podem surgir dúvidas – por que orar ao Fogo por algo que é inevitável pois, é da natureza do Fogo queimar tudo que é posto nele. Mas o sentido das escrituras é diferente. Kalidasa no poema “Kumara Sambhavam” descreve os Himalaias como “Deva-tatma” (com Alma Divina), isto é, a Personificação do Divino. As escrituras diferenciam o Corpo Divino do Corpo Material, que toda entidade e ser possuem. O Corpo Divino de cada um não pode ser reconhecido pelos sentidos. Quando uma oblação é dada a ele, ela se santifica. Ahuti (oblação) é transubstanciada em havis (uma especial oferta de alimento durante as cerimônias védicas).

Oblação ou ahuti é assim descrita nos Vedas. A oferenda e o ofertante tornam-se um, através da aceitação (atta — oferta e adya — ofertante).

Quem, neste caso, é o ofertante o que aceita? É Agni, o Poder Divino inerente ao Fogo, ao Sol, ao Calor do Ar Vital, que mantém a Vida. Quando, através da recitação das fórmulas cerimoniais apropriadas, faz-se oblações materiais a Agni com a frase Svaha, esta não é uma mera exclamação. É expiação; é a realização da prece, que o ritual representa.

Os Vedas são conhecidos também como Chhandas. Este nome significa agradável, alegre; também está associado a vários significados — forte, vital, protegido. Já que todos os atributos e características podem ser dados aos Vedas, o nome acima é muito apropriado. As cerimônias e rituais sagrados que os Vedas expõem concedem alegria não só aos participantes, mas ao mundo inteiro e até aos mundos além. O Senhor Supremo, que é a fonte de bem-aventurança, é conhecido nos textos das escrituras como yajñanga (tendo o ritual védico como Seus Membros), yajña vahana (usando o ritual védico como Seu veículo). Quando Deus Absoluto assume a Forma, a primeira manifestação é Hiranyagarbha (o Ventre Dourado). Isto também é bem-aventurança personificada, tendo como veículo o Pássaro com as asas da Beleza, ou Garuda. O Senhor Supremo é também conhecido como Vrisha rata, Aquele cuja carruagem é o Touro, o símbolo do dharma (dever). Esta é a razão porque encontramos nos templos o pássaro Garuda esculpido ou como um ídolo diante do altar de Vishnu e a imagem do Touro ou seu ídolo, colocada diante dos altares de Shiva.

Chha ou Chhadana tem como seu significado original outro importante aspecto dos Vedas — protege, desenvolve ou promove, promove o bem estar, a suprema liberação de seres humanos engajados no incessante círculo dos assuntos humanos. Os seres humanos estão sempre presos às atividades com o propósito do lucro

disponível. Eles devem ser moldados como homens e mulheres corretos ao mesmo tempo. A Arvore da Vida deve ser protegida para oferecer-lhes frutos e sombra. Os Vedas devem evitar a destruição dos “fazedores” ativistas (amantes do karma) pelas más tentações de serem incorretos e os pensadores amantes da investigação (buscadores do conhecimento espiritual) das más tentações de buscar os sentidos escravizados ao prazer. Já que os Vedas tanto guiam como escudam, estes versos são chamados, em sua totalidade, de Chhandas. Por seu papel de armadura ou escudo, eles vertem bem-aventurança em todos que neles confiam. “*Chadanat chandasi*” (Ao proteger eles tornam-se “chandas”).

Há um mito a respeito dos rituais védicos, conhecidos coletivamente como yajña⁴⁷. Uma vez, yajña fugiu dos deuses tomando a forma de um antílope negro. Os deuses saíram em perseguição, mas só conseguiram recuperar sua pele. Aquela pele se tornou yajña, o símbolo do rito. As cores branca, escura e malhada daquela pele representam os Vedas: Rig, Yajur e Sama e foi venerada como sagrada exatamente por esta razão. Ela foi reverenciada como o símbolo do Conhecimento Triplo, isto é, a maestria dos três Vedas. A pele é usada pelos sacerdotes oficiantes e outros participantes, em todas as cerimônias védicas, para invocar os hinos protetores, chamados Chhandas. Acredita-se que as três cores representam também os três mundos, e, portanto, aquele que está sentado na pele ou que a veste beneficia os três mundos com as suas recitações e oblações védicas.

O mestre da cerimônia no yajña védico é descrito nas escrituras védicas como o “Feto no Útero”. Assim como o feto está seguro e

47. Literalmente: “sacrifício”: esta palavra, quando por um sacerdote iniciado (punjari) ou yogi, recebe poderes criadores. Também significa adoração, oferenda, etc.

protegido, com seus dedos entrelaçados e o corpo envolvido pela mãe, o sacerdote antes de iniciar os ritos deve se envolver na pele de antílope, que simboliza a Mãe Veda. Aos olhos humanos, é só uma pele, mas durante os ritos védicos, ela se torna um escudo. Esta é a razão porque, antes de usá-la, o iniciante reza dirigindo-se a ela: “Você é o escudo, Charma, me proteja como Charma”. Como Charma protege o homem do desespero, dos danos e do mal, passou a significar felicidade e bem-aventurança. Vishnu, o segundo da trindade, é a personificação da bem-aventurança. E os sacrifícios védicos concedem a bem-aventurança. Vishnu é considerado como o próprio *Yajña*⁴⁸ (*Yajño vai vishnuh*) — o Senhor Vishnu é a personificação do Triplo Veda.

Upasana: significa a aquisição da presença do Divino, o alcance da bem-aventurança da adoração. A tradição védica sanciona quatro sendas como legítimas e frutuosas para obter este alcance. Elas são chamadas de *sathyavati*, *angavati*, *anyavati* e *nidanavati*. Vamos considerá-las em mais detalhes.

Sathyavati: a escritura assim define o Divino: “*Sarva vyapinam atmanam kshere sarpit iva arpitam*” — O Atma é imanente em todo lugar, assim como a manteiga clarificada interpenetra toda gota de leite. Quando o buscador persegue a Verdade com esta convicção gerando seu esforço, a sua prática espiritual é chamado de *sathyavati* (baseado na verdade). “*Maya titam idam sarvam jagada-vyakta murtina*”, o Senhor declara — “Em minha forma latente, estou na Criação inteira, operando o mistério. Veja em Mim tudo isto, veja tudo isto como Eu”. Quando se é bem sucedido neste esforço, a senda *sathyavati* levará ao sucesso. “Eu serei visível a você como tudo isto

48. Neste contexto, *Yajña* é o sacrifício personificado; Senhor Vishnu, Brahma.

e em tudo isto”, garante o Senhor. O Senhor promete esta visão da imanência e transcendência a todo aquele que persiste, com sinceridade, nesta senda sathyavati.

Angavati: o Ser Universal é o Fogo, o Vento, o Sol, a Lua e tudo o mais. Ele é o Alento que sustenta a vida em todos os seres. Ele é o Fogo que a tudo ilumina. Ele é a Chuva que alimenta as plantas que dão o sustento. Assim, ele pode ser venerado seja como fogo (Agni) ou como vento (Vayu) ou como chuva (Varuna), graciosamente assumindo todas estas formas benéficas. Esta maneira de ver as coisas por meio das manifestações benignas ou angas é a senda angavati. Anga significa um “membro”, um “fato”, uma “característica”.

Anyavati, o buscador procura obter a Presença do Divino imaginando o Divino multifacetado e simbolizando, de maneiras perceptíveis, os atributos que estão evidenciados em cada faceta. Uma forma do Divino, o Onipresente (Vishnu) é representada com a Concha (símbolo da palavra primordial ou Som), a Roda (símbolo do Tempo) e a Maça (símbolo do Poder e Majestade). Com a faceta onde é atribuído o poder e a vontade de superar obstáculos (vighnesvara), a presa única é associada à precisão e concentração. Ishvara ou Shiva (a faceta da desintegração e dissolução) possui o Sula ou Tridente, simbolizando em suas três pontas, o Passado, o Presente e o Futuro. Rama, a forma da retidão ou dharma é sempre apresentado com o Kodanda, o Arco que pode mandar a Flecha (vontade) direta ao alvo. Krishna, a manifestação do Amor Universal, tem em Sua Coroa uma pena de pavão, simbolizando o olhar de mil olhos da Graça. Ele porta uma flauta onde toca músicas inebriantes. A flauta é o símbolo do buscador sem ego e sem desejo. A faceta da Sabedoria apresentada como a Deusa Sarasvati tem um Vina na Sua mão; Vina é um

instrumento musical de cordas, simbólicas das cordas do coração que respondem, com harmonia e melodia, ao toque suave da Verdade, Bondade e Beleza. Os buscadores meditam nestas agradáveis Personificações e no significado dos símbolos de seus atributos e adoram o Divino no deleite que brota em seus corações. Esta é a chamada senda Anyavati — a Senda da Divindade simbolizada, Anya significando o outro, o acessório, o anexo.

Nidanavati: esta senda é lenta, mas o progresso é sempre atingido quando cada passo é negociado com sucesso. “Shravanam (ouvindo a Glória de Deus), Kirtanam (cantando alegremente Sua graça especial), Vishnoh smaranam (sempre memorizando e recapitulando a Majestade e a Misericórdia do Senhor), Pada sevanam (aspirando cair aos Pés do Senhor), Archanam (oferecendo preces à imagem ou ídolo do Senhor). Vandanam (oferecendo gratidão pelas bênçãos recebidas), Dasyam (entregando-se à Vontade do Senhor), Sakhyam (confiando completamente nele), Atma Nivedanam (dedicando pensamento, palavra e ação a Ele), Tanmaya ashakti (ansiando fundir-se Nele) e Paramaviraha-ashakti (agonia à menor separação Dele)” — estes são os onze estágios pelos quais o buscador deve passar para obter a consumação final na bem-aventurança. Assim, o nome para esta senda é “devagar e sempre” (Nidana).

Estas quatro sendas (satyavati, angavati, anyavati e nidonavati) são cada uma, progressivamente mais recomendáveis que as anteriores, no que tange à simplicidade e praticidade. Elas concedem, no final, a Unidade com a Vontade Universal. Dos vários outros upasanas ou sadhanas mencionados nos textos sagrados e praticados por buscadores, Pratekopasana (Adoração de Ídolo) ou Pratiropopasana (Adoração de Imagem) são incluídos na Angavati Upasana. “*Sarvatah pani*

padam tat, sarvatokshi siro mukham”-“Em todo lugar estão Suas Mãos e Pés, em todo lugar a Cabeça e Face”. O Senhor (Madhava) tem Suas Mãos em todo lugar, pois Ele está em tudo. Ele vê através de todos os olhos. Ele pensa, planeja e resolve em todas as cabeças. Ele se alimenta através de todas as bocas, ouve de todo ouvido. Através de uma Forma, vocês podem adorá-Lo como todas as Formas. Este é o maior ideal – Ele está latente em todos os seres. Opera o invisível em e através de tudo. Isto é o Pratiupaasana – venerando-O como presente em cada um. Há muitos outros upasanas também mencionados nos textos:

Bhanopasana: Atribuindo ao Senhor o maior esplendor, a mais profunda compaixão, o poder mais potente, etc. e adorando-O assim.

Gitopasana: Adorando-O como o Mestre e Preceptor que ensina a Gita e revela o Caminho. O épico Mahabharata é venerado como um Veda, o quinto. Ele estabelece o código moral que o homem deve seguir para alcançar sua meta, tanto aqui como além. É uma inesgotável arca de tesouros de orientações para a vida correta e elevação espiritual. Aqui, o Senhor pode ser visto no palco teatral de Dharmakshetra (Campo da retidão), com todos os equipamentos e papéis, roteiros e contra-roteiros, epílogos e estratégias, para a Peça Cósmica que Ele encena em Sua própria e maravilhosa maneira. Essa peça é o épico Mahabharata. Nela os atores e atrizes, diálogos e textos, falas e músicas foram montadas por Ele. Ele é o elenco, o diretor, a platéia – tudo. É Madhava quem Se manifesta e manipula todo ser e coisa. De um lado, uma força material ilimitada estimulada pela cobiça incorreta, do outro, a força aparentemente limitada força do Atma, o sempre-correto. No Confronto Cósmico e no conflito entre estas duas forças, o Senhor se apresenta como o árbitro, a

suprema personificação da vitória do Correto sobre a Força. Este é o supremo néctar disponível no Mahabharata — a Bhagavad Gita, a Canção do Triunfo Divino. A lição fundamental que o épico procura ensinar está contida na Gita — o buscador se entregando, com as palavras, “*Karishye vachanam tava — Sua palavra será obedecida*”, e o Senhor admoestando o buscador, “*Svadharme nidhanam shreyah — Sua segurança e prosperidade está na realização do dever atribuído a você*”. Todo trabalho deve ser testado sob esse critério.

A senda da entrega à Vontade do Senhor não deveria ser descartada, pois ela pode levá-lo a um perfeito deleite e bem-aventurança. Se em vez disto, a pessoa cerra seus olhos e incute em si o conceito de que Ele é Brahman, perderá a alegria e tornar-se-á vítima da ansiedade. Quando se tritura a casca não se pode esperar que surjam grãos de arroz, não é? E Krishna não é outro senão o próprio Brahman!

Advaitopasana: o corpo da vaca tem o leite dentro. O leite tem nele a manteiga clarificada. Mas a manteiga clarificada não pode ser a fonte da força para a pessoa. O leite deve ser ordenhado, receber o fermento para fermentá-lo, a manteiga deve ser batida e clarificada para então produzir ghee — a manteiga clarificada que, quando consumido lhe dará força. Assim, também, embora Deus seja onipresente e onimotivador, Ele tem que ser descoberto e conhecido para que se obter a bem-aventurança, a conscientização. Como o óleo na mostarda, a manteiga no iogurte, como a água sob a terra, como o fogo na lenha, Deus está presente, mas não patente, em tudo. Deus está no corpo humano e na mente humana. Para tornarmo-nos conscientes Dele lá, é necessário o esforço espiritual. Quando ele é empreendido, a unidade de ambos pode ser alcançada. A pessoa não mais experimentará “dois” ou “a diferença”. A conscientização do um sem um segundo é a “Liberação”, o alívio da prisão.

Vishishtadvaitapassana:(monismo qualificado) Ramanuja considerou o problema do Deus que desejamos adorar e alcançar como real ser concebido como separado ou como dentro da pessoa. Sua resposta é: a Vida é a alma do corpo. Deus é a alma da Vida. Deus é quem concede, é a força, o sustentador. Busque-O com esse espírito. O Supremo Soberano Purusha onde residem todos os elementos, e que é o morador e motivador interno de toda a Criação, só pode ser conhecido e vivenciado pela Graça da entrega. Compreenda bem Sua transcendência e imanência e, descobrindo suas próprias limitações, entregue seu ego para partilhar da Sua Glória. A atitude mental do buscador deveria ser “Tvam eva sarvam mama deva deva”. Só você é tudo, ó meu Deus dos Deuses. Você é o anseio, você é a senda, você é a meta”. O esforço espiritual deve ser unidirecionado, inabalável, incansável.

Dvaitopassana: (dualismo) o enfoque dualista da relação entre Deus e o indivíduo é do marido e esposa. Vishnu, o Senhor, o todo livre e pleno, deve ser adorado como a esposa venera o marido. Entre esses buscadores — sadhakas, Chaitanya é o mais notável. Ele estabeleceu um verdadeiro *Chaitanyopasana*. Sem o angustiado anseio pelos Pés do Senhor Krishna a libertação não pode ser alcançada. Por quê? Até mesmo a purificação da inteligência não é possível sem esse anseio. Esta é a afirmação de Chaitanya. Ele declara que os sábios e outros seres capazes de imergir na bem-aventurança interior podem apreciar o êxtase da suprema conscientização, pela contemplação dos auspiciosos, restauradores e purificadores atributos do Senhor, Hari. Nenhum texto ou escritura é necessário para se alcançar esta bem-aventurança. Imersa nas ondas desse êxtase Divino, a pessoa ignora todas as normas do comportamento social e escapa de todas

as convenções. Ela canta em voz alta os nomes de Hari, espalha ondas de alegria, dança em divino deleite e vivencia a bem-aventurança genuína e não adulterada. Sente que os Pés do Senhor tornaram sagrado cada centímetro do chão. Assim eles cantam a glória do Senhor, plenamente sintonizados com Ele. Esta prática espiritual foi enfatizado como o mais fácil e frutífero, por Chaitanya. Seu objetivo principal foi atingir a ausência da consciência corporal que irrompe na inundação de êxtase do melodioso canto grupal e a majestade e misericórdia do Senhor.

Há umas poucas outras formas de adoração que merecem registro. O *Gowdeyopasana* é um destes. O Senhor Krishna, formulado e incorporado na Imanência imanifesta, como Purushotama e Radha, formulada e incorporada como Energia Universal imanifesta, são ambos, visualizados e conhecidos como Krishna-Radha ou mais comumente, RadhaKrishna. Madhava é um outro nome para Krishna, significando que Ele é o mestre do Cosmos ou Prakriti. Assim, o nome utilizado neste upasana ou devoção é Radha-Madhava. A recitação deste Nome é considerada, pelos seguidores desta senda, como capaz de levar ao êxtase que concede a liberação de todas as formas de prisão. Os acharyas ou fundadores desta upasana declaram ser esta a meta alcançada. O Senhor é a própria personificação do néctar do deleite. Os seres vivos podem ficar imersos no deleite espiritual só quando se impregnam daquele néctar. Os textos Shruti proclamam que aqueles nascidos em ananda só podem viver dentro e através de bem-aventurança. Diz-se que o nome sagrado Radha Madhava é a chave do baú do tesouro deste precioso néctar.

Radha-Madhava é Prakriti Purusha e esta categoria dual é assumida para representar a dualidade de Jivatma e Paramatma, a Alma Indi-

vidual e a Alma Universal, a Onda e o Oceano. Adoração é oferecida a ambos, através do Nome. Vallabhacharya proclamou: “Krishnastu bhagavan svayam” (Krishna é o Próprio Senhor). Foi explicado que atingi-lo é idêntico a se fundir no Universal, o objetivo dos monistas genuínos.

Saivopasana: é também, uma senda notável. Ela enfatiza a adoração a Shiva como formulado no lingam ou símbolo. “Lingam Sarva Kalam” — O lingam Infinito é o símbolo da energia primordial que forma a causa básica da origem, condição e progresso dos “elementos” que compõem o Cosmos. O lingam é a Própria Forma de Shiva e realizá-lo como tal é ao meta suprema, a liberação.

Virasaivopasana: defende a adoração de Shiva, o Senhor ou Ishvara, como o um e único, em todo lugar e sempre. A união do indivíduo no esplendor do lingam⁴⁹ ou Ishvara é o ápice de todo o sadhana, a realização da liberação.

Pasupatopasana: a entidade individual (Jiva) é amarrado pelo elo (pasa) das qualidades ou modalidades que surgem na natureza. Pasupati (Shiva) é adorado para poder obter a libertação da escravidão.

Shaktopasana: “Sarva Deva maye Deve” — “Devi é todos os Deuses”. A Energia Primordial Universal, Adi Parashakti, é concebida como a matriz de todas as formas da Divindade. O anseio Cósmico, Prakriti, é a causa da variedade e multiplicidade de expressão, das formas

49. Símbolo primordial da Criação; é um objeto ovóide ou elipsoidal que representa o estágio mais simples e primitivo da criação. É o símbolo da dualidade ou da bipolaridade do Universo Criado. O elipsóide é um sólido que possui dois focos, diferentemente da esfera, que possui apenas um centro. Esses dois focos representam a dualidade citada. O lingam é um objeto sagrado para os adoradores de Shiva, o aspecto transformador de Deus, e é considerado como uma das manifestações do próprio Shiva.

múltiplas. Mahesvara (Divindade Suprema) possui esta capacidade de se manifestar e é, portanto, assim chamado. Mahesvara e Parashakti são dois aspectos da mesma força. Esta força dual-facetada motiva o Universo, da vastidão do céu à terra inteira. A Pessoa Suprema imanifesta, manifesta-se como o Feminino Universal, maya, parashakti. Em cada indivíduo é vivenciada como conhecimento, força e atividade.

Jainopasana: (A comunidade Marvari – que empresta dinheiro, ao adorar o Senhor, adota uma orientação Vaishnavita. Ídolos de Vishnu, com os atributos tradicionais da Concha, da Roda, da Maça e do Lótus, são encontrados nos templos jainistas). Os jainistas têm como mantra:

NAMO ARIHANTANAM

NAMO SIDDHANAM

NAMO AYIRIYANAM

NAMO UVAJHAYANAM

NAMO LOYE SABBA SAHONAM

Significando:

“Saudações aos grandes heróis (Mahavira) que conquistaram o desejo, etc.

Saudações aos siddhas (àqueles que possuem poderes sobrenaturais)

Saudações aos grandes Mestres da Sabedoria Espiritual

Saudações aos grandes Professores que transmitem a sabedoria

Saudações às pessoas boas de todas as terras.”

Esta veneração quántupla ajuda a remover os efeitos maléficos de todos os atos pecaminosos. Experimentar o significado deste mantra

fornece a prosperidade total. Os jainistas declaram que quando alguém funde-se nesta adoração universal, é liberto e atinge moksha.

Sikh upasana: o Preceptor (Guru) que revela o Atma e conscientiza a pessoa de sua existência como sua Realidade, tem o mais elevado lugar neste sistema. A coleção dos ensinamentos dos Gurus — referidos como Granth Saheb — é recomendada e reverenciada pelos sikhis. Ela deriva da fonte das tradições espirituais bharatiya. Suas idéias formam o próprio âmago das características culturais indianas.

Christ upasana: O Senhor Jesus é o Salvador. O homem é, por natureza, pronto a cair em pecado, sabendo disto ou não. Jesus deu o sangue do seu coração na Cruz para libertar o homem do pecado e purificar sua alma. Seguir este Senhor e seus ensinamentos contidos na Bíblia e adorá-Lo — esta é Christ upasana. Cantem sua glória e adorem-no através de hinos — este é o modo de adoração que este upasana recomenda.

Muhammadan upasana: “*Imamdare khaida mey ho pygambar mey bharosa*”. Adquiram auto-confiança e depositem todos os fardos em Deus. Tenham fé implícita no poder de Deus, a todo momento da vida, reconheçam isto a cada passo — estas são as regras da vida com significado. É preciso evidenciar sua retidão no Durbar (Palácio) do Senhor, quando se prostra o corpo. Portanto, temos que seguir o caminho reto estabelecido pelo Senhor até o fim. Para isto, o Sagrado Corão é o guia. Ele deve ser reverenciado e observado nos mínimos detalhes. Esta é a instrução espiritual a ser observada neste upasana.

“*Allaho Akbar La Illah Ill Allah*” — Esta é a fórmula sagrada do Islã. Ela significa que Deus é o soberano supremo; Allah é o indiscutível e não superado Rei da Criação. Somente Ele é digno de adoração.

Na Bhagavad Gita, o Senhor Krishna diz: “Não há nada mais elevado que Eu”. A fórmula do Corão diz o mesmo. Muhammadan upasana é também uma Forma da mesma prática espiritual, baseada na mesma Verdade.

Todos estes upasanas revelam que, desde que o homem iniciou sua antiqüíssima investigação na direção de sua própria verdade, ele acumulou, especialmente em Bharat, um vasto tesouro espiritual que pode salvá-lo do desespero e da escravidão. O tesouro é tão vasto e tão profundo que sobreviveu à passagem dos séculos, tão vasta e tão profunda como era no passado, sem ser afetado pelo surgimento de diferentes modos ou do influxo de outras formas de adoração.

Além disto, a sabedoria espiritual da Índia é hoje um farol triunfante, brilhando com uma chama esplendorosa na escuridão que se adensa, iluminando todas as terras, englobando todas as raças e encantando toda a humanidade.

Não há sorte mais esplêndida do que nascer nesta terra sagrada, Bharat, receptáculo desta cultura magnífica e benéfica, que pode salvar o mundo. Estar consciente desta benção é, realmente, fonte de imensurável bem-aventurança — amanda.



24. O CORPO DIVINO

A base sociológica da cultura indiana deve ser claramente compreendida. A humanidade se divide em quatro grupos, quando são consideradas a natureza e as tendências inatas. Eles são chamados de brâmane, kshatriya, vaishya e shudra. Esta demarcação não é uma conspiração egoística, deformada e projetada para os “superiores” massacrarem os “inferiores”. Nem é consequência de um plano invejoso para obstruir o progresso humano. É melhor julgá-la como um plano para promover a expansão do alcance humano ao patrocinar as tendências e traços de cada pessoa. É o caminho real para o progresso humano. Funciona só para a promoção e regulação da atividade humana de maneira que harmonia e o bem-estar social sejam garantidos.

Na Gita, o Senhor Krishna declara, como os leitores já sabem: *“Chaturvarnyam maya srishtam guna karma vibhagasah tasya karta ramapi mam viddhi akartaram avyayam”* (Eu criei os quatro varnas ou castas, o brâmane, o kshatriya, o vaishya e o shudra, baseado na disposição e vocação natural de cada um. Conheçam-Me como autor disto, e também como o não-autor, o Imutável).

O sistema de castas é baseado em atributos e atividades. O mundo era, em seu início, predominantemente sátvico – pureza em sua natureza e como consequência todos eram só brâmanes. Posteriormente, com a adoção de várias vocações e o desenvolvimento de várias inclinações e preferências, os diferentes tipos de pessoas foram demarcados em castas. A classe única dos brâmane, de rishis e Sábios, teve que ser posteriormente dividida, no interesse da harmonia e justiça social, quando variaram as qualidades de caráter.

No Shanti Parva (Mahabharata), o sábio Bhrgu respondeu detalhadamente a uma pergunta levantada a este respeito pelo sábio Bharadvaja. Foi ela: “Brâmanes que gostam de prazeres mundanos, afetados pelo egoísmo, sujeitos à ira, luxúria e a outras paixões possuem raja guna misturada à sua natureza sátvica inata, e, portanto são classificados como kshatriyas. De fato, os brâmanes todos não podem ser predominantemente sátvicos em sua natureza, nem podem ser todos devotados à atividade ritual pura. Aqueles que não aderem ao ideal sátvico da Verdade e que apresentam as qualidades tamásicas misturadas com traços rajásicos, àqueles que eram basicamente tanto tamásicos quanto rajásicos foram classificados como vaishyas. O restante, que passam as suas vidas em ocupações violentas, que não praticam a limpeza e que estão enredados nos meios tamásicos de ganhar a vida, foram classificados como Shudras. Assim, os Brâmanes denotaram várias castas e garantiram a segurança da sociedade humana. Esta é a afirmação das escrituras, as Shrutis.”

Aqueles com características sátvicas — puras são brâmanes; aqueles com qualidades rajásicas, e conseqüentemente equipados com coragem e heroísmo, são os kshatriyas que podem proteger a humanidade do mal. Aqueles que não possuem nem valor nem heroísmo, mas que são hábeis no talento de persuadir e nas táticas de comércio e que anseiam para usar estas habilidades de maneira correta, são os vaishyas. Nesta classe, estão misturados os gunas rajas e tamas. Os demais, que não possuem qualquer tendência para seguir o ascetismo ou obter erudição, que não praticam disciplinas espirituais, que não possuem vigor físico e coragem mental necessária para a luta, que não possuem a habilidade especial necessária para a troca e o comércio, são de natureza tamásica e, portanto, se en-

gajam em profissões tamásicas. Eles são os Shudras. Eles se realizam pelo trabalho físico, por meio do qual contribuem para a paz e a prosperidade mundial.

As quatro castas acima são apenas membros de um corpo; não são entidades separadas. Não há base para considerar uma superior e outra inferior. Cada uma cumpre sua função, de tal forma que o corpo possa ser saudável e feliz, para que possam obter o mais elevado grau de consciência pelo seu próprio papel. Assim, a antiga organização védica Varna, baseada nesses amplos ideais, foi considerada como Plano divino. O plano testemunhou a verdade de que as quatro castas são os quatro membros da Pessoa Cósmica Divina ou Purusha.

Esta verdade torna-se clara quando consideramos a divina declaração no Purusha Sukta encontrada no Rig Veda:

Brahmanasya mukham aset Baho rajanyoh Kritah Oro tad asya yad Vaishyah Padbhyam Shodro ajayata

Nesta declaração, aqueles com natureza sátvica pura e estabelecidos no conhecimento ou sabedoria mais elevados, isto é, os brâmanes, são considerados como a face da Pessoa Cósmica; aqueles predominantemente corajosos, fisicamente fortes, tendo em sua natureza qualidades sátvicas e rajásicas, os kshatriyas, são os braços da Pessoa Cósmica; aqueles de natureza rajásica misturada com tamas e eficientes nas artes do comércio, os vaishyas, são as coxas da Pessoa Cósmica; aqueles ativos e engajados no esforço físico, que possuem tamas, os shudras, são os pés da Pessoa Cósmica. O Senhor é assim descrito no Rig Veda como a maravilhosa e esplendorosa personificação de tais componentes.

Mas, esta organização varna, sagrada e profundamente significativa, caiu em mãos de homens egoístas e ignorantes, de visão curta

e ideais estreitos. Eles a expuseram, por escrito, segundo sua própria fantasia. Desta forma trouxeram grande mal ao mundo. Como resultado, o sistema é interpretado hoje como um plano arquitetado pela maioria para suprimir a minoria!

A Casta é a Própria Pessoa Cósmica manifestando-se como a Sociedade Humana. É a forma visível do Senhor, encantadora em cada membro. É uma grande pena que esta verdade não seja amplamente reconhecida. É a boa sorte desta terra, Bharat, que, nesta Visão, o Senhor, como a integração física dos “membros da casta”, está promovendo paz e harmonia, prosperidade e bem estar a toda humanidade. Não conscientes desta verdade, as pessoas declaram que este sistema é só um mecanismo fabricado pelo homem e que, de fato, todos os homens são iguais. Elas baseiam esta conclusão em características externas e se agitam apoiadas no pensamento de que toda a humanidade é uma espécie. Claro, é verdade que todos os homens pertencem a uma mesma espécie. Mas grupos distintos surgem como resultado das diferenças de caráter e das profissões que adotam. Isto é uma decorrência inevitável. Ninguém pode negar isto. Nem todos são sátvicos neste mundo humano; só muito poucos têm esta natureza. Julgando só pela mera aparência, não se pode declarar que todos os homens são iguais. Devemos distinguir e discriminar e agrupar segundo as naturezas sátvica, rajásica, tamásica, ou pelas combinações de uma ou mais dessas naturezas, separadamente. Ninguém pode dizer que isto seja errado.

De uma forma genérica, os de natureza predominantemente tamásica são agrupadas como shudras; mas, dentre estes, será que não há muitos que são de pura qualidade sátvica? Dentre os que são agrupados como brâmanes, o tipo puro sátvico, não há muitos

que são predominantemente tamásicos? Em consequência, a religião védica de Bharat estabeleceu claramente que a aparência ou o nascimento numa família, por si mesmos, não podem decidir a casta. Ela deve ser determinada baseada no caráter e na ocupação.

Os quatro varnas constituem os membros do corpo Divino do Uno e Único Senhor. Todos são importantes e indispensáveis pelo papel que desempenham. O objetivo de cada um é servir ao Senhor através do serviço ao homem, segundo o seu dharma, os costumes aceitos para conduta e os modos de comportamento.

Algumas pessoas afirmam que os shudras não têm nem o direito nem a responsabilidade para praticarem a disciplina espiritual ou tapas, e que os Brâmanes os possuem. O que devemos lembrar aqui é que a restrição é para a natureza shudra, não para os indivíduos nascidos como shudras. A permissão é para a natureza brâmane, não para todos os indivíduos nascidos como tal. As vacas são inúteis para cavalgar; os cavalos são inúteis como produzir leite. Estas declarações são baseadas não no rancor contra uma espécie ou na maldade contra qualquer uma delas, mas na natureza e características dos animais envolvidos. Ambos são quadrúpedes. Todavia, suas naturezas distintas decidem que uma é útil pelo leite que gera e a outra para o propósito de cavalgar. As castas não se baseiam na raça ou no nascimento, mas na natureza e tendências inatas e na profissão adotada e escolhida.

Todas as fagulhas são fogo. Há somente uma casta, a Humanidade. Elas não podem ser declaradas separadas e nem há qualquer necessidade de afirmar que não são separadas. Assim também, homens ou seres individualizados não são separados de Brahman ou do Absoluto Universal. Nem há qualquer necessidade de se afirmar

que eles não são separados. A relação entre Brahman e Jiva não é de identidade ou unicidade, mas de causa e efeito.

Até que a liberação seja atingida, o particular é distinto, é separado. Quando liberto, já que a causa da individualização está ausente, o Jiva é uno com Brahman. Separação e unidade de Jiva e Brahman são consequências da ilusão da escravidão e da consciência da liberdade.

Brahman é auto-efulgente, auto-iluminante. Ele não é o “objeto” da consciência. Ele conhece todos os objetos. Todas as coisas e seres pertencem à categoria do “visto”, “observado” ou “conhecido”. Ele é o que vê não o que é visto. Quando a forma é o “visto”, a mente é “o que vê”. Quando a mente e as atividades do intelecto são o “visto” ou “observado”, então a Consciência testemunha é o que vê.

Esta Testemunha não pode ser vista por ninguém. Todas as coisas conhecíveis são o corpo do Atma, não o Atma. Elas são combinações de nome e forma, como potes e panelas de barro, que se imprimem na consciência como “vistos” e a iludem como a “prata” da “madrepérola”. O Atma é; Ele existe por e para Si Mesmo. O Universo é o “outro”, para os outros; é “real” e disponível para outros. O Universo não possui nenhuma Realidade inata. Ele emana de Brahman e sua realidade baseia-se na realidade de Brahman. Portanto, sua realidade é inferior à de Brahman.

A ilusão criada por um mágico para iludir os outros não afeta o próprio mágico. Da mesma maneira, já que o Universo é gerado por Brahman, é claro que ele não pode afetar Brahman.

O Universo ou Jagat aparece como emanado, experimentado e desintegrado. Estes três não passam de ideias superpostas à Realidade Una, não passível de modificações, tal qual a cobra sobreposta à corda, no crepúsculo. Esta ideiação é maya, pois ela esconde

e revela ao mesmo tempo. Maya não pode ser considerada irreal. A corda que aparece como uma cobra é reconhecida como corda quando a cobra desaparece. mas, o universo não desaparece assim. sua existência não pode ser desconsiderada. é um fenômeno único; não podemos compará-lo a nenhum outro. não podemos descartá-lo como irreal ou aceitá-lo como real. ele é sat-asat, não é asat. isto quer dizer, real-irreal, não irreal.

Ele persiste por algum tempo e é, portanto real. Não persiste por todo o tempo e é, portanto, irreal. Uma coisa é verdadeira só enquanto ela não for algo diferente. Enquanto o tratamos, no nível relativo, prático e temporário, o Universo permanece como Universo. Ele é relativamente real. A Verdade é Una, ela tem somente uma característica. O Universo possui características variadas ao longo do Tempo, Espaço e Causação. Portanto, ele é irreal. Shankara proclamou que Jagat, ou o Universo, como irreal. Quando a Verdade mais elevada é conhecida, o Universo é revelado como nada mais que uma aparência sobre o Real e distinto do básico Brahman. Já que Jagat é imposto pela mente sobre a verdade de Brahman, deve ser tratado, também, como um fenômeno brahmânico. “Sarvam khalvidam Brahman” (Tudo isto é, de fato, Brahman).

De fato, Brahman e maya possuem uma relação íntima. A Verdade, uma vez estabelecida e fixada, é sempre inafetada. E maya não é fundamentalmente verdadeira. O que é aprendido pelo impacto da aparência é pseudo-conhecimento. É mithya⁵⁰ jñana, ou avidya (desconhecimento). Mithya (ilusão) ou avidya (ignorância) desaparecem assim que a Aparência é negada e a Verdade é compreendida.

50. Mistura de verdade e falsidade; não é verdade nem inverdade, mas algo intermediário. O mundo não é inverdade (asat), mas mithya.

Maya não é inválida nem válida. O Universo aparece para cada um de acordo com o ponto de vista ou o ângulo de visão. Ele não tem nenhuma existência independente, a não ser as ideias projetadas pelo e para o observador. Seu suporte e sustento é Brahman. Brahman é a Causa inafetada. O efeito não tem qualquer efeito sobre Ele. Maya é o efeito que leva à mudança inevitável. Brahman é a Verdade Suprema e Una, que assumiu a multiplicidade do Cosmos, em decorrência da influência de maya. Quando Brahman é entendido como maya (ilusão), Ele se torna a causa material do Cosmos. Ele está no Cosmos como Cosmos. Brahman é considerado a Causa instrumental do Cosmos, mas maya é a influência geradora. Brahman está além, tanto da causa quanto do efeito. Ele não pode ser a causa, nem instrumental nem material.

O Cosmos pode ser concebido como uma imagem, onde a tela plana é Brahman e as cores nela espalhadas é ele, a aparência imanente na tela. As figuras humanas são escuras. O Jiva é o que experimenta a dor e o pesar, através de seu envolvimento com Jagat. Ele é o “visto”, “o observado”. Brahman é a Verdade; Jagat é o jogo, a pantomina, o esporte. É a manifestação da vontade latente em Brahman. Reconhecer a Vontade subjacente ao Jogo é alcançar a liberação.

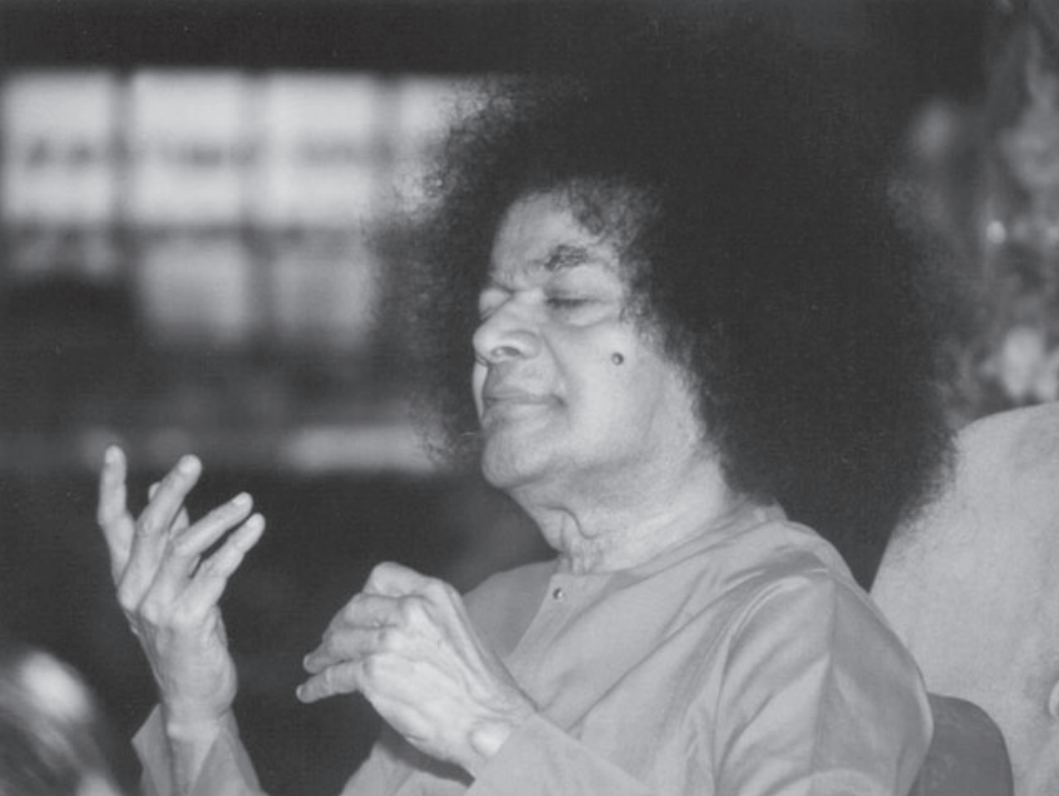
A meditação (dhyana), adoração (puja), ritos e rituais (karma) e outras atividades são estabelecidas para aqueles obtusos demais para reconhecer esta Vontade. Somente aqueles que renunciam aos frutos do empreendimento mundano podem exigir o direito de seguir a senda da sabedoria (jñana). Os aspirantes espirituais na senda Vedanta devem estar equipados com: (1) a discernimento para distinguir entre o transitório e o eterno, (2) a determinação para desistir dos prazeres desse mundo e de outros mundos (3) o controle dos

sentidos, o auto-controle, o distanciamento, o desapego, a fortaleza, a fé e a equanimidade e (4) o anseio ardente pela liberação. Todas as coisas devem ser vistas como produtos da Vontade Divina e utilizadas com a reverência que tal conhecimento inflama a Consciência.

As sendas da atividade sagrada e do discernimento intelectual, de karma e jñana, são planejadas para diferentes buscadores. Não é possível misturar as duas e segui-las assim. Vida correta confere vida nova. A prosperidade é a dádiva do conhecimento do dharma. A liberação é a dádiva do conhecimento de Brahman. A consciência de Brahman não exige, para sua continuidade e constância, a prática de nenhuma disciplina espiritual — sadhana. Não depende da realização de quaisquer deveres ou trabalhos específicos.

A liberação é de dois tipos: a imediata e a gradual. A primeira é resultado da obtenção da sabedoria, jñana. A segunda resulta de upasana, o estudo espiritual e disciplina espiritual. Jñana ou sabedoria é a experiência monista imaculada e pura. Bhakti ou devoção é da natureza do Amor Supremo, caracterizada pelo Amor por Deus, dirigido, unicamente, para o Senhor.





OM SRI SAI RAM

